



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Maria Clara de Paula Resende Nery

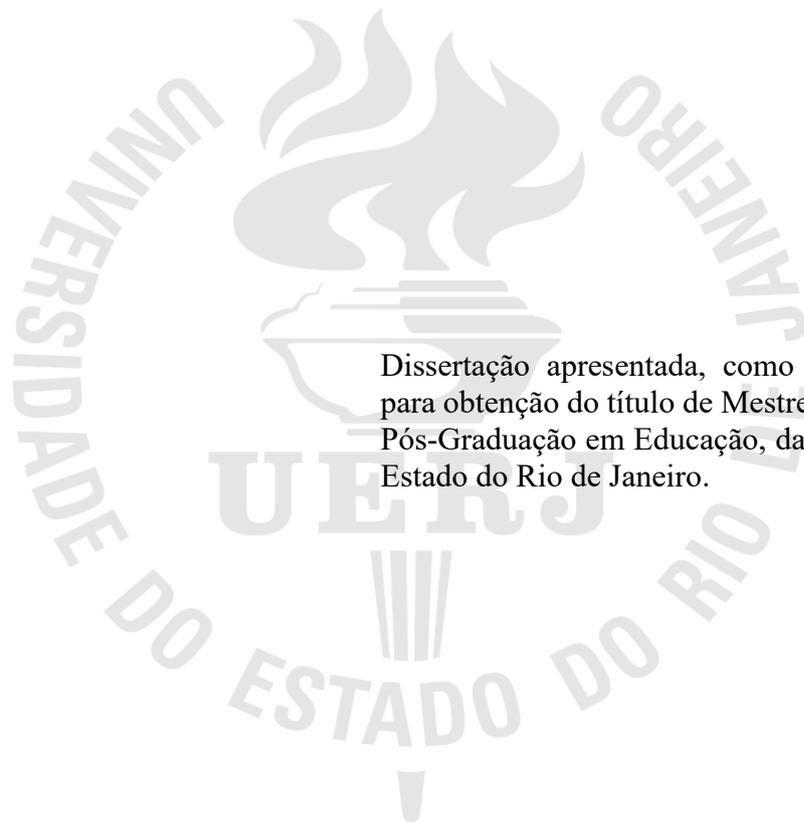
**Diário de uma autoficção acadêmica na pandemia: Notas sobre o ensino
remoto emergencial**

Rio de Janeiro

2024

Maria Clara de Paula Resende Nery

**Diário de uma autoficção acadêmica na pandemia: Notas sobre o ensino remoto
emergencial**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Nolasco-Silva

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Tania Lucia Maddalena

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N456 Nery, Maria Clara de Paula Resende
Diário de uma autoficção acadêmica na pandemia: Notas sobre o ensino remoto
emergencial/ Maria Clara de Paula Resende Nery. – 2024.
127 f.

Orientador: Leonardo Nolasco-Silva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação

1. Educação – Teses. 2. Ensino remoto – Teses. 3. COVID-19 – Teses. I.
Nolasco-Silva, Nolasco-Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Clara de Paula Resende Nery

Diário de uma autoficção acadêmica na pandemia: Notas sobre o ensino remoto emergencial

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 12 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Leonardo Nolasco-Silva (Orientador)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Tania Lucía Maddalena
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Luciana Velloso da Silva Seixas
Faculdade de Educação – UERJ

Prof. Dr. Felipe da Silva Ponte de Carvalho
Universidade Estácio de Sá – UNESA

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

À memória de Maria Aparecida Resende Dentino (1956-2020) e Rubem Barbosa Nery (1932-2022).

Na parede da memória essa lembrança é o quadro que dói mais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à espiritualidade, por me conceder saúde, força e discernimento ao longo deste percurso. Sou eternamente grata pela energia Reiki e pelo amparo dos Abraham Hicks nos momentos mais desafiadores da pesquisa.

A todas as professoras e professores, expresso minha mais profunda gratidão por contribuírem para o meu crescimento acadêmico. As discussões nas aulas, no grupo de pesquisa, as sugestões e as críticas foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também à Conceição Evaristo pela inspiração ímpar e companhia literária de amor e afeto neste processo.

À minha família, deixo um agradecimento especial. Vocês foram a minha base, oferecendo amor incondicional, paciência e incentivo em cada etapa. Agradeço aos meus pais, meu avô e minhas madrinhas por acreditarem em mim e por sempre me apoiarem em minhas escolhas. Mãe, obrigada por cada palavra e energia de amor e proteção depositadas. A vocês, devo tudo que sou e tudo que alcancei até aqui.

Ao meu companheiro, fonte de inspiração diária, impulsionando-me em cada etapa, caminhando sempre ao meu lado e me mostrando que sempre serei capaz daquilo que acreditar.

Aos meus queridos alunos e alunas, que viveram comigo o processo da pesquisa e sempre se mostraram interessados pelas minhas produções.

Por fim, agradeço às minhas amigas e à minha psicóloga que me acompanharam mesmo à distância e souberam estar presentes nos momentos mais difíceis. Suas palavras de incentivo e compreensão foram fundamentais para que eu mantivesse a determinação e a coragem de seguir em frente.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, meu muito obrigada. Este trabalho é fruto de um esforço coletivo, e cada palavra escrita reflete um pouco do apoio e da confiança que recebi ao longo desta caminhada.

Se ao menos o medo me fizesse recuar,
pelo contrário,
avanço mais e mais
na mesma proporção desse medo.
É como se o medo fosse uma coragem ao contrário.

Conceição Evaristo¹

¹ Trecho do livro “Olhos D’água” (2014) de Conceição Evaristo.

RESUMO

NERY, Maria Clara de Paula Resende. Diário de uma autoficção acadêmica na pandemia: notas sobre o ensino remoto emergencial. 2024. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2024.

Este trabalho busca investigar por meio de uma dissertação em formato de diário (HESS, 2009) autoficcional, as transformações nas práticas pedagógicas e nas relações *'doscentesdiscentes'* no Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a pandemia. Utilizando (Certeau, 1994) a narrativa fabulada (Deleuze; Gatarri, 1995) a pesquisa se baseia na criação de uma personagem conceitual, Maria, que serve como intercessora entre a autora e o leitor. Maria incorpora aspectos biográficos e ficcionais, assim como características das interlocutoras da pesquisa, fundamentando-se no conceito de *'praticantepensante'* alegórico (Nolasco-Silva, 2019). Assim, narro experiências coletivas, pessoais e profissionais durante o ERE, investigando como a pandemia redefiniu os processos de *'aprenderensinar'* e impactou as práticas acadêmicas. Ancorada na ideia de que "somos o nosso próprio campo de estudo" (Ferraço, 2021), a pesquisa adota a cartografia online como metodologia para mapear as experiências de *'doscentesdiscentes'* no ciberespaço, destacando as interações e desafios enfrentados no contexto da cibercultura. A cartografia revela como a educação mediada por tecnologias digitais, sob o ERE, difere da Educação a Distância (EaD) tradicional, atuando como uma adaptação temporária em resposta à crise global. Ao dialogar com teóricos como Deleuze e Guattari (1995), Adichie (2009), Nolasco-Silva (2019), Maddalena (2018), Alves (2011) e Larrosa (2019), a pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre as novas práticas pedagógicas e as transformações no cotidiano escolar provocadas pela pandemia.

Palavras-chave:

Autoficção, Ensino Remoto Emergencial, Cartografia na Cibercultura, Educação e Pandemia.

ABSTRACT

NERY, Maria Clara de Paula Resende. *Diary of an academic autofiction during the pandemic: notes on emergency remote teaching*. 2024. 129 f. Dissertation (Master's in Education) – Faculty of Education, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2024.

"This research aims to investigate during the pandemic, through an autofictional diary dissertation (HESS, 2009), the transformations in pedagogical practices and teacher-student relationships during the Emergency Remote Teaching (ERT) period. Using (Certeau, 1994) the fabricated narrative (Deleuze, Guattari, 1995), the research is based on the creation of a conceptual character, Maria, who serves as an intermediary between the author and the reader. Maria incorporates biographical and fictional aspects, as well as characteristics of the research interlocutors, grounding herself in the concept of the allegorical 'practitioner-thinker' (Nolasco-Silva, 2019). Thus, I narrate collective, personal, and professional experiences during the ERT, investigating how the pandemic redefined the processes of teaching and learning and impacted academic practices. Anchored in the idea that 'we are our own field of study' (Ferreira, 2021), the research adopts online cartography as a methodology to map the experiences of 'teacher-students' in cyberspace, highlighting the interactions and challenges faced in the context of digital culture. The cartography reveals how education mediated by digital technologies, under the ERT, differs from traditional Distance Education (DE), acting as a temporary adaptation in response to the global crisis. By dialoguing with theorists such as Deleuze and Guattari (1995), Adichie (2009), Nolasco-Silva (2019), Maddalena (2018), Alves (2011), and Larrosa (2019), the research proposes a critical reflection on the new pedagogical practices and transformations in the school routine provoked by the pandemic."

Keywords: Autofiction, Emergency Remote Teaching, Cyberculture Cartography, Education and Pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- O diário de uma autoficção acadêmica	15
Figura 2 Primeiro caderno e primeiro livro lido pela pesquisadora	35
Figura 3 – O amanhecer da casa de Maria no subúrbio do Rio de Janeiro	37
Figura 4- A cozinha, casa de memórias e afetos nos sabores que deixaram saudades.....	40
Figura 5- Prima da pesquisadora à esquerda, a pesquisadora à direita, ambas voltando da escola com a tia que motiva o presente estudo.....	41
Figura 6- A casa da infância de Maria.....	42
Figura 7– A estante de livros, nascimento das fabulações	43
Figura 8– A pesquisadora em Recife com o livro Vidas Secas. Ao lado, seu primeiro caderno com a escrita de seu nome.	44
Figura 9– Inventário de memórias e experiências de Maria.....	45
Figura 10– Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj	46
Figura 11- Quadro "Os pássaros", pintado por Maria	47
Figura 12- A casa sonho – A Casa da flor – A casa bricolada	48
Figura 13- Uma dissertação feita de cacos transformada em flor	49
Figura 14 - O Quarto de hospital - cenário de morte e nascimento na pandemia da Covid-19	51
Figura 15 - O Ensino Remoto Emergencial	54
Figura 16- A olhada matinal pela janela no período de quarentena e as ruas vazias	58
Figura 17- Imagem enviada de Santa Rita de Cássia em Santa Cruz (RN), considerada a maior estátua católica do mundo.....	64
Figura 18- Imagem (meme) Proteja você e os outros do Coronavírus.....	64
Figura 19- Imagem (meme) – Fique dentro de casa! Fora só Bolsonaro	66
Figura 20- O isolamento físico e suas limitações	68
Figura 21 Eu defendendo o Sus, a educação e a democracia – pesquisadora vacinada	70
Figura 22- As escolas vazias	72
Figura 23- Print do whatsapp.....	74
Figura 24- A mesa da produção de projetos, reflexões e estresses	76
Figura 25- O blog – Unidos pela linguagem – escrita colaborativa	83

Figura 26- Os encontros síncronos	86
Figura 27- A tecnologia das fitas e CD's	87
Figura 28- A tecnologia das locadoras, das vitrolas, telefone fixo, pager, rádio	93
Figura 29- As aulas ministradas dentro do banheiro	93
Figura 30- O momento de melhor conexão	95
Figura 31- O padlet – Painel colaborativo online.....	98
Figura 32- A máquina de escrever, os devaneios e o claustro da escritora	100
Figura 33- Entre cliques e teclas – a redes educativas que formamos e nos formam	104
Figura 34- Os fantasmas agonizantes da quarentena.....	106
Figura 35- A casa que virou sala de aula.....	110
Figura 36- A professora artífice.....	118
Figura 37- O Deus Tempo	119
Figura 38 - A arte de fazer que pressupõe uma arte de pensar	Erro! Indicador não definido. 119

SUMÁRIO

1	NOTA DA AUTORA.....	11
2	PRÓLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO	14
2.1	O diário.....	14
2.2	O 'praticantepensante' alegórico	21
2.3	As hiperescritas de si.....	24
2.4	A cartografia digital	27
2.5	As imagens.....	30
3	O diário de Maria.....	35
4	O diário pandêmico.....	50
4.1	Nota 1 (20/11/2022).....	50
4.2	Nota 2 (21/11/2022).....	53
4.3	Nota 3 (22/11/2022).....	56
4.4	Nota 4 (23/11/2022).....	61
4.5	Nota 5 (24/11/22).....	63
4.6	Nota 6 (25/11/22).....	68
4.7	Nota 7 (26/11/22).....	74
4.8	Nota 8 (27/11/22).....	83
4.9	Nota 9 (28/11/22).....	86
4.10	Nota 10 (29/11/22).....	92
4.11	Nota 11 (30/11/22).....	97
4.12	Nota 12 (01/12/22).....	100
4.13.	NOTA 13 (02/12/22).....	104
4.14.	NOTA 14 (03/12/22).....	109
4.15.	NOTA 15 (04/12/22).....	114
5.	Considerações Finais.....	115
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122

1. NOTA DA AUTORA

O ensaísta não parte do nada, mas de algo preexistente, e parte sobretudo de suas paixões, de seu amor e seu ódio pelo que lê. (...) A escrita acadêmica é alérgica ao riso, à subjetividade e à paixão. (Larrosa, 2017, p. 25)

A arte tem o poder de desorganizar as formas automatizadas de ver e viver a vida, e isso ficou mais claro para mim durante a pandemia da Covid-19. Como professora e pesquisadora em Educação, a minha vivência no ensino remoto emergencial foi um processo constante de ruptura, tanto no que se refere à minha prática docente quanto na forma como eu via o mundo ao meu redor. No período de isolamento, o cotidiano parecia um ciclo interminável de ações repetidas, de rotinas impostas por telas e horários. Foi exatamente nesse cenário que o meu olhar começou a mudar, movido pela necessidade de compreender melhor o que estava acontecendo – tanto com os alunos quanto comigo mesma.

A educação, em especial a remota, tornou-se um campo onde as automatizações da vida cotidiana foram postas à prova. Não estávamos apenas *'aprendendoensinando'*, estávamos sobrevivendo, muitas vezes sem compreender o que estava sendo deixado para trás. E é aqui que a arte, o pensamento, e a escrita – especialmente a autoficção – entraram como formas de criar sentidos. Conceição Evaristo, com sua escrita de "escrevivências", sempre me fez refletir sobre como a literatura pode ser um espaço de transformação, especialmente para corpos e vozes que historicamente foram silenciados. Suas escrevivências atravessam a experiência de ser uma mulher preta no Brasil, expondo camadas profundas de dor, resistência e ancestralidade. Embora essa escrita seja profundamente enraizada em vivências pretas, sua forma de entrelaçar o pessoal e o coletivo inspira profundamente o meu modo de ver o mundo. Como uma mulher branca, tenho consciência de que minha posição é outra, e não busco apropriar-me desse conceito. O que encontro na obra de Evaristo é uma inspiração para pensar o poder da narrativa, da literatura como um espaço de encontro entre histórias de diferentes contextos e como a escrita pode ser uma forma de transformar a dor em potência, sem nunca perder de vista as implicações éticas de tais atravessamentos.

Ao escrever um "diário de autoficção acadêmica na pandemia" como tentativa de capturar essa desorganização, busco dar forma a algo que, na verdade, estava escapando de qualquer forma tradicional de compreensão. A escrita de Frida Kahlo, com sua arte que mescla

sofrimento pessoal e reinvenção, também ecoa em mim nesse processo. Frida pintava seu corpo ferido, transformando a dor em imagem, em cores que falavam mais do que qualquer palavra poderia expressar. Eu, por minha vez, transformo o luto das perdas familiares, das práticas docentes interrompidas, em palavras, em fragmentos que misturam realidade e ficção, como uma tentativa de mapear o que estava além do alcance das telas.

Michel de Certeau me ajudou a perceber que essa repetição diária – de ligar o computador, dar aulas por meio de uma câmera apagada, mediar discussões virtuais – era também uma forma de resistência. O cotidiano, para Certeau, é o lugar onde as pequenas táticas de subversão emergem. Mesmo na aparente passividade do ensino remoto, eu via as pequenas ações dos meus alunos – uma fala fora de contexto, uma interrupção na aula para falar do que sentiam – como brechas nas quais o humano, o vivo, insistia em emergir. Essas táticas de resistência cotidiana me ensinaram muito sobre a capacidade de adaptação e invenção que existe nas relações educativas.

Jorge Larrosa também esteve comigo nos longos trajetos que eu fazia para os encontros do grupo de pesquisa. Precisei sair do Rio de Janeiro e mudei-me para Cabo Frio no curso do mestrado, sendo assim, a estrada e as cenas que meus olhos podiam captar pela janela, competiam com as leituras durante o trajeto, portanto, também fazem parte dessa pesquisa e por isso aclaro aqui nesta nota. Larrosa fala sobre a experiência como algo que nos desloca, que nos tira do lugar comum. A experiência pandêmica foi um tremor coletivo, algo que sacudiu nossas bases e nos deixou à deriva. Mas, ao mesmo tempo, foi nesse deslocamento, inclusive de mudança de cidade, que encontrei novas formas de estar no mundo. A experiência do luto – pelas práticas perdidas, pelos estudantes sem acesso e os que não se adaptaram, pelas ausências – foi também a experiência da criação. Escrever diários durante esse período foi uma forma de transformar o trauma em um processo de criação, de entender que a educação, assim como a arte, não se limita a normas ou formas estabelecidas. É, antes, uma prática de constante invenção e reinvenção. A cada aula, a cada encontro virtual, nos víamos obrigados a reconstruir o que antes era tão claro: como aprender, como ensinar, como nos relacionar. O diário que escrevi foi uma forma de registrar essas reconstruções, essas pequenas táticas de resistência que foram surgindo no meio do caos da minha vida.

A pandemia nos trouxe a dor, o luto, a perda. Mas também nos trouxe a arte de recriar o cotidiano, de imaginar novas formas de existir e de resistir. A escrita – como a de Evaristo e Frida – foi meu espaço de desorganização, de encontrar novas formas de olhar para a educação e para a vida. E, ao final, o que sobrou não foi uma trama linear, mas uma coleção de

fragmentos, de narrativas e imagens entrelaçadas, como as que eu via pela janela do ônibus na estrada, que apontam para um futuro onde a arte e a educação continuam a desestabilizar o que parece ser imutável.

Há um eco nietzschiano aqui, no sentido de que a vida, assim como a literatura e arte, precisa ser constantemente recriada. O presente texto busca esse espaço de recriação, onde o pensamento se emancipa dos esquemas pré-determinados. Ele não está vinculado a uma verdade, mas ao jogo de interpretações, às múltiplas perspectivas que desconstroem qualquer pretensão de fixidez.

Na criação deste texto, o que proponho é um exercício de transgressão do tempo e da narrativa. As palavras fluem como um poema que se recusa a começar e terminar em lugares previsíveis. Não há um ponto fixo, uma linearidade a seguir. O objetivo deste trabalho é explorar as transformações nas práticas pedagógicas e nas relações *'doscentesdiscentes'* no Ensino Remoto Emergencial (ERE) utilizando a escrita autoficcional como método de pesquisa. Busco desconstruir a noção de tempo e continuidade, assim como a arte destrói as formas enrijecidas de ver a vida.

E ao fazer isso, convido-te a sair desse lugar de conforto, de controle, para se perder nas brechas, nas lacunas, nos interstícios. Nesses desvios, que o pensamento e o cotidiano encontram sua verdadeira potência abrindo espaço para novas possibilidades, para que o impensado, o invisível, possa emergir.

2. PRÓLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO

– “O pesquisador é um sujeito da pesquisa.” – Disse meu orientador na primeira aula do mestrado.²

2.1. O DIÁRIO

Um diário é uma carto-grafia (grafia de uma comunicação) de intensidades. O mapa ou mapeamento produzidos, como bem destacam Deleuze e Guattari, "[...] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social" (1995, p. 22). Inscreve-se nele a intensidade de nossas impressões; traça-se um mapa de intensidades em um movimento sinuoso de ir e vir às anotações; e é esse processo que nomeamos de pesquisa” (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 280).

² Como pesquisadora dos cotidianos, reconheço que a minha vida se entrelaça com as pesquisas que faço. E esse fazer é criador de realidades e não descritor de um real. Em outras palavras, é um fazer ficcional. Não só um fazer do mundo e do outro, fabulados, mas também um fazer de si mesmo, não como autobiografia, mas como autoficção. Ao adotar uma abordagem autoficcional, percebo que minhas experiências pessoais e minhas conexões sociais influenciam profundamente o processo de investigação. Isso significa que minha própria história – com tudo aquilo que ela tem de invenção e de atualização da memória – molda a pesquisa que realizo, trazendo tanto oportunidades quanto limitações. Outro ponto que preciso destacar, já de saída, é que a pesquisa não deve se limitar apenas ao tradicional formato de texto escrito. É importante explorar outras formas de comunicação, como as linguagens da hipermídia, para alcançar um público mais amplo e promover uma maior circulação daquilo que tem sido produzido na academia. Por isso, “*Narramos a vida, autoficcionalizamos e hipermidializamos a ciência* – atualizando o movimento proposto por Alves (2015). A voz do pesquisador, em primeira pessoa, assume a pesquisa como autoficção, no sentido da compreensão de que fazemos pesquisas com as nossas redes.” (Nolasco-Silva, 2024, p.3).

Figura 1– O diário de uma autoficção acadêmica



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

*“Tempo amigo, seja legal! Conto contigo pela madrugada...”*³ Quero começar esse texto de um jeito diferente. Quero falar de como eu estava quando a pandemia apareceu por aqui. Pode não parecer muito acadêmico iniciar uma dissertação dessa forma, mas são muitas as academias praticadas hoje em dia, como essa viabilizada pela corrente que ficou conhecida, no campo da Educação, como nos/dos/com os cotidianos⁴ e que permite essa escrita mais simples, direta, sem rodeios.

³ Canção “Sobre o tempo” de Pato Fu, escrita por João Daniel Ulhoa. – O tempo foi um grande amigo na escrita da presente dissertação. Juntamente com ele, as madrugadas solitárias e silenciosas que ecoavam o som das teclas ou do lápis, produzindo as palavras que bordo aqui.

⁴ Entendo com Alves (2019, p.20) que “são muitos os cotidianos de que fazemos parte. Plurais e complexos, os cotidianos não se reduzem a uma única explicação, rompem com a dicotomia entre micro e macroanálise e exigem de nós, um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores.” Michel de Certeau, concebe o cotidiano como uma esfera de criatividade dos que nele atuam e destaca que são as práticas diárias e ações dos indivíduos nas interações sociais que moldam a realidade (CARVALHO, 2022, p.109). Ele inverte a perspectiva tradicional, argumentando que são essas relações sociais que formam o indivíduo, e não o contrário. Para ele, a compreensão do ser se desdobra através do espectro das práticas sociais, onde a individualidade se manifesta, muitas vezes de maneira incoerente com a experiência coletiva. Assim, “o cotidiano é considerado como o plano de imanência no qual as relações de poder, macro e micropoliticamente, atuam nos corpos coletivos, potencializando uma vida em composição com forças heterogêneas. A imanência é o plano da existência, dos afetos, de uma vida na qual as pessoas, os grupos e as populações se abrem às intensidades, às forças de contágio do mundo. Desse modo, o plano de imanência constitui-se como um plano de coexistências em que os heterogêneos se compõem em uma multiplicidade de simbioses, em devires de passagem possibilitados pela experimentação.” (CARVALHO, 2022, p. 110)

Em 3 de fevereiro de 2020, testemunhamos um marco na história da saúde pública do nosso País. Foi quando, através da Portaria nº 188, publicada no Diário Oficial da União, o Ministério da Saúde declarou uma Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) devido à doença causada pelo novo coronavírus. Esse termo jurídico, que rapidamente se tornou conhecido pelo grande público como uma emergência sanitária, era, na verdade, um alerta para uma situação extremamente séria que exigia ações imediatas de prevenção, controle e contenção de riscos à saúde pública, conforme descrito no Decreto nº 7.616 de 2011.

Em uma manhã típica de março, quando o mundo ainda parecia familiar, recebi a notícia de que nossas aulas presenciais seriam suspensas. O que inicialmente parecia ser uma breve interrupção, rapidamente se desdobrou em muitas incertezas. Naquele momento, eu não podia imaginar que o meu percurso acadêmico e pessoal estava prestes a tomar um rumo novo, embarcando no que viria a ser uma das experiências mais transformadoras da minha carreira: o Ensino Remoto Emergencial (ERE).⁵

De repente, o ciberespaço tornou-se meu ambiente de trabalho. As ambiências digitais, antes coadjuvantes em minha prática pedagógica, passaram a ser protagonistas. A transição não foi simples; foi marcada por noites insones, aprendizado contínuo e, mais profundamente, por uma reflexão sobre o que significa ensinar e aprender em tempos de crise.

Foi nesse contexto que decidi escrever uma dissertação sob a forma de diário⁶, mesmo sabendo da impossibilidade de capturar, em palavras, o vivido, de expressar, através da escrita, a complexidade das experiências em curso. Mas, assumindo a autoficção como tática narrativa, a partir da qual tento comunicar o que vivi, em determinado recorte *'espaçotemporal'*⁷,

⁵ É importante destacar que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) não é equivalente à Educação a Distância (EaD), que é uma “[...] modalidade educacional na qual a mediação didático pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.” (BRASIL, 2017 *apud* Nolasco-Silva; Lo Bianco, 2022, p.75).

⁶ De acordo com Medrado, Spink e Mélo (2014, p.273), “os diários podem ser compreendidos como anotações pessoais sobre acontecimentos marcantes ou sobre experiências do dia a dia. Essa produção discursiva, além de diversa, tem longa história. Escritos supostamente para uso particular, essas inscrições de gênero confessional se inscrevem no movimento de “escrita implicada” (HESS, 2006) no qual se inserem as memórias, os escritos autobiográficos, os diários pessoais, as correspondências etc. Originalmente, esses textos eram trancados a sete chaves, escondidos da vista de outros, em lugares secretos; por vezes, literalmente trancados à chave.” Durante o período da pandemia, as práticas de escrita diária, antes entendidas como registros privados e íntimos, passaram a ter um papel diferente no contexto acadêmico. No meu caso, esses registros transcenderam a esfera pessoal para se tornarem parte de uma investigação maior sobre as vivências no Ensino Remoto Emergencial (ERE).

⁷ Nas pesquisas com os cotidianos, reunimos certas palavras com o objetivo de superar, no âmbito da linguagem, algumas divisões criadas pela ciência moderna. Reconhecemos a importância desse esforço para que palavras que costumam ser vistas como opostas sejam entendidas como partes integrantes de um mesmo processo, sem

entrelaçado aos fatos narrados por outras pessoas – minhas *interlocutoras de pesquisa*⁸ – e por recortes teóricos extraídos das minhas referências conceituais, em conversas⁹ editadas numa ilha de edição (Nolasco-Silva, 2024). Trata-se, portanto, de um diário fabulado¹⁰, sem pretensões de representar o real, mas fortemente inspirado em fatos reais. Adepto da premissa manuelina que diz: “tudo que não invento é falso”. Assim, partilho das ideias de Nolasco-Silva quando diz que:

A pesquisadora, assim como a professora, é uma contadora de histórias. E, ao contar, sabedora e cumpridora do rigor científico, ela elabora modos de conferir sentido às coisas, ampliando os repertórios e, no caso das pesquisas com os cotidianos, assumindo as vozes dos interlocutores do seu campo como aquelas que realmente importam. Sabe, contudo, que essas vozes não são puras e nem entram no texto para provar alguma verdade. (...) As narrativas valem mais pelo efeito que produzem no outro e menos por uma verdade que possam querer provar. As dramaturgias ‘*docentesdiscentes*’ elaboram mundos possíveis a partir das narrativas. (Nolasco-Silva, 2022, p.77)

Escrever diários foi uma prática que marcou a minha infância e adolescência. Depois, quando me tornei mulher e pesquisadora, não foi diferente. Durante a pandemia, quando já estava no mestrado, o diarismo me permitiu registrar vivências e aprendizagens. Escrever até mesmo sobre os detalhes não falados, aprendendo a ouvir o corpo. Produzir subjetividades no papel. Narrativa autoficcional, inserida em um contexto histórico-social atravessado pela pandemia. Através dele pude registrar o trabalho de campo, rascunhar as primeiras impressões acerca das narrativas cibercartografadas, narrar os gestos da pesquisa. A escrita do diário permitiu pensar o ato de escrever, expondo minhas fragilidades...

Assim, o diário foi, para mim, uma técnica indispensável, uma passagem, que me permitiu estar a claro com minhas próprias ideias. Os funcionamentos do “foro íntimo” (seu próprio pensamento) ou “do forum exterior” (grupos de pesquisa) onde se estabelecem as ligações que dão senso à pesquisa são transdutivos. A transdutividade é rica, mas dissociativa... Se se quiser sair desta dissociação que vive a maioria dos pesquisadores, se se quer impedir de assimilar a pesquisa à publicação

hierarquia entre elas. Dessa forma, utilizamos, entre aspas simples e em itálico, termos como '*aprenderensinar*', '*tempoespaço*', '*docentediscente*' e assim por diante.

⁸ Movimento das pesquisas *com* os cotidianos, chamado por Alves (2015) de *ecce femina*: “o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo” (ALVES, 2015, p. 158). Em outras palavras, aquilo que mais importa nas pesquisas com os cotidianos é *a voz do outro*.

⁹ “Conversar é parte da vida cotidiana de todo/as nós. Conversamos cotidianamente e de múltiplas maneiras: conversamos enquanto estudamos, enquanto '*aprendemosensinamos*'. Porque não enquanto pesquisamos?” (Sampaio, Ribeiro e Souza, 2018, p.25)

¹⁰ Deleuze concebe a fabulação como uma forma de invenção que se baseia na liberdade radical. Em "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia", escrito com Félix Guattari, Deleuze explora essa ideia, argumentando que a fabulação é uma resistência à lógica do capitalismo e da sociedade disciplinar. Por meio dela, é possível criar novas formas de existência, subjetividade e compreensão do mundo, independentes das categorias impostas pelo poder. A fabulação é uma prática criativa e subversiva, com potencial político emancipatório. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

dos catálogos de “pesquisas” anteriores, é necessário, um dia, decidir-se explorar a transversalidade das situações de maneira multirreferencial. O diário permite ao mesmo tempo sair da inibição e arriscar este salto qualitativo do acesso ao conceito... (Hess, 2009, p. 62)

No período de isolamento, a escrita me ajudou a organizar esses pensamentos que, muitas vezes, pareciam confusos, perdidos no caos diário. Hess (2009) fala sobre a *transdutividade* no processo de pesquisa, algo que percebi de forma muito clara enquanto escrevia. Meus pensamentos, o “foro íntimo”, e as discussões nos grupos de pesquisa, o “forum exterior”, estavam sempre em uma constante troca, moldando minhas reflexões e decisões. Esse movimento, porém, nem sempre é simples, já que a transdutividade pode ser *dissociativa*, criando um distanciamento entre o que sentimos e o que comunicamos no campo acadêmico.

Durante a pandemia, essa dissociação foi ainda mais intensa. A separação física socioespacial e o uso constante de tecnologias digitais para manter as interações acadêmicas tornaram o processo de pesquisa um pouco fragmentado. Muitas vezes, como o autor explica, parecia que eu estava apenas repetindo conceitos e catálogos de pesquisas anteriores, sem realmente conseguir acessar a profundidade do que estava vivendo e refletindo naquele momento único. Foi então que entendi o que Hess (2009) propõe: é necessário explorar a transversalidade das situações, de forma multirreferencial, conectando vivências, leituras e discussões em um movimento fluido, não linear. Esse processo fragmentado começou a ter fluidez quando visitei a Casa da Flor¹¹ em São Pedro da Aldeia e uma exposição de seu centenário depois da leitura de um texto¹² no grupo de pesquisa. Foi como se, de repente, as peças desconexas que eu vinha tentando juntar ao longo da pandemia comessem a se encaixar.

¹¹ A Casa da Flor é uma obra arquitetônica situada em São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro. Criada por Gabriel Joaquim dos Santos, um pedreiro e artesão autodidata, a construção é conhecida por sua beleza excêntrica e sua técnica única de reutilização de materiais descartados. Iniciada em 1912 e concluída ao longo de várias décadas, a casa é decorada com cacos de vidro, pedaços de cerâmica, conchas e outros resíduos recolhidos pelo próprio Gabriel, que transformou esses materiais em arte. A Casa reflete uma criatividade que surge da escassez, simbolizando a capacidade de transformar o comum em extraordinário. Ela não apenas é um monumento à inventividade popular, mas também um espaço que inspira reflexões sobre o reaproveitamento e a estética do cotidiano. Além disso, foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) em 1983, sendo considerada um patrimônio cultural. Falarei mais sobre ela no “Diário de Maria” ao longo da dissertação.

¹² Ao acessar o texto *Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica* de Anelice Ribetto, sugerido pelo meu orientador, deparo-me com uma escrita fluida, clara e com uma conexão diferenciada. Durante a leitura do texto, consegui realizar muitos elos com o tema da minha pesquisa e, enfim, um acontecimento que produziu em mim uma experiência jamais vivida. Busquei correndo o caderno que levo para o grupo de pesquisa, um lápis, e comecei a escrever, escrever e escrever... acerca das minhas experiências na pandemia, do que eu descobria na memória (e não cabe nesse único rodapé, claro. Desenvolve-se no decorrer das notas). Obrigada, professora Anelice Ribetto e todos os interlocutores que compõem essa dissertação por colocarem em palavras e sentidos as minhas inquietações com relação à escrita de uma dissertação experienciada, narrada, vivida e composta pela beleza dos fragmentos e minuciosos cacos. Hoje, definitivamente, encontro uma forma de “escrever afirmando outras formas de produzir texto na Academia” (CALLAI; RIBETTO, 2016, p.58). (01.06.23 - Diário de pesquisa).

A Casa da Flor, com sua arquitetura improvisada e cheia de detalhes feitos de cacos e restos, me fez refletir sobre como minha pesquisa também era construída dessa forma – feita de fragmentos, de pedaços de experiências e leituras que, juntos, criavam algo novo e único. Ali, pude enxergar na prática o que o texto propunha: uma abordagem multirreferencial, em que o campo de pesquisa não é apenas teórico, mas também sensorial e vivencial.

A visita me fez perceber que, assim como o criador da Casa da Flor reutilizou materiais descartados para construir algo belo e significativo, eu também estava reaproveitando minhas experiências pessoais e profissionais, transformando-as em matéria-prima para minha pesquisa. O que antes parecia fragmentado e desconexo começou a fazer sentido, e essa fluidez me ajudou a enxergar a transversalidade das situações que Hess (2009) menciona. A partir daquele momento, minha pesquisa passou a ser um mosaico em construção, onde cada peça, por menor que fosse, tinha sua importância no todo. O diário, nesse contexto, me ajudou a superar a inibição, permitindo que eu arriscasse esse salto qualitativo. Não era apenas um lugar para descrever eventos, mas para refletir profundamente sobre as experiências que a pandemia trouxe, tanto no nível pessoal quanto no acadêmico. Ao escrever, consegui unir as diferentes dimensões da pesquisa – o íntimo e o coletivo, o corpo e a mente, o real e o imaginário – (não necessariamente de uma forma dicotomizada, mas em rede) e acessar conceitos que iam além do que os textos acadêmicos, isoladamente, poderiam oferecer. A escrita foi, assim, um ato de resistência e de criação, uma forma de transformar o caos da pandemia em um processo de investigação vivo e potente.

O diário consegue fundir as palavras e as coisas, à medida que as acolhe em suas páginas. E cada vez que tais páginas são abertas, abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para o inédito. O diário permite a impressão de notas (como na música) já ouvidas ou conhecidas, mas que serão montadas de outra forma produzindo certa "composição" (como as conclusões de uma pesquisa) (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 280).

Conversando com Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 280), compreendo que o diário de pesquisa não deve reforçar o mito do pesquisador solitário, isolado em suas reflexões e notas, como se o diário fosse apenas um objeto passivo onde se gravam memórias. Eles nos alertam sobre a separação moderna entre humanos e objetos, que coloca o diário em uma posição de estabilidade e neutralidade, o que não condiz com a proposta que defendo. O diário não deve ser apenas uma representação de mim mesma enquanto pesquisadora, como se, ao registrar minhas experiências, eu estivesse simplesmente dialogando com um "eu" predeterminado.

Ao contrário, essa relação vai além do simples ato de registrar o que já aconteceu. Não se trata de olhar o diário como um repositório de lembranças, mas de entender que ele faz parte de toda a rede de relações que se desenrolam durante a pesquisa. A memória aqui não é um arquivo estático de fatos, mas algo vivo, que é continuamente moldado pelas experiências e pelas interações com as forças que estão presentes no processo de pesquisa. Como destacam os autores, não é a lembrança dos momentos passados da pesquisa que importa, mas a análise das forças e vozes que dão vida aos acontecimentos que estou estudando (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 280).

Dessa forma, o uso do diário deve romper com a ideia de uma postura contemplativa do pesquisador frente ao objeto de estudo, visto como algo externo, distante, a ser registrado de forma neutra. O diário, seja em papel, em um documento digital ou em qualquer outro suporte, não serve apenas para registrar informações, mas para capturar intensidades (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 280). Assim como sons, cores ou imagens, essas intensidades se materializam em conceitos que nos afetam e criam novas possibilidades de pensamento e interpretação (Deleuze, 1998, p. 10).

Pude perceber que o campo de pesquisa é mais do que um espaço físico que simplesmente ocupamos para observar. Ao participar desse processo, acabo me tornando parte ativa desse campo e não existe uma hierarquia entre o pesquisado e o pesquisador. Não é algo externo e distante; ao contrário, estou imersa em uma rede complexa de relações intersubjetivas que se conectam de várias formas. O campo não é uma área onde tudo se desenrola de maneira organizada no cotidiano, mas um espaço cheio de tensões e conflitos, no qual diferentes vozes, artefatos e materialidades se encontram (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 284).¹³ As anotações e os diários que construí ao longo da pesquisa não são meramente um conjunto organizado e finalizado de reflexões. Na verdade, o processo é aberto, sem conclusões definitivas, com argumentos e narrativas que se entrelaçam, mas nunca formam um todo fechado. Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 290) destacam que, quando tiramos o diário da sua função tradicional, transformando-o em algo mais ativo e dinâmico, ele deixa de ser visto como um "arquivo-

¹³ Mary Jane Spink (2007) recebe destaque para os autores, sobre a observação "no" cotidiano. Ela ressalta que, como pesquisadores, não estamos apenas observando de fora, mas participando das ações que estudamos. Nesse sentido, o uso da preposição "no" na expressão "observação no cotidiano" assume uma importância metodológica e política, pois reconhece que o nosso papel na pesquisa é ativo e comprometido, afastando qualquer ideia de neutralidade. (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 284)

morto" ou um simples meio de registro da experiência. Ao invés disso, ele se torna um companheiro constante, acompanhando-nos em todas as fases da pesquisa.

Assim, o diário me permitiu o registro do fluxo de ideias que vão desde os momentos de encantamento e descoberta até as dúvidas e frustrações que surgem ao longo do caminho. Ele se transformou num espaço vivo e fluido, onde impressões variadas se entrelaçaram, proporcionando questionamentos que de alguma maneira, transformaram-me, mantendo o campo de pesquisa e eu, em constante movimento e transformação:

Ao mesmo tempo, no diálogo com o/a leitor/a, os diários, em função de seu caráter provisório, precário e parcial, têm sempre uma potência criativa: sendo revisitados, relidos, reposicionados, reescritos. Um "arquivo vivo" que nasce cada vez que se abre para nova escrita ou nova leitura. Existe e se faz no tempo, na promessa cotidiana de vivência cúmplice e solidária (tornando as pesquisas menos solitárias), resultando em algo que não se limita às condições de sua produção, nem à sua suposta autoria original. Aparentemente imóvel, cresce e nos mobiliza na pesquisa. (Medrado; Spink; Mélo, 2014, p. 291)

2.2 O 'PRATICANTEPENSAnte' ALEGÓRICO

Criei um personagem conceitual (Alves, 2010) para ser a autora deste diário. O personagem conceitual é um intercessor entre a autora e o leitor. Ele é uma estratégia narrativa que faz o texto funcionar, que move a engrenagem da imaginação. Aqui, minha personagem conceitual chama-se Maria e será através dela que a pesquisa será contada. Ela terá traços meus, obviamente, trará marcas da minha biografia-ficcionalizada, mas também carregará características de outras interlocutoras da pesquisa, pois foi criada a partir de um modo de usar as narrativas chamado '*praticantepensante*' alegórico (Nolasco-Silva, 2019)¹⁴. Através da Maria, eu – *professora de Literatura da educação básica e estudante de Pós-graduação em Educação* – narro experiências pessoais e profissionais durante o ERE e examino o impacto do ERE nas práticas acadêmicas durante a pandemia; adentro em meu cotidiano para entender como a pandemia redefiniu os contornos do '*ensinoaprendizagem*'. E faço isso, de maneira tão pessoal, por entender com Ferrazo (2021, p.4) que “estamos sempre em busca de nós mesmos, de nossas histórias de vida, de nossos “lugares”, tanto como *alunosalunas* que fomos quanto como *professoresprofessoras* que somos.” Em outras palavras, para Ferrazo (2021), somos o nosso próprio campo de estudo, nosso próprio tema de investigação. Somos '*caçacaçador*'. Pensamos o cotidiano enquanto nos pensamos. Porque somos esse cotidiano que pensamos.

¹⁴ Esse modo de usar as narrativas, editando-as, será explicado mais adiante.

Estamos nesse cotidiano, junto com os outros. E somos, também, esses outros. O trabalho com narrativas pressupõe também os caminhos da autonomia, da legitimidade, da beleza e da pluralidade de estéticas dos sujeitos cotidianos, ou seja, somos todos *'autoresautoras'* do presente estudo, protagonistas e *"narradorespraticantes"* traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio do nosso modo próprio de contar" (Alves; Garcia, 2001). A partir disso, com todo esforço de pensarmos *com* os cotidianos das escolas, precisamos também reconhecer nossos textos em sua "permanente condição de discursos inacabados" (Ferraço, 2021, p.13) e a presente dissertação assume essa condição. Depois de muito claustro, silêncio e sossego, trabalhei, teimei, limei, sofri e suei nestas palavras,

*"Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade."¹⁵*

Ao se (con)fundir com aspectos factuais da minha vida e do meu corpo¹⁶, no recorte *'tempoespacial'* da pandemia, Maria assume uma função narradora e atualiza memórias¹⁷ que me ajudam a criar conceitos para, com eles, suscitar debates (Nolasco-Silva, 2024). As narrativas assumidas por Maria como constituintes de suas memórias foram mixadas por critérios criados e, oportunamente, informados pela pesquisadora (assumidamente uma profissional que atua em uma ilha de edição) e têm a função de fazer o pensamento se movimentar dentro de um determinado contexto.

Nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, experimentamos diferentes formas de operar com as linguagens para ampliar a circulação daquilo que produzimos com os nossos trabalhos. Segundo Nolasco-Silva (2024, p.3), a linguagem com a qual os textos acadêmicos são produzidos já indica o quanto o pesquisador está disposto a usar sua "ilha de edição" para se aproximar ou não dos leitores. Afinal, a comunicação da pesquisa consiste em processos de

¹⁵ Trecho do soneto "A um poeta" de Olavo Bilac.

¹⁶ Penso que o corpo da pesquisadora, usuária e produtora de inúmeras tecnologias, interfere de forma direta na pesquisa e na escrita da presente dissertação. Afinal, em tempos de pandemia, o corpo foi o *'espaçotempo'* da interdição, do luto, do medo, da potência, da fragilidade, do recomeço. Todos os seus sentidos, de alguma maneira, estão espalhados por este texto.

¹⁷ Deleuze (1999) conceitua a memória não como a reprodução de eventos passados, mas como um processo inventivo. Ele sugere que o passado e o presente estão intrinsecamente interligados, ajustando-se continuamente um ao outro. Nessa perspectiva, o presente é visto como um momento efêmero que constantemente se transforma em passado, enquanto o passado é persistente, uma base pela qual todos os momentos presentes são filtrados e formados. "Um, que é o presente e que não para de passar; o outro, que é passado e que não para de ser, mas pelo qual todos os presentes passam" (Deleuze, 1999, p. 45).

escolhas que, entre outras coisas, são também estéticas. Ele afirma que o rigor científico não tem a ver com o que a Ciência Moderna chama de neutralidade, mas sim com a responsabilidade de se adotar modos de trabalho que possam ser, narrados e defendidos em razão das escolhas teórico-metodológicas que os orientaram. Isso implica a constituição de uma pesquisadora que toma decisões éticas, estéticas e políticas ao longo de sua pesquisa, de modo que a criação de conceitos permita sempre avançar na produção de pensamentos novos, ao invés de investir na reafirmação dos velhos modos de pensar, sobretudo daqueles que impedem a expansão da vida. É por isso que aqui, opero com uma personagem conceitual, uma espécie de narradora que me ajuda a contar a história da pesquisa que, não sendo ela própria a pesquisadora, pode ir e vir, com licença poética e algum distanciamento das normas acadêmicas, fazendo afagos no leitor.

Como personagem conceitual, Maria assume a escrita da dissertação e tem licença poética para mesclar minhas memórias com as de outras interlocutoras de pesquisa¹⁸, de modo a possibilitar uma escrita mais afeita ao registro em diário, remetendo ao hábito de narrar os dias que, ao longo do isolamento físico, tornou-se uma prática revisitada de muitos modos, nas múltiplas possibilidades da linguagem hipermídia¹⁹. Um desses modos foi a escrita do livro “*Notas sobre o luto*”, de Chimamanda Adichie (2021), durante a pandemia. A autora escreveu um livro-diário composto por 30 notas, depois de perder o pai (não necessariamente de Covid-19), em junho de 2020. Meses depois, perdeu também sua mãe. Ela relata, no livro, sobre como, já em confinamento, realizava contatos com o pai por meio de videochamadas, dos Estados Unidos para a Nigéria, para amenizar as saudades. Aos falar sobre uma das experiências humanas mais tristes – o luto – a autora me fez sentir representada e acolhida como nunca antes, desde que perdi minha tia e minha grande amiga para a Covid-19. Coincidentemente, duas grandes incentivadoras dos meus estudos e do mestrado em questão. Não só pelo conteúdo, mas também pela forma, o livro da autora foi uma das inspirações para a escrita desse texto no formato de notas, como um diário. Entendi, com Adichie (2021), porque meu corpo doía tanto depois que perdi ambas:

¹⁸ Durante o processo de produção das narrativas que iriam compor esse trabalho, encontrei uma iniciativa de “fortalecimento das resistências narrativas no contexto da pandemia”. A *Memória Popular da Pandemia* é um site que permite a contação de histórias individuais e coletivas do país todo, além da troca de relatos durante a pandemia da Covid-19. Até o presente momento, o site encontra-se liberado para novas narrativas. Disponível em: <https://memoriapopulardapandemia.org.br/>

¹⁹ A linguagem da hipermídia possibilita diversas formas narrativas, combinando elementos como texto digital, imagens, hiperlinks, memes, música entre outros. Durante a pandemia, houve uma explosão de conteúdos audiovisuais que misturam linguagens e inventam experiências pessoais e coletivas, refletindo uma evolução na maneira como nos expressamos e compreendemos o mundo digital.

O luto é uma forma cruel de aprendizado. Você aprende como ele pode ser pouco suave, raivoso. Aprende como os pêsames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras. Por que sinto tanta dor e tanto desconforto nas laterais do corpo? É de tanto chorar, dizem. Não sabia que a gente chorava com os músculos. (ADICHIE, 2021, p.89)

2.3 AS HIPERESCRITAS DE SI

Outro trabalho que também serviu como referência para a dissertação foi o artigo "*Hiperescritas de si, currículos insurgentes e educação on-line: modos de fabular as docências na pandemia (e além dela)*", escrito por Leonardo Nolasco-Silva e Tania Lucía Maddalena. Os autores têm, no texto citado, como principal objetivo, apresentar e discutir o conceito de "*hiperescritas de si*" (Maddalena, 2018), isto é,

as narrativas autobiográficas – e, como as entendemos, ficcionais – praticadas nas hiperambiências, que combinam elementos digitais para inventar e comunicar as experiências dos cotidianos, marcando uma posição (circunstancial, fadada ao movimento) no mundo. (Nolasco-Silva; Maddalena, 2022, p.109).

Eles apostam na *ficção* como tática para (re)existir diante daquilo que está estabelecido como uma ameaça à vida, à diversidade e à democracia, criando com ela (a ficção) modos de *fabular docências* na pandemia (Nolasco-Silva; Maddalena, 2022). A presente pesquisa procura dialogar com essas ideias-conceitos, ensaiando escritas autoficcionais, que se valem da linguagem hipermídia, para criar memórias transindividuais (Escóssia, 2010).

O indivíduo participa de uma rede de conexões e é essa rede que produz uma realidade transindividual. Trata-se de uma relação de prolongamento e não de oposição; é um fora interior, mais vasto e mais rico que o indivíduo (ESCÓSSIA, 2010). Nessa perspectiva, o sujeito não é um dado, um ponto de partida, mas o resultado de um processo no qual emergem indivíduo psíquico e meio. (Nolasco-Silva, 2019, p. 40)

É importante frisar que essas memórias não pertencem a um *eu narcísico*, pois esse *eu* que narra é constituído em rede, por uma coletividade de afetos tecidos nos encontros. Trata-se de uma voz mixada, ao sabor das escolhas e dos acasos, das contingências da pesquisa, daquilo que escapa e, sobretudo, das atualizações que estão por vir quando tudo isso chegar ao leitor. A intenção, ao registrar essas memórias da pandemia, é combater os riscos de uma história única (Adichie, 2014), abrindo possibilidades para uma multiplicidade de vozes e experiências na produção de conhecimentos, valorizando os '*saberes-fazer*s' das pessoas comuns. No ciberespaço, foram diversas as ações para documentar as lembranças da pandemia, iniciativas

que partiram de organizações e até de pessoas comuns que, por meio de suas redes sociais, deixaram rastros de suas experiências e reflexões durante a suspensão do cotidiano habitual.

Converso com Madallena (2018), que em sua tese de doutorado defendida em 2018 argumenta que a arte de contar histórias digitais é sustentada por um tripé composto por memória, experiência e ficção, e que essa estrutura é amplificada no contexto da hipermídia. A pesquisadora observa que, especialmente durante a pandemia de COVID-19, essa forma de narração, que vai além da linguagem oral, desempenha um papel crucial ao criar memórias, aliviar dores e marcar o outro, mesmo quando fisicamente isolado. A autora propõe uma análise cartográfica digital no Instagram para explorar como essas narrativas digitais se manifestam e impactam as experiências humanas em tempos de distanciamento físico (Madallena, 2020).

Qual é a diferença entre a escrita de si no suporte analógico e a hiperescrita de si? A maior diferença é que a hiperescrita de si surge na linguagem hipermedial e absorve toda sua potência. O narrador de uma história digital entende que a linguagem da Internet possibilita uma escrita expandida, pois nela integram-se e entram no jogo outros elementos estéticos e semióticos, e, sobretudo, a possibilidade de interlocução e interatividade que a rede proporciona na (co)criação da própria narrativa. (Madallena, 2020)

Durante a pandemia, diversas iniciativas surgiram para preservar memórias e contar histórias do período (Madallena, 2020). Uma dessas iniciativas é o “Inumeráveis”²⁰, um memorial virtual criado pelo artista Edson Pavoni e outros voluntários, que homenageia cada vítima do coronavírus no Brasil por meio de breves histórias no Instagram e no site²¹ do projeto. Outro movimento significativo é o das “Constatações da quarentena”²², liderado pela escritora Isabelle Borges, que desde março de 2020 tem incentivado a escrita cotidiana de relatos sobre o isolamento, criando um acervo de memórias coletivas da pandemia. Em uma abordagem similar, o projeto “Narrativas do isolamento”²³ utiliza o Instagram como galeria para compartilhar fotografias e relatos pessoais que refletem a experiência do isolamento social, abordando temas como moda e saúde mental. O fotógrafo Fábio Erdos²⁴, por sua vez, produziu a série “Dark lines, bright sky”, que retrata sua experiência como pai de um recém-nascido durante a pandemia, usando uma estética inspirada em fotos do século XIX. Além dessas

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/> . Acesso em: 29/08/24.

²¹ Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/> . Acesso em: 29/08/24.

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/constatacoesdaquarentena/> . Acesso em: 29/08/24.

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/narrativasdoisolamento/> . Acesso em: 29/08/24.

²⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/fabio_erdos/ . Acesso em: 29/08/24.

experiências individuais, instituições como o Museu da Pessoa²⁵ têm promovido o uso de recursos digitais para amplificar as “histórias em tempos difíceis”²⁶, destacando projetos como o “Diário para o futuro”²⁷, que reúne histórias em diversos formatos. Também surgiu o “Museu do Isolamento”, hoje, intitulado “Museu.do.agora”²⁸, o primeiro museu do Brasil dedicado a difundir arte produzida durante a pandemia, fundado por Luiza Adas. Essas iniciativas destacam o papel da arte e da narrativa na construção da memória coletiva em tempos de crise (MADALLENA, 2020).

A hiperescrita de si (Maddalena, 2018) é um conceito que nos ajuda a entender as práticas narrativas do ‘eu’ na hipermídia. São narrativas autobiográficas – e, como as entendemos, ficcionais – praticadas nas hiperambiências, que combinam elementos digitais para inventar e comunicar as experiências dos cotidianos, marcando uma posição (circunstancial, fadada ao movimento) no mundo (Nolasco-silva; Maddalena, 2022). A hiperescrita de si é uma reafirmação do eu, uma forma de produzir presença na complexa trama das redes ciberculturais. Escolhemos narrar a nós mesmos com uma imagem, sempre editada pelos nossos dispositivos, um texto, uma geolocalização, um vídeo, um avatar, uma música. Cortamos, editamos e publicamos, criando uma hipercomposição do que queremos mostrar ao mundo, a ficção cotidiana que nos constitui. (Madallena; Nolasco-Silva, 2022)

Em meio à profusão de registros, como narradora e personagem, Maria pode interagir com outras vozes no recorte do ERE, cujas entradas no texto se darão de diferentes modos: podem ser através de narrativas de professores (colegas de Maria), de estudantes (alunos de Maria ou de seus colegas) ou ainda de citações diretas dos referenciais teóricos da pesquisa. Todas elas serão usadas (Certeau, 1994) como personagens conceituais derivadas da técnica do *‘praticantepensante’* alegórico.

As narrativas dos *‘praticantepensantes’* alegóricos ilustram movimentos de um pensamento que não é individual, mas produzido em redes. Essas redes são caracterizadas por suas tensões, seus agenciamentos coletivos e suas potências de denúncia, transformação e explicação sobre aspectos da realidade estudada. Essa técnica permite que a pesquisa reflita as complexidades e dinâmicas do contexto investigado, oferecendo uma visão mais abrangente e integrada das experiências e perspectivas dos participantes. (Castellani, 2023, p.30).

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/museudapessoa/> . Acesso em: 29/08/24.

²⁶ Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/7gXBV5_w7OHgJg . Acesso em: 29/08/24.

²⁷ Disponível em: <https://www.videoask.com/fa4dolnsw> . Acesso em: 29/08/24.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/museu.do.agora/> . Acesso em: 29/08/24.

2.4 A CARTOGRAFIA DIGITAL

De acordo com Carvalho e Pocahy (2023), a pesquisa cartográfica na cibercultura visa mapear as práticas cotidianas e as interações sociais que ocorrem no ambiente virtual. Essa abordagem parte da ideia de que os espaços online também têm características de territórios, com suas próprias fronteiras e dinâmicas. Assim, é possível compreendê-los não apenas por meio de mapas e itinerários, mas também através dos movimentos, deslocamentos e questões que surgem nesse contexto.

Operamos com a noção de cibercartografia como princípio ético-epistemológico-metodológico em conexão com os estudos pós-estruturalistas, pós-críticos e queers, que nos fornecem outras perspectivas de problematizações para pensar-fazer a pesquisa acadêmica como rizoma, algo que vai tomando forma com as múltiplas conexões de um ponto a outro. No rizoma, a cartografia é um mapa inacabado, "[...] aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente" (Deleuze e Guattari, 1995, p. 22). Temos compreendido que a cartografia é uma abordagem analítico-crítica das micropolíticas das formações subjetivas e das pulsações dos desejos, e isso permite acompanhar dispositivos, conjuntos e microssistemas coletivos de subjetivação. Outras teorizações alinhadas a esses estudos entendem que cartografar é "mergulhar nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado" (Romagnoli, 2009, p. 171). A cartografia "[...] faz movimentar as coisas e o pensamento, e se atém aos encontros e suas produções" (Silva e Paraíso, 2019, p.4), e é vista no sentido de "planografias de acontecimentos, mapas que se desenham em movimento, composições de fluxos de conhecimento e redes de afecção, traçados de redes complexas de saber-poder" (Couto Junior e Pocahy, 2017, p. 614-615). As ideias abordadas por esses estudos sobre a cartografia têm nos ajudado a pensar-fazer a pesquisa no/do presente, contribuindo assim para as nossas teorizações cibercartográficas. (CARVALHO e POCAHY, 2023, p. 176-177)

A cada etapa, a pesquisadora-cartógrafa se transforma, aprendendo enquanto se envolve com as pessoas e os assuntos que estuda. Acompanha de perto o processo de produção de conhecimento. Desenvolve e é desenvolvida com a colaboração dos praticantes que refletem sobre suas práticas, explorando o campo e conduzindo uma pesquisa ativa, ou seja, está imersa na complexidade das redes educativas que está investigando. Isso afeta diretamente a pesquisa e a pesquisadora. Nesse processo, estamos mapeando tanto as experiências dos outros quanto as nossas próprias. Ao fazer cartografia, estamos lidando diretamente com os *'conhecimentossignificações'* que surgem nos/com os cotidianos.

Na pesquisa realizada, a cartografia se concentrou em entender como *'doscentesdiscentes'* continuaram suas vidas durante a pandemia, mantendo seus processos educacionais, e utilizando diversas tecnologias digitais conectadas em rede. Isso permitiu que

se buscassem soluções baseadas na criação e nos usos de dispositivos postos ao consumo pelo mercado, mas também atualizados pelos usuários, combinados com as práticas da cibercultura, gerando novas perspectivas sobre a educação mediada por tecnologias digitais. Essas perspectivas são cruciais para repensar e compreender o Ensino Remoto Emergencial que surge como uma resposta imediata às circunstâncias excepcionais que a pandemia global de 2020 impôs a todos nós. Diferentemente da Educação a Distância (EaD), o ERE se apresentou como uma adaptação temporária nas práticas educacionais, com o objetivo de garantir a continuidade das atividades pedagógicas em momentos de crise.

Segundo Carvalho e Pocahy (2023),

“ciber é uma referência ao termo cibernética, área que estuda a capacidade de um ser/máquina regular o próprio comportamento, agindo de maneira autônoma, recebendo, processando e reagindo a informações e ao feedback de suas ações (retroalimentação). Com o tempo, o termo ciber foi ressignificado e passou a ser utilizado como sinônimo de computadores, tecnologias digitais e internet. Expressões como ciborgue, cibercrime, ciberativismo, cyberbullying, cibersexo, ciberespaço, cibercultura passaram a conectar-se a essa rede de significados. É nessa acepção que o radical ciber foi empregado para especificar a cartografia que estamos discutindo neste capítulo: a cartografia de acontecimentos, fenômenos, desejos e práticas da cibercultura, a qual é produzida a partir de experiências emergentes da relação ciberespaço-cidade que implicam em ferramentas, práticas, desafios e mobilizam condutas éticas e procedimentos específicos de pesquisa.” (Carvalho; Pocahy, 2023, p. 175)

O *lócus* para a cibercartografia dessas narrativas foi o *moodle* da Disciplina “Tecnologias e Educação”, ofertada para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Uerj, além de conversas em um grupo de *whatsapp* criado por mim no início da pesquisa, com professores do segundo segmento da Educação Básica. Além disso, acessei rastros de autoria de ‘*doscentesdiscentes*’ que experienciaram o ERE e compartilharam, no ciberespaço, suas vivências, em lives, nas redes sociais ou em plataformas criadas para funcionar como uma rede de memórias das experiências da pandemia. O período em que se deu a produção das narrativas no *moodle* foi de fevereiro de 2021 a julho de 2021; já o grupo do *whatsapp* com os professores foi criado em 31 de março de 2022. Em ambos, começou em julho de 2022 e terminou em julho de 2023. A cibercartografia – praticada no período de um ano (entre julho de 2022 e julho de 2023) – aconteceu em turmas de um ambiente virtual de aprendizagem produzido pelo orientador dessa dissertação e pelos demais componentes do grupo de pesquisa por ele coordenado, no decorrer da pandemia.

As narrativas foram cartografadas e editadas seguindo a técnica do *'praticantespensante'* alegórico (Nolasco-Silva, 2019). A operação ocorreu da seguinte forma: as narrativas dos interlocutores da pesquisa foram mixadas, reunidas como se constituíssem uma única voz. Elas passam a exercer, no texto, uma função problematizadora. A reunião dessas narrativas, em minha ilha de edição, é composta por fragmentos de relatos/conversas/autorias extraídos do Moodle da disciplina Tecnologias e Educação (estarão sinalizados com o ícone do moodle), dos encontros remotos do grupo de pesquisa (também registrados e hospedados no Moodle, sinalizados com o ícone de grupo rosa), além de áudios que foram transcritos de vídeos ou do *whatsapp* (sinalizados com o ícone do aplicativo), tudo devidamente (des)arrumado para fazer o pensamento se movimentar. As narrativas aparecerão indicadas com um ícone do Moodle e do *Whatsapp* indicado ao lado, conforme a tabela abaixo:

	<p>Narrativas cartografadas no Moodle</p>
	<p>Narrativas cartografadas no <i>Whatsapp</i></p>

A pesquisa cartográfica na cibercultura, conforme discutido por Carvalho e Pocahy (2020), emergiu como um caminho durante a pesquisa na/da pandemia, especialmente no contexto do ensino remoto emergencial. O ciberespaço tornou-se o novo palco dos cotidianos escolares, desafiando educadores, estudantes e pesquisadores a reconfigurarem suas práticas. A cartografia, nesse cenário, não se limitou à simples localização de informações, mas abrangeu a exploração das interações, experiências e trajetórias vividas no ambiente digital. A pesquisa cartográfica na cibercultura permitiu mapear esses desafios, identificando pontos críticos e ainda mais perguntas. As trilhas percorridas por *'doscentesdiscentes'* no ciberespaço se tornaram evidências importantes para entender as dinâmicas do ensino remoto.

O conceito de cartografia, aqui, vai além da geografia física e se entrelaça com a ideia de rizoma de Deleuze. As experiências no ciberespaço são múltiplas, interconectadas e não lineares. Através dessa abordagem, a pesquisa cartográfica se debruçou sobre as diferentes camadas de interação e aprendizado que ocorrem simultaneamente no ambiente digital. Isso

incluiu desde as plataformas utilizadas para o ensino até as redes sociais e aplicativos que suportaram as relações escolares durante a pandemia que trouxe à tona a necessidade de uma educação mais flexível e adaptativa. O ensino remoto emergencial no ciberespaço mostrou que as práticas pedagógicas tradicionais precisavam ser repensadas. A cartografia permitiu acompanhar essas mudanças em tempo real, registrando as inovações e adaptações que emergiram dos desafios impostos pela crise sanitária. A pesquisa capturou as improvisações cotidianas e as novas rotinas estabelecidas no espaço digital.

A cartografia na cibercultura também destacou a importância do *'saberfazer'* dos professores. No *'espaçotempo'* do ciberespaço, os educadores tiveram que reinventar suas metodologias, utilizando diversas ferramentas tecnológicas para manter o engajamento e a interação dos alunos. As narrativas foram cartografadas e editadas seguindo a técnica do *'praticantespensante'* alegórico (Nolasco-Silva, 2019). A operação ocorreu da seguinte forma: as narrativas dos interlocutores da pesquisa foram mixadas, reunidas como se constituíssem uma única voz. Elas passam a exercer, no texto, uma função problematizadora. A reunião dessas narrativas, em minha ilha de edição, é composta por fragmentos de relatos/conversas/autorias. Essa capacidade de adaptação e improvisação foi um dos aspectos mais marcantes mapeados pela pesquisa, evidenciando a reinvenção e a criatividade dos profissionais da educação. Ao mapear as trajetórias, interações e adaptações no ciberespaço, a pesquisa não apenas documentou um momento histórico singular, mas também forneceu *insights* valiosos para a construção de uma educação mais inclusiva, flexível e preparada para os desafios futuros.

Os interlocutores teóricos da pesquisa são, na maior parte do tempo, Deleuze e Guattari (1995); Adichie (2009); Nolasco-Silva (2019); Alves (2011); Larrosa (2019) além de alguns outros que cruzaram comigo durante a feitura do trabalho. Inspirada pela obra de Alves (2011), que fala da riqueza dos cotidianos e das práticas pedagógicas, procuro realizar os movimentos necessários para criar uma investigação cotidianista. As imagens utilizadas aqui, foram cocriadas a partir de comandos dados a uma inteligência artificial de produção de imagens (Dall-e), gerida pela OpenAI, que atua em conjunto com o Chat GPT. As imagens de cunho pessoal foram editadas por mim.

2.5 AS IMAGENS

Trata-se, então, não de criar obras de arte, mas de fazer da ciência uma obra de arte, um discurso potencializado por uma função fabuladora que ultrapasse, embora reconheça, o que existe. Uma ciência que crie, também, com palavras e imagens, sensações, perceptos, afectos, devires. Que para além da cognição e reconhecimento, seja capaz de impulsionar a criação de mundos possíveis. Um modo de fazer ciência comprometido com a sobrevivência e com o vivido, mas que os ultrapassa em busca

da expansão e da afirmação da vida. Um modo de fazer ciência que institua a vontade de poder, de potência, de invenção, e o querer sempre mais como sinal de força, saúde, direito e vida. Para todos. (SOARES, 2013, p.740)

Nesta seção, apresento uma breve discussão teórico-metodológica sobre as imagens cocriadas por mim em parceria com a inteligência artificial (IA) Dall-e, que opera em conjunto com o ChatGPT, desenvolvida pela OpenAI. Cada imagem virá acompanhada por uma descrição que ilustra a pluralidade de narrativas costuradas na presente dissertação.

Inicialmente, pensei em descartar essas imagens, pois elas pareciam perder sentido no meio das notas e das narrativas. No entanto, percebi que as imagens representam um esforço significativo no meu processo de produção da pesquisa, e descartá-las seria também descartar parte desse esforço, especialmente, considerando que a “onda” das IAs ganhou destaque após a pandemia.

A função fabuladora criadora nada tem a ver com uma lembrança mesmo amplificada, nem com um fantasma. Com efeito, o artista, entre eles o romancista, excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido. É um vidente, alguém que se torna. Como contaria ele o que lhe aconteceu, ou o que imagina, já que é uma sombra? Ele viu na vida algo muito grande, demasiado intolerável também, e a luta da vida com o que a ameaça, de modo que o pedaço da natureza que ele percebe, ou os bairros da cidade, e seus personagens, acedem a uma visão que compõe, através deles, perceptos dessa vida, deste momento, fazendo estourar as percepções vividas numa espécie de cubismo, de simultaneísmo, de luz crua ou de crepúsculo, de púrpura ou de azul, que não têm mais outro objeto nem sujeito senão eles mesmos (Deleuze; Guattari, 1992, p. 202).

Segundo Deleuze e Guattari (1992), a criatividade não é apenas uma lembrança ampliada ou uma ilusão. O artista consegue ir além das experiências e sentimentos comuns da vida. Ele é como um vidente, alguém que vê e sente mais profundamente. Quando tenta contar o que viveu ou imaginou, ele lida com algo muito grande e intenso, algo que a vida normal não consegue conter. Por isso, quando ele descreve partes da natureza, bairros da cidade ou personagens, ele cria uma visão única que explode as percepções comuns. Essa visão é como uma obra de arte cubista, cheia de cores e formas intensas, que existe por si mesma, sem precisar de um significado externo.

Esse processo de cocriação de imagens evidenciou a necessidade de considerar a experiência individual e coletiva na criação das imagens com seus respectivos comandos, reconhecendo que elas são entrelaçadas com contextos culturais e históricos específicos. As imagens cocriadas com a IA não são meros produtos visuais, mas representações que dialogam

com a complexidade das experiências narradas, refletindo a interseção entre tecnologia e cultura em tempos de cibercultura e pandemia. Como sugerem Deleuze e Guattari (1992), no conceito de “agenciamento maquínico”, a colaboração entre humanos e máquinas não é apenas uma relação instrumental, mas uma coevolução que resulta em novas formas de produção de sentido. Eles argumentam que o pensamento se move em "linhas de fuga", criando novas conexões e desestabilizando estruturas fixas. Aplicando essa ideia ao contexto de criação de imagens, podemos ver como essas representações não são meramente produtos estáticos, mas sim pontos de partida para a construção de novas narrativas que refletem a complexidade das experiências vividas.

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI E ROLNIK, 1999. p.31)

No cenário da cibercultura, conforme discutido por autores como Pierre Lévy (1993) e André Lemos (2009), o digital transforma radicalmente a forma como percebemos e interagimos com o mundo. A criação colaborativa entre humanos e IA, especialmente em tempos de pandemia, representa uma manifestação concreta dessa transformação. Aqui, as imagens cocriadas funcionam como agenciamentos que operam na interseção entre o biológico e o tecnológico, entre o individual e o coletivo, e entre o local e o global. Esse processo revela não apenas a produção conjunta de conteúdo, mas também o potencial da tecnologia para expandir as possibilidades de pensamento e criação.

Assim, as imagens cocriadas não são meros artefatos visuais; funcionam como representações dinâmicas que capturam e expressam as tensões e complexidades da contemporaneidade. Elas são fruto de um diálogo contínuo entre história, cultura e tecnologia, em que a narrativa visual se torna uma ferramenta poderosa para a construção de significados em tempos de incerteza e transformação. Por meio dessa cocriação, observa-se a emergência de novas formas de subjetividade e expressão, onde a cibercultura se torna um terreno fértil

para a exploração de realidades múltiplas, conectando o passado, o presente e o futuro em um fluxo contínuo de criação e recriação.

Portanto, esta seção não apenas resgata as imagens que quase foram descartadas, mas também as coloca em um novo contexto, onde podem ser apreciadas por seu valor teórico e metodológico: são testemunhas visuais de um período de intensa transformação e inovação, marcando a convergência entre as narrativas pessoais e a evolução tecnológica. Conforme Deleuze e Guattari, para se criar uma obra de arte não basta a memória do vivido, do experimentado, que convoque somente antigas percepções, mas é preciso por em ato a fabulação. (Soares, 2013, p.739)

Assim, as imagens apresentadas a seguir são uma parte do meu processo de pesquisa, desenvolvida a partir das conversas tecidas nas orientações coletivas do grupo de pesquisa. Esse procedimento com a criação de imagens em coautoria com o Dall-e já tinha sido desenvolvido na dissertação de Caroline Cabral, integrante do grupo de pesquisa CENA, defendida em 2023, no Proped²⁹. O processo de criação representou o esforço de cocriar com a tecnologia e a explorar os significados visuais em um mundo cada vez mais mediado por inteligências artificiais. Elas encerram esta dissertação com uma reflexão sobre o futuro da pesquisa e da visualidade em um contexto de rápida mudança cultural e tecnológica.

A pandemia forçou uma reconfiguração das práticas de ensino, onde as imagens e os conteúdos visuais ganharam um novo protagonismo. As aulas online e as interações digitais exigiam uma abordagem diferente, que considerasse a experiência visual dos alunos e a complexidade das relações mediadas pela tela. Passei a registrar não apenas as táticas pedagógicas utilizadas, mas também as reações e feedbacks dos estudantes. Inspirada pelos conceitos de "escritas de si" de Foucault e pela ideia de rizoma de Deleuze, percebi que o diário não era apenas um registro linear de eventos, mas uma rede complexa de significados e interpretações. Cada entrada no diário representava um ponto de interseção entre minha prática profissional e os contextos culturais e tecnológicos nos quais estava inserida. As imagens que criei em parceria com a inteligência artificial Dall-e tornaram-se componentes cruciais desse processo, funcionando como realidades visuais que dialogavam com os temas e desafios enfrentados.

Em cada entrada do diário, fui desafiada a reavaliar minhas concepções sobre o ensino e a pesquisa. A perspectiva da Cultura Visual, como discutida por autores como Hernández

²⁹ Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/20718> Acesso em: 28/08/24.

(2007), enfatiza a importância de uma alfabetização visual que vá além da mera interpretação de imagens, mas que envolva um engajamento crítico e uma capacidade de criar novas formas de conhecimento. Esse processo me levou a questionar as estruturas tradicionais de representação acadêmica e a buscar maneiras de integrar as visualidades de forma mais significativa e coerente em minha prática. A pandemia também revelou a importância de considerar o contexto e a subjetividade na análise das imagens. As representações visuais não são neutras; elas carregam consigo histórias, emoções e significados que devem ser reconhecidos e valorizados. Em meu diário, as imagens serviram como veículos para explorar essas dimensões subjetivas, permitindo-me conectar com os *'docentes discentes'* e compreender melhor suas experiências durante o ensino remoto.

Cada imagem cocriada com a IA representa não apenas um ponto de reflexão, mas também uma oportunidade de diálogo. A ideia de rizoma de Deleuze foi particularmente relevante aqui, pois essas imagens não seguiam uma hierarquia fixa, mas se conectavam de maneira fluida e dinâmica, refletindo a natureza interconectada e complexa da cibercultura.

No final, a prática de manter um diário de pesquisa visual se mostrou uma ferramenta poderosa na reinvenção e inovação pedagógicas. Ele me permitiu documentar e refletir sobre as experiências vividas durante a pandemia, criando um registro valioso que transcende a mera descrição de eventos. Esse diário, repleto de imagens e narrativas visuais, captura um período de transformação e aprendizado, oferecendo insights sobre como a tecnologia e a cultura visual podem enriquecer e expandir as práticas educacionais.

3. O DIÁRIO DE MARIA

Figura 2- Primeiro caderno e primeiro livro lido pela pesquisadora



Fonte: Acervo da autora

Assim como Frida Kahlo em seu diário³⁰ e Chimamanda Adichie (2021)³¹ em suas *Notas sobre o luto*, brinco com uma escrita que foge dos padrões de determinada Academia – escrevo ‘determinada’ por reconhecer que hoje, com a abertura das universidades para novos públicos, há uma multiplicidade de escrituras e de escritores nas Academias, no plural. Brinco, às vezes, como quem pula corda e, noutras, como quem está na corda bamba. E no fio desse meu caminhar da pesquisa, vira e mexe vou sendo atingida. Como em um caminhar descalço onde um caco de vidro perfura a sola do pé e nos faz dar um salto. Acho que o meu salto aconteceu. Bem assim mesmo. Uma mistura de susto, com dor e medo do que possa vir dessa perfuração. Sou amiga das artes de fazer³², das cores, do inesperado, das experiências, do

³⁰ Cf. KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um auto-retrato íntimo Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

³¹ Cf. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Notas sobre o luto*. Editora Companhia das Letras, 2021.

³² A noção de "artes de fazer" engloba uma perspectiva sobre a maneira como as pessoas operam dentro das estruturas cotidianas, criando significados e práticas únicas em resposta aos desafios que encontram. Michel de Certeau (1994), em sua obra "A Invenção do Cotidiano", discorre sobre a ideia de como os indivíduos se apropriam de sistemas estabelecidos de maneira criativa para produzir novas formas de interação e significado. Ele enfatiza

cotidiano, das narrativas, do tempo, das redes educativas... Escrevo apostando na força-paragem das palavras: *“por favor, não me apressem, quero mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano do verbo, para assim versejar o âmago das coisas.”* (Evaristo, 2008).

Cerzindo as vozes de Conceição e Frida – “Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?” – na suspensão das formalidades, convido você, leitor, a cocriar essa escrita comigo, na intenção de criar conceitos³³, voar sobre novos territórios, traçar caminhos por onde os nossos pés sejam capazes de nos levar a existir de outros modos. Mas antes,

Deixa eu me apresentar
Que eu acabei de chegar
Depois que me escutar
Você vai lembrar meu nome³⁴

Sou Maria, vim ao mundo no subúrbio do Rio de Janeiro, cresci num lugar onde cada amanhecer trazia consigo um leque de possibilidades, ao passo que as noites teciam histórias nas sombras que se alongavam pelas velas. Desde que me entendo por gente tinha vontade de ser professora. Não imaginava a similaridade entre ser docente e ser costureira. Sim, isso mesmo: o professor é um artesão que costura gente (NOLASCO, 2019, p. 20). E nessa costura da gente foram muitas linhas, traços, arremates, cerzimento de vivências, encontros e conversas,

e eu saí. Saí por aí, conversando com professor, com estudante, com gente conhecida e gente que nunca ouvi falar. Gente que habita salas de aula. Gente que inventa aula, inventa vida, gente-tecnologia-com-suas-próteses- quase-da-família. A pergunta era: como você produz a sua aula? Ou: como você vivencia a aula produzida? Sim, a aula já é a vida acontecendo, não é a preparação para o que virá depois. Então, como tem sido a sua vida? A vida de nós dois: professor e estudante. (NOLASCO-SILVA, 2019, p. 20).

a capacidade das pessoas comuns de subverter as normas e práticas dominantes através de suas "táticas" inventivas. Paralelamente, Richard Sennett, em "O Artífice", explora a valorização do trabalho manual e a técnica como formas de engajamento significativo no mundo, sugerindo que há uma arte intrínseca em fazer e moldar o ambiente ao nosso redor. Na esfera educacional, a figura da "Professora Artífice" (NOLASCO-SILVA, 2022) aparece como personificação desse espírito das artes de fazer. Ela não opera com a ideia de transmissão do conhecimento, mas adapta e cria maneiras outras de ensinar e aprender, respondendo de forma inventiva às demandas e desafios dos cotidianos escolares.

³³ Para Deleuze e Guattari (1992, p.13), “o filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, descobertas ou produtos.(...) Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado de que ele remeta ao filósofo como aquele que o tem no poder, ou que tem seu poder e sua competência.” Assim, destacam a filosofia como um campo onde a criação de conceitos é fundamental. Eles descrevem não como uma atividade passiva de manipulação de ideias já formadas, mas como um processo ativo que também define o momento e o contexto. Ao introduzir a figura do "amigo" como elemento crucial, eles estabelecem a conexão entre o filósofo e seus conceitos, retratando-o como alguém cujo poder reside na capacidade de gerar novas ideias.

³⁴ Referência aos versos da canção “Amarelo, azul e branco”, gravada por Anavitória e Rita Lee, composta por Ana Caetano e Vitória Falcão.

Figura 3 - O amanhecer da casa de Maria no subúrbio do Rio de Janeiro



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

“Como tem sido a sua vida?”... Essa pergunta inquietou-me ainda mais durante a pandemia³⁵ da Covid-19, ao ponto de fomentar a escrita de um projeto de pesquisa. Eu estava isolada fisicamente das minhas turmas, dos meus colegas professores, da escola, dos meus amigos e familiares. Como um sopro tudo ficou diferente e as minhas aulas presenciais foram transformadas em aulas online. Tela. Teclado. Fone. Microfone. Um verdadeiro exílio domiciliar. Posso dizer que a minha salvação foi a literatura e a arte, em especial: a música, a escrita e a pintura.

³⁵ No final de 2019, o mundo foi alertado sobre casos de pneumonia em Wuhan, na China. Embora o coronavírus fosse comumente associado a resfriados leves, essa nova variante, identificada oficialmente em 7 de janeiro de 2020, representou um desafio significativo para a saúde global. A descoberta e identificação dessa nova doença marcaram o início de uma crise de saúde pública sem precedentes, destacando a capacidade desse vírus de causar impactos graves e amplos, muito além dos sintomas típicos de resfriado comum. Em 11 de março de 2020, a OMS caracterizou a COVID-19 como uma pandemia, uma decisão que refletia a ampla disseminação geográfica do vírus. É importante notar que o termo "pandemia" se refere à extensão geográfica de uma doença, e não necessariamente à sua gravidade. Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara em Genebra, na Suíça, o fim da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente> Acesso em: 23/11/23

 Querido Diário, sei que o ensino online não é tão bom, para se tirar as dúvidas e ter o contato direto com o professor, mas nesse tempo de pandemia é necessário permanecer em casa, para que o vírus não se espalhe. Estou com muitas dúvidas e medos, espero que tudo acabe logo, logo. Comecei minhas aulas on-line da faculdade, cada um de sua casa todos conectados, professores e alunos, com o mesmo objetivo de darmos início as nossas aulas. Vamos usar todos os recursos para dar tudo certo de forma remota: Livros, ferramentas digitais e plataformas como o AVA desconhecido, mas tenho que me adaptar, acredito que os outros também. Não está sendo nada fácil, a Internet cai toda hora, um ruído aqui, desvio da atenção ali, além disso, não sei direito usar a plataforma, acessar os links. Às vezes não dá muito certo encontrar as salas, me sinto perdida nesse recurso, mas estou tentando o máximo para conseguir me adaptar ao ensino remoto e quando voltar as aulas presenciais e conhecer todos os meus colegas de turma.

Descobri uma arte paralela à pintura também nesse período, um refúgio que *envolve todos os sentidos*: cozinhar. Na correria dos dias da vida dessa professora de Literatura, nunca coube muito bem a administração do tempo de fazer a própria comida. Eu comia na rua ou pedia um ifood³⁶, contava com a boa vontade de minha vó ou minha mãe quando podiam separar uma marmitinha. Vivendo o isolamento, preparar minhas refeições foi uma experiência à parte: cada ingrediente, um pensamento; cada tempero, a esperança em dias melhores. A cozinha tornou-se, então, não apenas um lugar de criação, mas também um espaço sagrado de memória e cura. Enquanto cozinava, me conectava com o presente, com o passado e, de alguma forma, fazia as pazes com o futuro.

³⁶ O iFood é uma empresa brasileira de tecnologia que se tornou referência em delivery na América Latina —e chegou a 2023 entregando mais de 65 milhões de pedidos por mês em todo o Brasil. Disponível em: <https://institucional.ifood.com.br/noticias/o-que-e-o-ifood/> Acesso em: 23/11/23.

Figura 4 - A cozinha, casa de memórias e afetos nos sabores que deixaram saudades

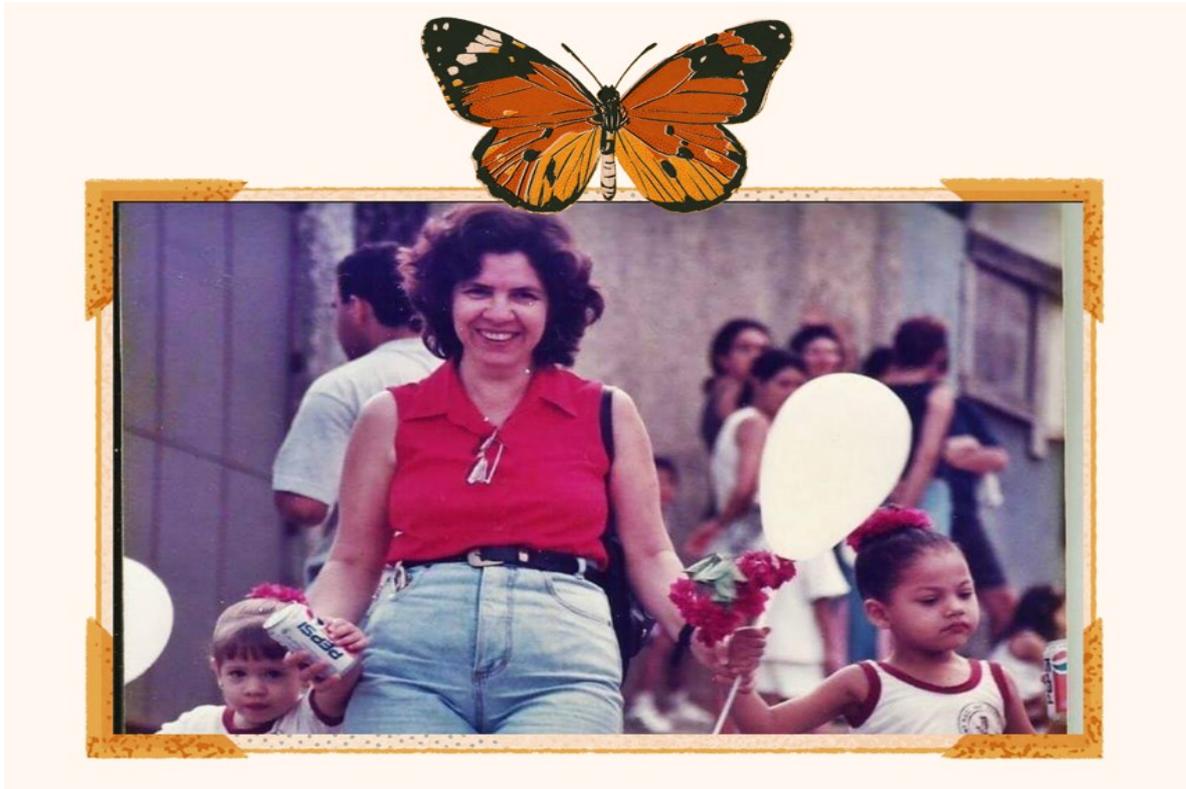


Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Cada refeição preparada tornou-se, assim, recordação: aos momentos compartilhados com os que perdi para o Coronavírus, em especial, minha tia e minha grande amiga, às conversas à mesa que não aconteceriam mais, aos silêncios confortáveis que agora ressoavam na ausência de todas. E, em cada prato, permanecia a esperança — um sussurro de que, mesmo na perda, a vida continua, adaptando-se, como os sabores no fogão, criando novos sentidos a partir dos resquícios do que foi deixado para trás.

Arrependo-me das minhas antigas certezas: Você certamente deve vivenciar seu luto, falar a respeito, encará-lo atravessá-lo. As certezas arrogantes de alguém que ainda não o conhece.(...) Como as pessoas andam pelo mundo, funcionando, depois de perder um amado pai? Pela primeira vez na vida, estou apaixonada por remédios para dormir, e debaixo do chuveiro ou no meio de uma refeição começo a chorar. (Adichie, 2021, p. 89)

Figura 5 – Prima da pesquisadora à esquerda, a pesquisadora à direita, ambas voltando da escola com a tia que motiva o presente estudo



Fonte: Acervo da autora.

Assim como na cozinha, anseio por entrelaçar palavras de tal forma que elas transcendam o papel. E, por tal anseio, muitas vezes, as palavras somem e nem chegam a ele. Durante a minha infância eu não tive um quarto para chamar de meu. Morávamos em uma casa humilde, que no início tinha um quarto – com cama de casal, beliche e guarda-roupa –, uma sala e um banheiro. Depois, construímos uma cozinha e as circunstâncias da vida adiaram o sonho de construir um segundo quarto para os meus irmãos e eu. No fundo, eu acho que gostava de dormir com todo mundo junto, no mesmo quarto. A sensação de união, afeto e acolhimento estava sempre ali. Todos os dias. Mamãe, meus dois irmãos, meu pai e eu.

Figura 6 - A casa da infância de Maria



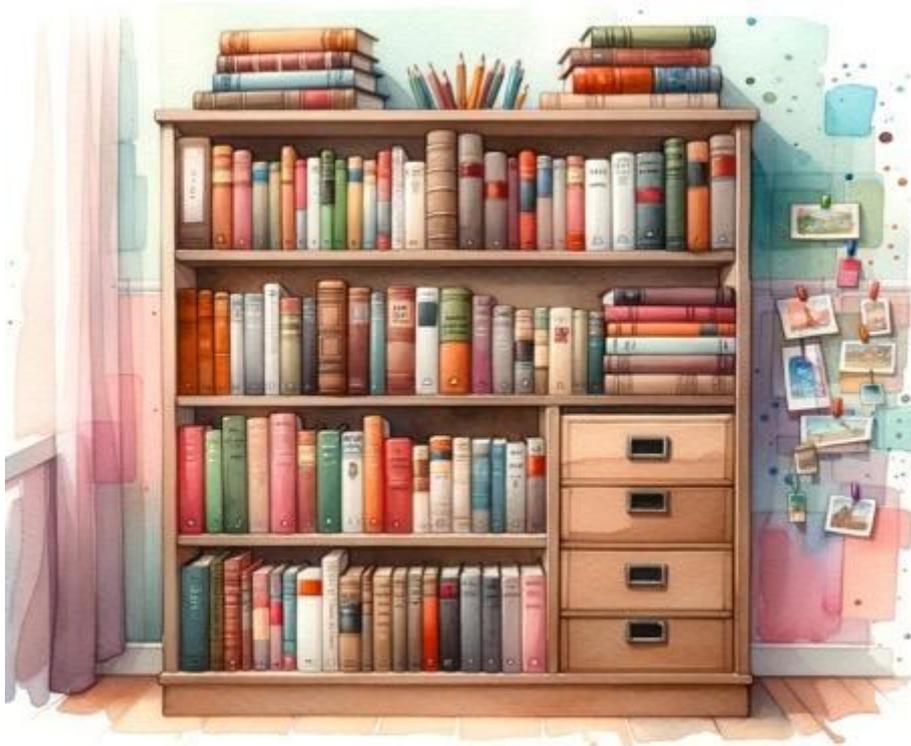
Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Conto a minha história por acreditar que quando se conhece pelo menos um pouco a subjetividade da escritora, a leitura torna-se diferente. Os olhares e percepções daquele que lê podem atingir outros lugares, inclusive da sua própria história de vida. Isso é Literatura. Experienciada, vivida, narrada... e assim:

Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso.” (Evaristo, 2011, p.9)

A literatura, para mim, nunca foi apenas um passatempo. É um refúgio, um universo paralelo onde as complexidades da existência podem ser exploradas, onde as emoções podem ser destiladas em sua forma mais pura, através das palavras. Nas páginas dos livros, encontro não apenas escape, mas também uma conexão profunda com as esperanças e temores compartilhados. Eu falava para minha mãe sobre meu sonho de ser escritora, juntamente com o sonho de conquistar um quarto só para os meus livros, onde pudesse guardá-los, protegê-los e, junto com eles, poder ir para qualquer lugar que eu quisesse. Mamãe sempre me disse que os livros me levariam para onde eu desejasse. Por isso, alimentei o desejo de ter um apartamento com pelo menos dois quartos – um para mim e outro para os meus livros.

Figura 7 - A estante de livros, nascimento das fabulações



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Hoje, esse é o meu lar. Meus livros me levaram mesmo até onde eu quis. E assim, a cada dia, em meio aos afazeres e às responsabilidades, roubava momentos para dedicar à minha paixão. Preenchia cadernos com observações, pensamentos, fragmentos de histórias que brotavam em minha mente, nada diferente do que acontece na vida de uma pesquisadora. No silêncio da noite, eu me permitia sonhar acordada, imaginando um futuro onde minhas histórias poderiam viver nas prateleiras das livrarias e alcançar leitores.

Figura 8 – A pesquisadora em Recife com o livro *Vidas Secas*. Ao lado, seu primeiro caderno com a escrita de seu nome



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

O medo das críticas, contudo, sempre foi um obstáculo. Será que as minhas palavras eram dignas de serem lidas? Os meus pensamentos ressoariam em outras pessoas? O conflito entre o desejo de compartilhar a minha voz e o medo paralisante da rejeição é uma batalha interna. No entanto, mesmo nos momentos de dúvida, insisto em continuar, palavra por palavra, linha por linha, página após página. Escrever é como viajar sem sair do lugar. E viajar é como alimentar a minha alma, é uma fonte incessante de inspiração e renovação.

Fui morar sozinha com 23 anos depois que consegui o meu primeiro emprego e comecei a ministrar aulas. Conhecer novas pessoas, acessar suas histórias, testemunhar modos de vida distintos do meu, expandiu meus horizontes, contaminou a minha arte com novas cores, texturas e formas... Sou, a partir disso, uma professora contadora de histórias. Cada conversa, uma revelação; cada paisagem, uma poesia visual; cada aroma ou sabor, uma memória que se entrelaça e me constitui.

Figura 9 - Inventário de memórias e experiências de Maria



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

A trajetória que desenhei pra mim esteve atrelada às leituras, ao estudo, o que acabou me levando pelas vias da Academia. Depois de me formar em Letras e me tornar professora, na Educação Básica, saí do Rio de Janeiro e fui morar em Cabo Frio, tudo isso durante o curso do mestrado em educação, na Uerj, em meio à turbulência da pandemia.

Figura 10 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj



As palavras que bordo aqui, recuperando e atualizando memórias, se desenrolam neste palco sombrio, tendo o mestrado como pretexto. Durante essa fase intensa, tive os caminhos cruzados com muitos professores e estudantes na universidade. Mesmo diante de circunstâncias tristes e adversas, compartilhamos narrativas, tecemos uma complexa colcha de retalhos que hoje trago aqui em forma de diário...

Vejo-me como uma bordadeira de histórias, onde cada encontro, cada palavra trocada, são fios que compõem uma tapeçaria, não apenas uma coleção de memórias, mas um *'espaçotempo'* de vivência e reflexão. Jorge Larrosa (2019), fala da experiência não como algo que se tem, mas que se passa; é algo que nos atravessa, nos toca, nos forma, e nos transforma. E, ao refletir sobre a memória, não posso deixar de pensar em Deleuze (1999), que fala da

memória enquanto multiplicidade, não restrita ao passado, mas sim como dispositivo de criação do presente e do futuro, como reinvenção.

Nesse período de isolamento e reflexão, cada pincelada em minha tela não é apenas cor, mas uma narrativa; a palavra que brota de minha caneta carrega consigo o peso e a leveza de ser. Enquanto pesquisadora, estou inclinada a praticar a ideia de "escritas de si" de Foucault (1994), pois quero transformar minha própria vida em texto, cuidar dela como obra de arte³⁷, escrever sobre as minhas histórias, que também são histórias de outras pessoas que passam por mim.

Figura 11 - Quadro "Os pássaros", pintado por Maria



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

As histórias que conto aqui não são histórias de um eu narcísico, mas sim de uma coletividade que me habita, que passa por mim através das narrativas da pesquisa. Refletir com as experiências e, mais importante, compartilhá-las, é uma forma de autoconhecimento e de diálogo com o mundo. É uma produção interna constante, uma “casa” que estamos sempre a edificar com os cacos do passado, os fragmentos do presente e as sementes do futuro.

Aqui, a imagem do artista Gabriel dos Santos³⁸ ressoa em mim. Ela fala de uma casa construída por ele a partir de cacos, mas que, através de suas mãos habilidosas, não se torna

³⁷ Segundo Foucault (1994), a *escrita de si* serve não apenas como um meio de desenvolver um estilo único, mas também como uma ferramenta ética para compreender a nós próprios e as pessoas. Para ele, essa forma de autoexpressão oferece uma possibilidade de moldar a própria vida como uma *obra de arte*, criando maneiras de viver no mundo que escapam das restrições impostas pela sociedade. Escrever sobre si mesmo é um processo de afastamento da subjetivação imposta, permitindo uma redefinição e reinvenção do eu.

³⁸ Gabriel Joaquim dos Santos, nascido em 1892, é uma figura emblemática da cultura popular brasileira, criador da "Casa da Flor", localizada em São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro. Pedreiro e pescador sem qualquer saber técnico em arquitetura ou arte, Gabriel construiu uma casa que desafia as categorizações tradicionais. A

uma morada de desolação, mas uma flor. A metáfora usada por Gabriel ajuda a compreender as notas que virão...

Figura 12 - A casa sonho – A Casa da flor – A casa bricolada



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

singularidade da Casa da Flor se destaca pela sua composição. Ele empregou uma abordagem orgânica à construção, incorporando materiais reciclados e reutilizados, como garrafas, conchas, pedras e fragmentos de cerâmica. Estes, por sua vez, não apenas serviram como materiais de construção, mas também como elementos estéticos, formando mosaicos e detalhes distintos que enriquecem a estrutura. Inicialmente, a Casa da Flor pode ter sido vista como uma curiosidade local. No entanto, com o passar do tempo, sua singularidade e a dedicação de Gabriel dos Santos atraíram a atenção tanto de visitantes casuais quanto de acadêmicos. A crescente apreciação e curiosidade culminou no tombamento da casa pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) em 1988, apenas três anos após o falecimento do artista construtor. Em 2002, a casa foi consolidada como um espaço cultural e museu, solidificando seu status como um patrimônio cultural. Em síntese, a Casa da Flor, através de sua construção não convencional e da visão de Gabriel Joaquim dos Santos, serve como uma representação tangível da capacidade do indivíduo comum de contribuir de maneira significativa para o patrimônio cultural de uma nação. É um monumento à criatividade, resiliência e à habilidade de ver potencial artístico em materiais cotidianos e descartados. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/sao-pedro-da-aldeia-casa-da-flor/> Acesso em: 16 out. 2023.

Esta é a história de uma artista, educadora e pesquisadora. Uma mulher que, mesmo em meio aos vendavais da vida, encontra beleza e força nos cacós, bordando histórias não com fios, mas com experiências e memórias.

<i>E a vida, e a vida o que é?</i>	<i>Somos nós que fazemos a vida</i>
<i>Diga lá, meu irmão</i>	<i>Como der, ou puder, ou quiser</i>
<i>Ela é a batida de um coração</i>	<i>Sempre desejada</i>
<i>Ela é uma doce ilusão</i>	<i>Por mais que esteja errada</i>
<i>Êh! Ôh!</i>	<i>Ninguém quer a morte</i>
	<i>Só saúde e sorte</i>
<i>E a vida</i>	
<i>Ela é maravilha ou é sofrimento?</i>	<i>E a pergunta roda</i>
<i>Ela é alegria ou lamento?</i>	<i>E a cabeça agita</i>
<i>O que é? O que é, meu irmão?</i>	<i>Eu fico com a pureza</i>
	<i>Da resposta das crianças</i>
<i>Há quem fale que a vida da gente</i>	<i>É a vida, é bonita</i>
<i>É um nada no mundo</i>	<i>E é bonita</i>
<i>É uma gota, é um tempo</i>	
<i>Que nem dá um segundo</i>	<i>Viver e não ter a vergonha</i>
	<i>De ser feliz</i>
<i>Há quem fale que é um divino</i>	<i>Cantar, e cantar, e cantar</i>
<i>Mistério profundo</i>	<i>A beleza de ser um eterno aprendiz</i>
<i>É o sopro do criador</i>	
<i>Numa atitude repleta de amor</i>	<i>Ah, meu Deus!</i>
	<i>Eu sei, eu sei</i>
<i>Você diz que é luta e prazer</i>	<i>Que a vida devia ser bem melhor</i>
<i>Ele diz que a vida é viver</i>	<i>E será!</i>
<i>Ela diz que melhor é morrer</i>	
<i>Pois amada não é e o verbo é</i>	<i>Mas isso não impede</i>
<i>sofrer</i>	<i>Que eu repita</i>
	<i>É bonita, é bonita</i>
<i>Eu só sei que confio na moça</i>	
<i>E na moça eu ponho a força da fé</i>	

*E é bonita*³⁹

Figura 13 - Uma dissertação feita de cacos transformada em flor...



Fonte: Produção de colagens feito pela própria autora no aplicativo Canva.

³⁹ Música “O que é, O que é” de Gonzaguinha.

4. O DIÁRIO PANDÊMICO

4.1. NOTA 1 (20/11/2022)

Não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa. (Krenak, 2020, p. 12).

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.
– Gabriel García Márquez.

ERA MINHA TIA a responsável pelas reuniões de família antes e durante a quarentena, em grupos de *whatsapp*, *Zoom* e afins. Ela realizava chamadas de vídeo diretamente do Rio de Janeiro. Parte da família morava em São João Del Rey, Teresópolis, São Paulo, Manaus, Juiz de Fora, Cabo Frio e Florianópolis. Sim, família grande, barulhenta e bem louca... No que cabe em minha memória, dia 19 de outubro, seu aniversário, ela nos fez uma chamada para contar a alegria de ter conseguido operar a catarata. No dia 20 eu fui visitá-la no Rio de Janeiro e senti que estava um pouco cansada, talvez pelo pós-operatório. No dia 21 de outubro recebi com bom grado suas imagens no *whatsapp* de como seguir bem o turbulento *lockdown*. Ela sorriu quando eu disse que a pandemia me transformou nela: *preocupada com tudo e todos*.

 *Nos primeiros meses de isolamento social, minha mãe e minha tia entraram em pânico (não à toa) e revezavam entre quem usava o termômetro e quem usava o aparelho de pressão. O lado hipocondríaco delas aflorou absurdamente. Além das diversas pesquisas no Google, que ajudavam nos diagnósticos mais estranhos possíveis: desde o contágio pelo Covid até um câncer, mesmo sem nenhum sintoma.*

Trocamos alguns áudios, ela me contou sobre o médico e as discussões políticas que teve no hospital. Falei para ela que, de fato, já tinha ouvido falar de ambos. Ela me mandou longos áudios contando que mesmo diante de uma pandemia, as pessoas não tinham o mínimo de educação com os profissionais da saúde e até brigas aconteceram por conta da demora no atendimento. Parabenizei sua paciência, compreensão e cordialidade com o profissional atendendo tantas pessoas em meio à pandemia. E assim, continuou contando mais histórias do seu dia de retorno, revoltada com as reclamações infundadas dos pacientes.

Ela sempre me ensinou com suas ações sobre respeito e educação, sobretudo, sobre ter fé. Uns dias depois, enviei uma nova mensagem. “E aí, tia? Como está a recuperação? Como

está a vista?”. Minhas últimas palavras. Sem resposta. No dia 25 de outubro ela foi entubada. No dia 15 de novembro ela se foi. Minha prima me ligou para confirmar meu *sonho-despedida*. “A notícia é como um desenraizamento cruel” (Adichie, 2021, p.10). Eu desabei.

Figura 14- O Quarto de hospital - cenário de morte e nascimento na pandemia da Covid-19



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

*As lágrimas irrigaram meu rosto
durante horas, no primeiro piscar dos
meus olhos, foi só despertar para a
realidade.
O que esperar hoje?
Além de decepção, além de tristeza,
além de dor?
Aquele dor que não passa, aqueles
pensamentos que brotam na tua*

*mente de repente, aquela vontade de
chorar que engasga, que cria uma
barreira na tua garganta.
O que esperar de um dia ensolarado?
Um dia lindo lá fora, mas, aqui dentro
chove tanto que mal consigo abrir
minhas janelas, quem dirá sair, abrir
as portas para curtir o sol.
Sou um nevoeiro.
Sou um caos.
Sou um tornado!
Ou será que eu estou assim?
Será momentâneo?
Amanhã serei outra pessoa?
Disposta a pelo menos abrir as
cortinas?
Não sei, só sei que meu corpo não
aguenta mais a chuva.⁴⁰*

⁴⁰ Narrativa “Chuva” por Ana Saragozo. O texto encontra-se em um livro chamado “*Rede de memórias – Relatos sobre a pandemia de Covid-19*” escrito pela psicóloga Paula Steinhaus financiado pelo Fundo Municipal de Cultura de Santo Ângelo - RS em 2021. Está disponível para acesso na página do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/component/k2/item/25149-Palestra>

4.2. NOTA 2 (21/11/2022)

NO DIA SEGUINTE eu não consegui dar aula remota. “*Eu estava inteiramente fora de mim aos gritos, dando murros no chão. A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do mundo que conheço desde a infância.*” (ADICHIE, 2021, p.8). Ainda assim, eu entrei “em sala”, imersa em um “ensino remoto emergencial”, perguntando-me como isso poderia estar acontecendo. Ao iniciar a aula⁴¹, as bolinhas⁴², geralmente silenciosas, escreveram no chat:

*“Está tudo bem, professora?”,
“Mestre, o que houve com você?”*

O meu pijama nesse dia foi meu uniforme. Eu estava um “caco”, passei a noite chorando. A aula não aconteceu. Ou melhor, aconteceu diferente de todas as experiências⁴³ que eu já havia tido antes. Eu contei que estava bem triste porque havia perdido minha tia, que sempre foi como uma segunda mãe para mim. Uma das estudantes abriu o microfone e começou a contar também sobre sua experiência...

⁴¹ “Para mim, uma aula não tem como objetivo ser entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical. Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. As pessoas têm de esperar. Obviamente, tem alguém meio adormecido. Por que ele acorda misteriosamente no momento que lhe diz respeito? Não há uma lei que diz o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é outra coisa. Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente. É por isso que um público variado é muito importante. Sentimos o deslocamento dos centros de interesse que pulam de um para outro. Isso forma uma espécie de tecido esplêndido, uma espécie de textura”. Entrevista concedida por Deleuze à Claire Parnet, em 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDvFOEBXji0> Acesso em 25/02/24.

⁴² Como nem todos abriam as câmeras – por variadas razões – as interfaces de videoconferência mostravam os usuários, muitas vezes, representados por pequenos círculos, geralmente com as iniciais dos seus nomes dentro deles ou com suas fotos. Deixo aqui, para ilustrar, uma coletânea de situações ocorridas no Ensino Remoto, compartilhadas nas redes e que ajudam a compor uma memória daquele tempo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLcZzcFVs7s> Acesso em: 20/04/24

⁴³ Algo que não sou eu. Ou seja, há a necessidade de que algo externo passe “em” e não “por” mim, em outras palavras, uma “afetação” que produza um estranhamento (LARROSA, 2011, p.6). Entendo como o caco de vidro que perfura o pé, o dedo, o corpo, os sentidos do pesquisador e a partir de então, o deslocamento ocorre. “A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço.” (Larrosa, 2017, p.4)

Figura 15- O Ensino Remoto Emergencial



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

 *Eu também perdi a minha mãe para a Covid-19. Quando minha mãe foi enterrada, ao ver o rapaz jogar terra sobre o caixão dela, minha vida mudou. Decidi que quero deixar de ser uma aluna problemática e passar a estudar, foi o jeito que encontrei de preencher aquele vazio.*

Eu não estava preparada para ouvir um relato como esse, sobretudo, neste momento de tanta fragilidade. E quem se preparou para alguma coisa na pandemia? Precisei sensibilizar

ao máximo minha escuta e me deixei contagiado pela solidarização dos microfones se abrindo, das vozes surgindo e contando suas histórias.

 *Eu perdi o meu pai, nos meus braços dentro de casa. Ele caiu no corredor aqui de casa no meu colo com falta de ar. Ele já estava há dias reclamando de dor, falta de ar, muita tosse e não aceitava ir ao médico. Só dizia que ia melhorar. Quando chegamos no hospital, ele já estava morto.*

 *Perdi meu irmão tem 4 meses. Quanta dor! O pior foi não ter nem certeza se era ele dentro do caixão. Meu Deus, que coisa inacreditável! Eu só quero que isso acabe.*

Às vezes, também vinham mensagens pelo chat.

 *A primeira coisa que me vem à cabeça é a morte da minha tia Margarida. Eu era muito próxima dela e foi muito doído porque foi muito rápido. Um dia ela estava falando que sentia falta de ar e, de repente, foi ao hospital. Lá, ficamos orando por ela, para que ela melhorasse. Porém, veio a notícia de sua morte. Foi muito triste. Ela foi a primeira pessoa que eu perdi!*

 *Minha mãe morreu em um domingo de agosto. Desde então, todos os domingos pensamos nela. Quando eu soube de sua morte, eu soube que nunca mais a vida voltaria a ser como era antes. A gente fica com uma cicatriz, ainda que siga em frente. Minha mãe amou todas as vezes que podia amar, ela se jogou na vida. Agora quando eu penso nela, penso em momentos felizes. Penso também nos abraços que a pandemia nos tirou. Abraçar era algo que ela gostava muito de fazer e eu não pude abraça-la. O abraço é uma coisa muito importante!*

Confesso que, ali naquele momento, não imaginava que a arte de pensar e contar sua história, produzindo ‘conhecimentossignificações’ na vida cotidiana, transformaria tanto a minha existência e o meu luto. “Se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e teoria dessa arte”. (CERTEAU, 2012, p.140)

4.3. NOTA 3 (22/11/2022)

“Já estive em luto antes, mas só agora toquei sua essência mais pura. Só agora aprendi, ao tatear em busca de seus limites porosos, que não há travessia possível.” (ADICHIE, 2021, p.19)

SERÁ QUE A PROFESSORA ESTÁ LIBERADA para chorar? Parece que, às vezes, o sistema⁴⁴ (e não só ele!) esquece a nossa humanidade. As ações institucionais, mercadológicas e políticas buscaram diversas formas de um ensino não presencial porque, afinal, “a educação não pode parar”. Essa frase foi bastante proferida e discutida, por mais redundante que seja. De fato, nem mesmo na quarentena a educação parou, pois, sem romantismos, a educação não para nunca.⁴⁵

 *Minha vida se resumiu a ficar trancada em casa com um notebook que tinha mais de 10 anos e todo remendado (já ganhei um novo e está tudo sob controle), estudando e interagindo com aulas gravadas. Falava sozinha (com os professores que não estavam ali). Queria enlouquecer? Queria... mas com tanta desgraça, não seria eu a próxima maluca da história.*

Eu não sei se amanhã meu marido, meus pais, amigos e eu estaremos vivos. Acho que por isso escrevo essas notas. Talvez sirvam como as memórias de uma mulher que no vendaval de um vírus, cansou de lutar contra suas certezas e buscou muitas perguntas durante o período... por meio de leituras, estudos, conversas, vivências e um mergulho cibercultural⁴⁶ enquanto professora na pandemia. A partir disso, nasceu um projeto de pesquisa. Em meio ao luto, às indagações, às dores físicas, emocionais, a um corpo⁴⁷ fatigado. Entre gravações, *aulas*

⁴⁴ O distanciamento físico destaca como vivemos sob o sistema do capitalismo, onde o trabalho é central e há uma grande pressão para ser produtivo. Isso nos leva a uma sociedade cansada, sempre tentando cumprir as expectativas financeiras. Esse *modus operandi* nos obriga a viver em um estado constante de busca por um desempenho que nunca será totalmente alcançado, mantendo-nos em constante movimento. Na verdade, não temos controle sobre isso.

⁴⁵ Concordo com a visão de Alves (2015) sobre a natureza da educação, que se desenrola em rede, não se limitando somente às instituições formais como escolas e universidades. “Muitas coisas de nossas vidas e da sociedade se resolvem na imensidão das incontáveis e incomensuráveis relações que os seres humanos estabelecem nas tantas redes educativas que formamos e que nos formam, permanentemente, nos cotidianos (2019a, p. 24). “Nesse sentido, *‘aprendemos ensinamos’* em uma variedade de contextos e situações, utilizando recursos tecnológicos e estratégias diversificadas. Portanto, torna-se desnecessário reiterar que a educação não pode ser interrompida, pois ela persiste em todos os momentos, inclusive durante períodos de quarentena.

⁴⁶ “A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Logo, novos arranjos *‘espaçotemporais’* emergem e com eles novas práticas educativas. Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas práticas.” (SANTOS, 2019, p.20).

⁴⁷ Durante muitas conversas, no meu grupo de pesquisa (Cena-Uerj), discutimos sobre o corpo do pesquisador e seu papel enquanto tecnologia educacional. “Conhecemos nossos próprios corpos? Ouvimos as histórias que eles têm para nos contar? Qual o lugar dos nossos corpos em nossos planejamentos de aula?” (Nolasco-Silva, Maddalena, 2022, p.5)

*síncronas e assíncronas*⁴⁸ ministradas, me questionava: “Como meus colegas professores se sentem diante da pandemia?”, “Que saídas/invenções encontraram para dar conta das demandas docentes/discentes de pesquisa?”, “Como era/como passou a ser a relação deles com as tecnologias digitais?”, “Como eles conceberam/concebem a sala de aula?”, “Como foi a relação deles durante a pandemia com a gestão escolar/acadêmica?”, “Como eles pensam a relação Professor+Estudante?”, “Como eles pensam a relação entre tecnologias e produção de conhecimentos?”

 Não vou dar conta! Essa frase descreve bem o cenário que estou imersa, muitas vezes obrigada pela consciência do dever, por causa do compromisso assumido. Já rolou choro, pensamentos de não vou dar conta!! A vontade de fugir é real, e penso que pra todos os envolvidos em algum momento aconteceu. Cada um afogado a sua maneira nesse contexto do ambiente virtual de aprendizagem. Uns no aumento de cargas de trabalho, outros por falta de condições econômicas, psicológicas, emocionais. Enfim, é assim que estou vivenciando essa realidade do ensino cibercultural. Precisando dar meu jeito pra aprender a nadar, a boiar pra não me afogar e também não deixar de contemplar a paisagem. E pra isso penso que muita resiliência, empatia comigo mesma, coragem pra encarar, conseguir chegar onde preciso chegar, onde tenho e quero chegar!! Uma frase que gosto muito..." O lugar de chegada é certo, mas como vamos fazer esse trajeto é o que realmente deve importar." Pois certamente vai gerar muitas necessidades de escolhas, confrontos, necessidade de mudanças, ajustes, diálogos, reflexões... Acredito eu que não serei a mesma, quando chegar no final desse ciclo, que certamente virão outros, e outros...

⁴⁸ Aulas ‘síncronas’ são aquelas que acontecem “ao vivo” na modalidade remota, ao passo que as ‘assíncronas’ são caracterizadas por atividades distribuídas em uma interface digital, que podem ser realizadas em qualquer momento, sem sincronicidade, pelos estudantes.

Figura 16- A olhada matinal pela janela no período de quarentena e as ruas vazias



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Passo semanas com o estômago embrulhado, na certeza de que alguém próximo irá morrer. Numa certa manhã, recebo uma ligação do meu orientador de mestrado e já atendi indagando: *“Pode dizer, quem morreu agora?”* Ele apenas queria me dizer que eu estava liberada para cibercartografar suas turmas de Tecnologias e Educação do curso de Pedagogia do primeiro ano do Ensino Remoto Emergencial. Como mestranda, ansiava ouvir o outro⁴⁹, saber sobre suas experiências e fragilidades nos/com os cotidianos durante a pandemia. Entendo com Alves (2019, p.20) que:

São muitos os cotidianos de que fazemos parte. Plurais e complexos, os cotidianos não se reduzem a uma única explicação, rompem com a dicotomia entre micro e macroanálise e exigem de nós, um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores.

⁴⁹ Para Certeau (1994), o conceito de "Outro" é multifacetado, englobando valores, crenças, hábitos e saberes diferentes. O "Outro" surge durante crises de credibilidade e representa aquilo que é incontrolável e imprevisível, como imigrantes, marginalizados e estrangeiros. É um elemento de mistério e surpresa, simbolizando a alteridade radical que desafia nossa abertura para a criação. Em tempos de crise social e política, quando as mudanças são difíceis de entender, Cravetto (2003) enfatiza a importância de revisitar o projeto de Certeau. Este projeto, segundo ela, envolve o reconhecimento constante do presente, a emancipação do pensamento, a interrogação inventiva de saberes e a elaboração rigorosa de conhecimentos que não se submetem aos modelos ideológicos dominantes (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p.14).

Michel de Certeau, compreende o cotidiano como um *'espaçotempo'* de criatividade dos que nele atuam e destaca que são as práticas diárias e ações dos indivíduos nas interações sociais que moldam a realidade (CARVALHO, 2022, p.109). Ele inverte a perspectiva tradicional, argumentando que são essas relações sociais que formam o indivíduo, e não o contrário. Para ele, a compreensão do ser se desdobra através do espectro das práticas sociais, onde a individualidade se manifesta, muitas vezes de maneira incoerente com a experiência coletiva.

Assim,

o cotidiano é considerado como o plano de imanência no qual as relações de poder, macro e micropoliticamente, atuam nos corpos coletivos, potencializando uma vida em composição com forças heterogêneas. A imanência é o plano da existência, dos afetos, de uma vida na qual as pessoas, os grupos e as populações se abrem às intensidades, às forças de contágio do mundo. Desse modo, o plano de imanência constitui-se como um plano de coexistências em que os heterogêneos se compõem em uma multiplicidade de simbioses, em devires de passagem possibilitados pela experimentação. (CARVALHO, 2022, p. 110)

A imanência, nesse contexto, representa a existência e os afetos, através dos quais nos abrimos para as forças do mundo. É um plano de coexistência, onde diferentes elementos se combinam de diversas formas, criando interdependências. A experimentação é fundamental para compreender e adaptar-se às novas realidades, permitindo a reconfiguração constante da vida por essas forças. Durante o Ensino Remoto Emergencial, nós, educadores, nos vimos diante de diferentes tipos de forças. Mesmo sem uma preparação específica para lidar com as tecnologias, encontramos maneiras criativas de “não parar a educação”. Essas reinvenções, marcadas muitas vezes por bricolagens tecnológicas⁵⁰ (Nolasco-Silva, 2019), podem configurar táticas de resistência (Certeau, 2012), isto é, práticas cotidianas que desafiam as normas e os códigos estabelecidos comumente: a parede da minha casa virou quadro de sala de aula; aplicativos online de organização, transformaram-se em painéis virtuais para apresentações de grupo; blog online virando acervo virtual de poesias, com o inventivo de acolhimento e

⁵⁰ Nolasco-Silva (2018) aborda a noção de bricolagens tecnológicas a partir da definição de Certeau (1994) sobre o bricoleur. Neste contexto, o bricoleur é visto como alguém que, em meio ao consumo e descarte prevalentes nas sociedades contemporâneas, reutiliza objetos descartados ou sem função aparente. Essa prática é considerada "desviancionista", pois o bricoleur cria novas utilizações para esses objetos, reapropriando-se do sistema de produção estabelecido. O conceito de bricolagem, conforme destacado por Lévi-Strauss (1989) na antropologia, refere-se à criação de objetos ou à realização de ações a partir de resíduos e fragmentos de acontecimentos, que são considerados testemunhos da história individual ou social. Nesse sentido, a bricolagem envolve o uso tanto de memórias físicas, como a ressignificação de materiais, quanto de memórias simbólicas, como a atualização de rituais.

desabafos; a própria aula online teve seus momentos de “rádio”, quando meu marido e eu, também professor, deixávamos gravados conteúdos de aula no estilo podcast, mas com interações ao vivo; o banheiro? virou a minha sala de aula, quando o horário de trabalho era o mesmo que o do meu companheiro. No calor e início da pandemia, enquanto criava essas artimanhas, não imaginava que estava na condição de “bricoleur”, na verdade me senti *uma equilibrista: na corda bamba de sombrinha, e que em cada passo dessa linha, poderia, não somente se machucar, mas morrer*⁵¹. Estas reinvenções e bricolagens demonstram que a vida não se restringe ao que é imposto, mas é constantemente recriada por meio de pequenas ações criativas e adaptativas. Esses atos cotidianos, ao produzirem diferença em relação ao estabelecido, revelam a nossa capacidade de escapar das limitações impostas pelo sistema e pela cultura dominante. Assim, a experiência vivida durante a pandemia, apesar das dores e incertezas, nos leva a buscar novas perguntas e compreensões, destacando a importância da experimentação e da abertura para o novo.

⁵¹ Referência à música “O bêbado e a equilibrista” de Aldir Blanc e João Bosco.

4.4. NOTA 4 (23/11/2022)

NA MINHA CASA em Cabo Frio, no interior da cidade do Rio de Janeiro, cada cômodo é preenchido por um fundo musical, sempre que minha tia vinha me visitar lembrava os mais variados cantores e grupos musicais que gostava. *Roupa Nova, Flávio Venturini, Roberto Carlos, Milton Nascimento, Chico Buarque, Guilherme Arantes, Elton John, Kleiton e Kleidir, Paul McCartney e Wanderlei Cardoso*. Lembro dela dizendo para eu comprar uma vitrola e tratar de guardar os L.P's dessas “sumidades musicais”... ao menos dessa dezena.

“Acabo de lembrar como minha tia vivia recomendando cantores e dando CD's de presente sem saber se aquele era o gosto musical da pessoa”, comentei com minha mãe.

“Eu ficaria muito feliz em deixá-la fazer isso se houvesse um jeito de tê-la de volta”, diz mamãe e nós rimos.

“E eu vou começar a cuidar das plantas e ir à missa todo domingo”, digo, e nós rimos.

No meu período de graduação na UERJ, recordo-me de suas preocupações em dias chuvosos com o bairro do Maracanã. O conselho dela para essas ocasiões era correr para o Ibis mais próximo, pois o gasto seria por conta dela.

“Choveu? Antes que tudo vire um rio, encontre um Ibis e me ligue!”, ela dizia.

O hotel Ibis em dias chuvosos virou uma piada recorrente. Assim como “ter uma agulha na bolsa”, para não passar “aperto” caso encontrasse um furo na roupa. Ou então, “roupas íntimas em bom estado”, caso houvesse um incidente na rua. Além da “pia sempre limpa” porque, afinal, nunca saberíamos quando uma visita surpresa chegaria. Na pandemia, os seus muitos retalhos de pano – guardados em caixas trabalhadas com filtro de café– transformaram-se em máscaras de proteção para toda a família. Claro, todas feitas cuidadosamente por ela. Em cada estampa, ela pensava em alguém e presenteava com muitas recomendações de como respeitar o isolamento físico imposto pelo vírus.

Tais lembranças são tão boas que tornam-se capazes de gerar um sorriso no canto do rosto. “*Outra revelação: o quanto o riso faz parte do luto.*” (Adichie, 2021, p.15) Neste profundo emaranhado de tristeza, angústia e boas lembranças penso em tantas outras colegas professoras (e) pesquisadoras, despreparadas como eu, para lidar com o magistério atípico, o luto e a raiva.



Lidar com o ensino remoto é desafiador. Eu, particularmente, não gosto. Não "funciono" muito bem, ainda mais depois de ter perdido meu pai. Porém, de uns tempos pra cá pra cá aprendi, como todos em algum grau, que o mundo não seria mais como o conhecíamos e que era importante estar

aberto ao novo. Como professora, meu progresso não foi tão bom, eu literalmente surtei e voltei para o presencial satisfeita, porque aparecer na tela todo dia estava me causando muito mal. Desde o início desta louca e cruel pandemia, tanto eu quanto meus alunos e seus pais - assim como todo mundo ao nosso redor - passamos a nos comunicar ainda mais com quem está distante. Fosse para fazer uma compra, pedir uma refeição ou um carro para nos deslocar, tivemos que desenvolver meios, estratégias e instrumentos para tal. E também tivemos que aprender a avaliar as coisas de outras formas, por exemplo, o que antes fazíamos dando uma boa espiada para dentro de um estabelecimento passou a ser feito através da análise de estrelas e comentários nos apps e redes sociais.

“Foi muito rápido, rápido demais. Não era para ter acontecido assim, como uma surpresa de mau gosto, durante uma pandemia que obrigou o mundo inteiro a se fechar”. (Adichie, 2021, p.15). Em trocas de mensagem pelo whatsapp, minha tia e eu conversamos muito sobre como tudo aquilo era assustador e ela sempre me dizia para não me preocupar com a minha mãe, pois é asmática. “Você confia nisso mesmo, tia?” Perguntei depois dela me mandar uma “mensagem-corrente” com a imagem de uma santa católica que me protegeria do corona. Ela riu de si mesma e afirmou que mal não faria, que até então estava muito bem. Até não estar mais.

Figura 17- Imagem enviada de Santa Rita de Cássia em Santa Cruz (RN), considerada a maior estátua católica do mundo



Fonte: Site da Prefeitura de Santa Cruz



Foram dias e noites horríveis, cada dia era um desespero. Não podia sair pois o medo de pegar covid era incontrolável. E quando a bosta do nosso presidente recusou 11 vezes as ofertas para compras de vacina? O meme é real “O brasileiro não tem um dia de paz”.

4.5. NOTA 5 (24/11/22)

PARENTES E AMIGOS já se fazem presentes no turbilhão de mensagens que chegam ofertando as condolências. Dentre elas, os grupos de *whatsapp* das escolas que leciono, com mil recomendações de como colocar os arquivos corretamente no *Google Classroom* e oferecer suporte aos estudantes. Além disso, muitos tutoriais feitos à grosso modo, “orientando” os professores na nova plataforma educacional. Aquilo não era bem uma orientação, mas na verdade um: “*vai lá e dê o seu jeito com as tecnologias que você já possui*”.



No contexto remoto em que nos encontramos, me parece que as novas tecnologias e suas mediações exigiram uma demanda maior. Eu, não imaginava estar inserida nesse contexto. Sou oriunda da sala de aula presencial, o face a face. E agora? O que fazer? Eu observava meu marido e minha filha em casa estudando e debatendo através dessas mediações, e agora estou me adaptando no processo. Como somos em 3 aqui em casa, trocamos informações, ainda bem que tenho alguém da geração Z para dialogar. Novos tempos? Novos aprendizados? Novas maneiras de ensino? Novas, novas, novas, é muita novidade, mas preciso caminhar...

Sim, a hiperconexão em tempos de quarentena é também a realidade dos privilegiados que tem *acesso ubíquo à internet*⁵². As lives fazem parte do nosso cotidiano e dependendo do horário, geralmente no final da tarde, chegam a travar pelo grande volume de conexões. Digo por experiência própria. Passei a realizar lives de meditação quase que diariamente, na esperança de ajudar um pouco as pessoas e me ajudar um pouco também. As redes sociais pulsam um mundo paralelo que vão desde produções de um “eu narcísico”, notícias do mundo inteiro em tempo real e atualizações sobre a Covid-19 e o número de mortos⁵³. As peças teatrais foram transportadas para as telas e as novelas pararam de ser produzidas, com reprises tomando a cena.

Todos nós ansiávamos a cura, a vitória e a proteção que a vacinação nos traria. Porém, a realidade foi a demora da chegada da vacina, impulsionada por um presidente negacionista e genocida, numa gestão que causou a morte de mais de 200 mil pessoas antes do início da vacinação⁵⁴. Um presidente que encorajava a população a não se vacinar. “*Lá no contrato da*

⁵² “Em função da hiper mobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença. Somos abordados por qualquer propósito a qualquer hora e podemos estar em contato com outras pessoas quaisquer que sejam suas condições de localização e afazeres no momento, o que nos transmite um sentimento de onipresença. Corpo, mente e vida ubíquas” (Santaella, 2013, p. 16)

⁵³ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

⁵⁴ Disponível em: <https://acesse.one/QaDh0>

*Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu*⁵⁵, disse Bolsonaro, que questionou diversas vezes as vacinas e a gravidade da pandemia, que até 18 de dezembro de 2020 já havia deixado quase 185 mil mortos no Brasil.

“Será que esse homem faz de boche ou acredita mesmo no que fala?”, minha tia escreveu pelo whatsapp após a repercussão das falas do presidente acerca da vacina, juntamente com a imagem do meme a seguir:

Figura 18– Imagem (meme) – Proteja você e os outros do Coronavírus



Fonte: Facebook.

Depois ela segue lamentando e envia mais uma imagem:

Figura19– Imagem (meme) – Fique dentro de casa! Fora só Bolsonaro.



Fonte: Facebook.

⁵⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/zZW00>



Assim como muitas outras pessoas, minha mãe tinha medo da vacina. A minha mãe seguia o que o presidente dizia e por isso não se vacinou. Tinha 68 anos quando morreu de Covid.19.

Eu não queria ter que afirmar que minha tia faz parte dessa estatística que não conseguiu se vacinar a tempo. Minha raiva me assusta e meu medo também. O estarrecimento com a vida que continuou, com as lives que não pararam e com as aulas que seguiram entre lágrimas e luto, torna-me uma pesquisadora que faz parte do espetáculo e que nunca estará na plateia.



E é interessante pensar que ao mesmo tempo que estou em casa, aprisionada em meu infinito particular, estou na casa de tantas outras pessoas que se mostram naquelas janelinhas, compartilhando seus fazeres, anseios e realidades tão diversas, quase que dissipando as nuances do público e do privado. Como são diversas também as docências, expressas, por exemplo, desde os docentes que apenas transpuseram seus materiais para um suporte digital e que dão aulas como se estivessem no presencial e pela mesma quantidade de horas, até os professores que buscam tornar essas aulas mais atrativas, dinâmicas e menos maçantes, com as múltiplas possibilidades que o mundo digital proporciona.

As políticas públicas de conexão e formação para a cibercultura foram ineficientes e insatisfatórias para atender à demanda. Coube às professoras arcarem, muitas vezes, com suas conexões precárias, lidarem com a falta de interesse dos estudantes, tendo em vista a quantidade de horas demandadas em frente ao computador, sem uma ambientação adequada, barulhos externos invadindo a necessária concentração das aulas e, é claro, o próprio luto, o desemprego e as necessidades básicas familiares que nos fazem pensar: Será mesmo que a aula era tão necessária e primordial naquele momento?

Figura 20 - O isolamento físico e suas limitações



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Depois de tanto tempo de medo, de perdas e de incertezas, o dia da vacina finalmente chegou. Acordei cedo, com uma sensação de que aquele momento seria um marco. Na fila do posto de saúde, as pessoas esperavam em silêncio, um silêncio que não era de cansaço, mas de expectativa. Todos sabiam o que aquilo significava: uma chance, talvez a primeira em muito tempo, de começar a sair desse pesadelo que a pandemia trouxe. Quando minha vez chegou, sentei na cadeira e estendi o braço. A enfermeira, rápida e segura, fez o que tinha que fazer. “Pronto”, disse ela, e eu senti o alívio. Não chorei, mas dentro de mim algo se acalmou. A vacina era mais do que uma injeção no braço; era uma prova de que, mesmo com todas as dificuldades, a ciência e o sistema de saúde pública estavam ali, funcionando, lutando para nos proteger.

Saí do posto pensando em tanta gente, nos meus alunos. Desde que as aulas passaram a ser remotas, tudo mudou. Aquela interação de sala de aula, o olho no olho, os gestos, tudo foi substituído por uma tela fria. Não era só sobre ensinar conteúdos, era sobre estar presente, sobre se sentir parte de algo maior. Meus colegas professores também sentiram o peso disso. Tivemos que nos adaptar, aprender, criar novas formas de *'ensinaraprender'*, muitas vezes com poucos recursos, mas com vontade de fazer dar certo.



Sem muito preparo e sem os equipamentos ideais, me vi improvisando, aprendendo na marra como lidar com plataformas digitais e com a nova dinâmica das aulas remotas. Foi um processo cansativo, frustrante em muitos momentos, mas eu segui tentando. Às vezes, a internet caía, os alunos sumiam

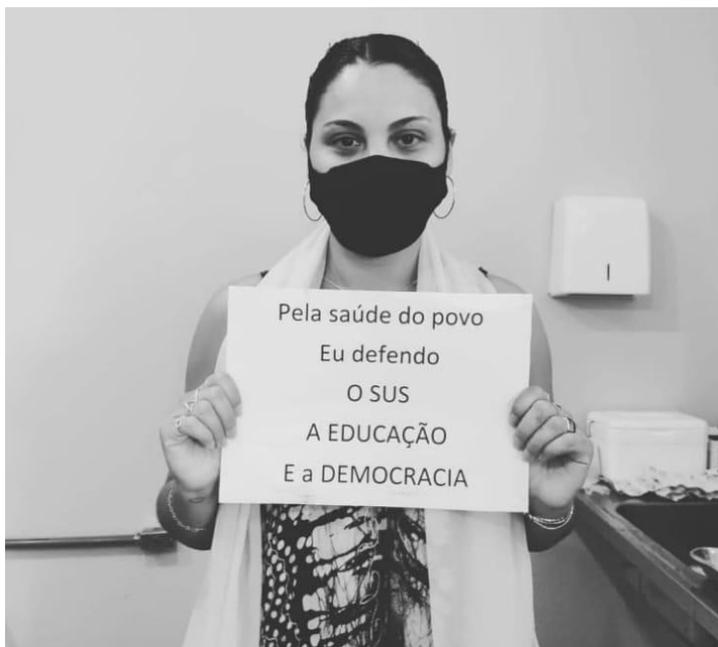
das câmeras, e o silêncio do outro lado da tela me deixava pensando se eu estava conseguindo chegar até eles. Mesmo assim, não desisti. Sabia que precisava continuar.

Não posso deixar de lembrar das perdas. Colegas de profissão, amigos, parentes. Gente que a gente conhecia e que se foi, deixando um vazio que nada vai preencher. O luto foi companheiro de muitos, e a vacina, de alguma forma, também era uma homenagem a eles. Cada dose aplicada era um passo para garantir que outros não passassem por essa dor. O SUS, apesar de todas as críticas e dos desafios, mostrou mais uma vez a sua força. A saúde pública é o que nos mantém de pé, principalmente em momentos como esse. A educação, assim como o SUS, é fundamental. Não tem como pensar em futuro sem pensar nesses dois pilares.

No contexto das políticas públicas, o SUS e o sistema educacional não são apenas expressões do poder estatal ou ferramentas de controle, mas sim partes de uma rede de relações de poder que estão em constante disputa. Essas instituições funcionam como espaços de "batalha perpétua", onde os sujeitos – professores, estudantes, pacientes e cidadãos – participam ativamente das dinâmicas de poder, seja resistindo ou colaborando. O poder, nesse caso, não é algo que o Estado simplesmente "detém", mas algo que se exerce continuamente através de práticas cotidianas, políticas de saúde e educação, decisões administrativas, interações tecnológicas e respostas da sociedade.

Foucault (1975, p.29) propõe que o poder não deve ser entendido como algo estático, uma posse ou privilégio exclusivo de uma classe dominante, mas como uma estratégia em constante movimento, uma rede de relações que está sempre em tensão e transformação. Ele sugere que o poder é exercido de maneira fluida, através de manobras, táticas e técnicas, e não como algo que simplesmente pertence a alguém. Portanto, defender o SUS e a educação não é apenas apoiar políticas ou estruturas formais, mas reconhecer que esses espaços são campos de tensões e resistências. A luta pela saúde pública e pela educação não é uma conquista finalizada, mas um processo contínuo, onde o poder é exercido e contestado em múltiplos níveis, tanto pelos que dominam quanto pelos dominados. Nesse sentido, o poder não é simplesmente imposto de cima para baixo, mas é negociado e rearticulado por todos os que participam dessas redes.

Figura 21 - Eu defendo o SUS, a EDUCAÇÃO e a DEMOCRACIA - Pesquisadora vacinada!



Fonte: Acervo da autora.

4.6. NOTA 6 (25/11/22)

Quando eu fui ferida
 Vi tudo mudar
 Das verdades
 Que eu sabia
 Só sobraram restos
 Que eu não esqueci
 Toda aquela paz
 Que eu tinha⁵⁶

EU ESTAVA DANDO AULA online quando o telefone tocou. Era a minha amiga e diretora da escola em que trabalhava. A voz trêmula do outro lado anunciava que a saturação de oxigênio estava baixa, muito baixa, e ela precisava ser internada.

- Ei? Como assim? Você mesma foi dirigindo? Vai ter que ficar no hospital?

O chão pareceu desaparecer sob meus pés, enquanto tentava processar a gravidade da situação. Não acreditava que aquela doença havia chegado tão perto de mim, pela segunda vez.

⁵⁶ Letra de “Meu mundo e nada mais” do cantor e compositor Guilherme Arantes.

Agora, através da minha amiga. A pandemia se desenrolou num piscar de olhos. A descoberta da Covid-19, inicialmente uma notícia distante, logo se tornou um vendaval que sacudiu o mundo inteiro. O medo do vírus, as imagens das cidades desérticas, o silêncio assustador que substituiu o caos habitual, tornou-se o prelúdio de um tempo inimaginável. O isolamento físico⁵⁷, uma prática antes impensável para muitos, passou a fazer parte da vida cotidiana.

 *O isolamento social foi algo que caiu de paraquedas para muitas pessoas. Nunca no mundo tinha acontecido um alerta tão grande assim para uma doença que é invisível a olho nu. A COVID-19 trouxe consigo muita dor, agonia, e sofrimento. Essa doença matou muitas pessoas queridas que eram amadas por muitos e até hoje lembrar dessas pessoas causa muita dor, além de ter alterado algo tão valioso para o mundo, a educação.*

Como em um filme, um flash de reflexões passaram em minha mente:

⁵⁷ Prefiro o uso do termo “isolamento físico”, no lugar de “isolamento social”, concordando com Henrique (2020, p.6), pois as interações continuaram a ocorrer, só que mediadas por tecnologias de encontro (NOLASCO-SILVA, LO BIANCO, 2022a). A continuidade das relações, embora em um formato diferente, demonstra a adaptabilidade das conexões interpessoais. Na nova configuração proporcionada pela pandemia, as tecnologias desempenharam um papel crucial, facilitando encontros e interações, mesmo à distância.

Figura 22- As escolas vazias



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Pela primeira vez desde sua existência, todas as escolas foram obrigadas a fechar de vez. Ficamos todos subitamente sem escolas, no Brasil e no mundo. Em um sentido, então, o vírus decretou uma morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar. Contudo, ao mesmo tempo, até os mais críticos da instituição escolar, pudemos perceber o que não percebíamos, pelo menos, com a clareza que a pandemia nos oferece, pois devemos também aceitar que a pandemia tem a potência de mostrar tudo mais claramente. (Kohan, 2020, p.5)

A maioria das escolas fecharam suas portas, o silêncio se apossou dos corredores onde antes se ouviam risadas. Dessa relação dos seres humanos com as tecnologias digitais em rede, emergem novas práticas e fenômenos sociotécnicos que caracterizam a nossa cultura contemporânea, a cibercultura (Levy, 1999; Santos, 2010). A transição repentina para o ensino remoto resultou em perdas de aprendizado, especialmente para crianças em situações socioeconômicas desfavoráveis ou com deficiência. Isso exacerbou as desigualdades

educacionais, já que nem todas as famílias tinham acesso igualitário a recursos tecnológicos e de suporte para a educação em casa, ampliando as disparidades no desempenho acadêmico e no acesso às oportunidades educacionais.



O sistema de ensino que vem sendo praticado teve que ser alterado para se adequar ao novo estilo de aprendizado. Transfere o aluno para uma sala fria, o que dificultou muito a socialização com os professores tornando o aprendizado difícil. Foi um desafio muito grande tentar entender e se adequar ao “novo normal”, porque o normal nunca mais seria o mesmo: para os professores que estavam acostumados com salas de aula lotadas de alunos socializando, terem que se comunicar somente com uma câmera em uma tela fria, assim como pros alunos em que o fato de estar assistindo aulas online em uma tela era sinônimo de chatice. Isso tornava as aulas forçadas e cansativas para ambas as partes. Essa mudança desestabilizou a qualidade de ensino deixando a maioria dos alunos com um enorme déficit de aprendizado para o próximo ano letivo.

O isolamento físico e a interrupção das rotinas escolares impactaram negativamente a saúde mental, destacando o papel crucial das escolas como locais de apoio social. O fechamento das escolas também evidenciou sua importância como centros comunitários que oferecem alimentação, apoio emocional e outros serviços essenciais para crianças e suas famílias. Por outro lado, impulsionou adaptações e inovações na educação, incluindo a exploração de novos modelos de ‘aprenderensinar’. Essas mudanças têm o potencial de influenciar significativamente o futuro da educação, destacando a necessidade de abordar as desigualdades educacionais e de apoiar a saúde mental de docentes e discentes.

O mundo da educação se viu em um território inexplorado, tivemos que nos reinventar, se adaptar a uma realidade baseada no digital. O caco-fragmento⁵⁸, um conceito cunhado por Gabriel dos Santos, refletia em cada clique, cada tela em branco, cada rosto *pixelado* que se tornava fragmento de uma realidade quebrada, a ser reconstruída com paciência e esperança. Os dias se arrastavam com um misto de apreensão e incertezas. A experiência⁵⁹ (LARROSA, 2014) não é mais a mesma. Cada aula online, cada interação, cada desafio superado é uma uma

⁵⁸ O "caco-fragmento", como apontei anteriormente, é uma ideia inspirada na arte de Gabriel dos Santos. Trata-se de uma imagem bem parecida com algo que muitos de nós sentimos durante a pandemia. Era como se nossa vida fosse um quebra-cabeça desmontado. De repente, nossos encontros eram conversas em telas, com imagens às vezes falhando e rostos virando pixels. Assim como o artista juntava seus cacos para criar algo novo, tentamos entender e remontar nossos dias, lidando com as incertezas e esperando por momentos melhores.

⁵⁹ A experiência não pode ser antecipada ou enquadrada no tempo linear do planejamento e da previsão. Em vez disso, a experiência está relacionada a eventos imprevisíveis e incontroláveis, que não dependem do nosso conhecimento, poder ou vontade. É um fenômeno que envolve um elemento de desconhecimento e limite do que sabemos. Na experiência, há sempre algo que escapa à nossa compreensão imediata, o que impede que ela seja resolvida em dogmas. Além disso, a experiência ultrapassa os limites da linguagem convencional e do poder estabelecido, desafiando nossas capacidades de articulação e ação (Larrosa, 2014, p.59).

nova perspectiva que amplia o horizonte da educação, provando que a aprendizagem se reconfigura e resiste na circunstância mais adversa. E assim, nesse emaranhado de acontecimentos adversos e fragmentados, a notícia devastadora chegou. Minha amiga, após 18 dias de luta silenciosa, entubada, sofreu uma parada cerebral.

A notícia me despedaçou.

Ela já não estava mais ali.

A culpa me corrói a alma. Penso em todas as coisas que poderiam ter acontecido e em todas as formas como o mundo poderia ser transformado para impedir o que aconteceu no dia 10 de junho, para fazer isso desacontecer. (Adichie, 2021, p. 22)

Uma referência na educação se apagou, deixando um vazio imenso em mim. “*Eu que tinha tudo, hoje estou muda, estou mudada, à meia-noite, à meia luz, pensando! Daria tudo, por um modo de esquecer.*”⁶⁰ Cerca de um mês antes da ligação de sua internação, ela havia me mandado uma mensagem curiosa pelo whatsapp. Voltando ao registro de nossas conversas para a presente escrita e matando um pouco da saudade, sou levada a um presente que lhe dei: uma árvore com pedras de ametista. Ela envia a foto da árvore e diz que as pedras estão perdendo a cor, pergunta-me se “a energia talvez estivesse ruim”:

Figura 23 – Print do whatsapp



Fonte: Acervo da autora.

⁶⁰ Referência aos versos da canção “Meu mundo e nada mais”, gravada e escrita por Guilherme Arantes.

A energia do planeta estava ruim, infelizmente. Eu queria esquecer a mensagem que recebi com a trágica notícia. Até mesmo o som da notificação do celular, quando recebia mensagens, causava certo pânico. Não sabia se chegaria o protocolo do dia com as informações do médico ou a comunicação de seu fim, mas o pior veio. De novo. Eu não queria lembrar desse período, que mais pareceu um pesadelo.



A pandemia também trouxe o maior medo das pessoas à tona, a solidão, o medo da morte e de perder aqueles que ama.. Nunca estivemos tão sozinhos e ao mesmo tempo tão distantes de muitas pessoas. Outra coisa que a sociedade teve que se acostumar era o uso contínuo de máscaras em todos os lugares possíveis de se imaginar, o que não agradava muitos, porque as máscaras atrapalhavam na respiração e na comunicação. Mas o grande buraco que a pandemia deixa permanentemente nos corações que nunca poderá ser tampado, é a falta daqueles que foram os mais importantes nas nossas vidas. Não poder abraçar, beijar, fazer um aperto de mão ou mesmo estar perto por medo de causar um contágio dessa doença, levando as pessoas a guardar uma grande carga emocional acumulada, trazendo crises de estresse contínuo ou até mesmo depressão, nos piores casos.

4.7. NOTA 7 (26/11/22)

Minha cautela em relação aos superlativos é para sempre eliminada.(...) Existe sim o pior dia da vida de uma pessoa, e por favor, querido Universo, eu nunca quero que nada o supere. (Adichie, 2021, p.21)

QUERIDO E ORDINÁRIO DIÁRIO. Você não fala, não diz o que pensa sobre o que quer que seja, não estabelecemos trocas. Será que um dia alguém lerá isso? Será que estarei viva quando alguém encontrar essas notas pandêmicas de uma professora aflita?

Figura 24 - A mesa da produção de projetos, reflexões e estresses



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

 Fico entre o amor e o ódio, é assim que estamos vivendo, digo eu e a tecnologia em rede. No amor, por saber que ela é de extrema importância

nesse momento, facilita bastante. E no ódio por que pelo menos nesse momento, nós não estamos nos dando muito bem.

Aproveitando o intervalo entre uma aula e outra, dentro do grande intervalo que foi a pandemia, criei um caderno de poesias na tentativa de elaborar os pensamentos que me aquietavam, de uma forma mais afetuosa. Recordo-me de uma amiga professora que sempre dividia suas *aflições pandêmicas* comigo e eu respondia em forma de poema, embora, “para mim é uma coisa que serve de nada o poema enquanto vida houver, pois, ninguém é pai de um poema sem morrer” (BARROS, 2015). Ela sempre agradecia e pedia outra. Isso, de alguma forma, impulsionou-me a continuar com essas escritas e também a lê-las nas aulas de Literatura para os estudantes.



Tenho lutado para reinventar minhas aulas, buscando novas formas de engajá-los, mas o cansaço me consome. As horas se misturam em um ciclo interminável de preparar, ministrar e corrigir atividades, sem nunca sentir que é o suficiente. Ao mesmo tempo, sinto falta de uma linha que separe o trabalho da minha vida pessoal; tudo se mistura agora, e já não sei mais onde começa uma coisa e termina a outra. Os alunos me preocupam. Sei que muitos enfrentam desafios muito maiores do que eu, e isso me corta o coração. A falta de acesso à internet de qualidade, a dificuldade de concentração em um ambiente cheio de distrações, e as pressões emocionais que estão todos sentindo... Sinto-me impotente diante de tudo isso...

Durante as conversas tecidas nas aulas, tenho a sorte de ter a literatura comigo, com seu poder de interação com as várias áreas do conhecimento e uma habilidade única de alcançar e sensibilizar as pessoas. Conceição Evaristo costuma dizer que ninguém se emociona diante de um dicionário, mesmo que as palavras estejam organizadas de maneira impecável, que só ganham significado e nos tocam profundamente quando são transformadas em experiências possíveis, sejam elas reais ou fictícias. Por exemplo, a palavra "paixão" não tem muito impacto sozinha, mas quando refletimos sobre ela, somos levados a lembrar de nossas próprias paixões, ódios e os jogos de sedução que vivemos ou que foram jogados conosco. É exatamente isso que a literatura faz: ela tem a capacidade de engajar e convocar uma diversidade de pessoas. E assim, convoquei toda a turma para a escrita livre de poesias em um blog (TUMBLR)⁶¹:

⁶¹ Disponível em: <https://unidos-pela-linguagem.tumblr.com/> acesso em: 22/03/24.

Figura 25 - O blog – Unidos pela linguagem – escrita colaborativa



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

22/05

A melodia de um dia difícil ecoa pela minha mente e me faz ter flashbacks de um dia feliz.

Meu sofrimento, tão sofrido, se esfria e endurece dentro de meu peito. Esse, não pulsa como antes, para por instantes.

Ponho sentimentos em um caminhão de mudanças, o espero e nada de chegar. A mudança não chega. Nunca chegou.

Sinto-me presa em uma caixa, que coloquei no caminhão e desapareceu. Se perdeu por puro descuido de alguém ou dela mesma. Acho que pôr a culpa em alguém a diminui.

Permita-se estar perdido.

Conformada

O sentimento do dia seguinte me apavora

Os olhos não fecham, o relógio demora

Clamo pela emoção banal, fruto do imaginário

Esse que me faz pensar que é certo andar em sentido contrário

*Não já adianta tingir madeixas ou mudar de quartos
Fugir é incoerente quando não se sabe do que
Não me perguntam, já estão fartos
Ouvem meus desvaneios e não perguntam “Por quê?”*

*Mas não há como incriminar alguém
Por todas as batidas falhas de meu coração
Quiçá, a mim mesma com o meu ninguém
Esse meu companheiro e de minha criação*

*Portanto, é tudo em vão
Minha alienação
Minha obsessão*

*Já acordo com a sensação de estar cansada
Logo, prefiro me manter calada
Porque poderia eu dormir por horas seguidas
Mas nada me faria querer estar acordada*

*Havia pensado o mesmo na noite anterior
Milhares as noites em minha breve vida
Tudo se agrava, me sufoca em pavor
Torna-se incessante a banalização de minha ferida*

*Mas não há como incriminar alguém
Por minha própria deterioração
Talvez, eu mesma com o meu ninguém
Esse que me sussurra sobre o desperdício de minha determinação
Portanto, é tudo em vão
Minha desilusão
Nessa forma de confissão*

Mãe

*Você age como se me conhecesse.
Para ser sincera,
queria que esquecesse.
Queria que apagasse todas as nossas memórias.
Queria já não ter mais histórias.
Mas ainda assim, eu volto.
Ainda assim, estou aqui.
Não por você, por mim.
Eu ainda me lembro da solidão.
Dentro da nossa casa.
Da porta da frente trancada.
Dos gritos ensurdecadores das crianças da vizinhança.
Do silêncio ameaçador do corredor.
Meu inquietante temor,
De não ser recebida por ninguém.
Meu pequeno coração,
Indisposto de bombear sangue.
Minhas lágrimas que teimavam cair.
E com todo meu ser,
Eu desejava que você tivesse tempo para amar.
E com todo meu ser,
Eu desejava você, para comigo estar.
Mas você não veio.
E quanto mais eu crescia,
Mais eu aprendia.
E quanto mais eu aprendia,
Menos você me conhecia.
E estava tudo bem.
Eu não precisava de ninguém.
Eu não esperava mais por você.

E então você voltou.
Ao ver meus cortes e alma, você gritou e berrou.*

*Você não percebeu o quanto sua ida havia me machucado.
Você era como um tornado.
O que você não levava consigo,
Você destruía.
E eu fui a única coisa que você não levou.*

Sentimentos da quarentena

*É difícil explicar e entender
Mas eu só queria poder voltar
Àquele dia ao amanhecer*

*Muitas emoções pairam sobre mim
Sem nunca ter fim
Tento me desvencilhar, mas às vezes é difícil evitar*

*Quero reviver aqueles momentos
Sentir meus batimentos
E ainda perceber a serotonina
Levando o meu astral lá para cima*

*Sinto falta do abraço
De gente que tenho laços
Da brisa marítima
Que tocando a minha pele faz sua rima*

*De poder acordar e respirar
Um ar puro sem ao menos se preocupar
E ainda outros milhares de momentos
Que o tempo não consegue apagar.*

Poderiam postar sobre o que desejassem, deixando-se levar por suas vivências, experiências⁶² e pela própria literatura⁶³, com a liberdade⁶⁴ de serem e escreverem sobre o que desejarem. Comecei a “brincadeira” lendo a minha no início da aula:

Memórias em Tempos de Quarentena

Minha literatura nasce da convivência,
 Dos ensinamentos tecidos no cotidiano.
 Minha mãe desenhando o sol no chão,
 Chamando o sol para secar a chuva,
 Símbolo de esperança, gesto que antecede
 Minhas primeiras palavras antes da escola.

A pandemia trouxe luto e isolamento,
 Mas também memórias, vivências do lar.
 Oralidade, a voz que conta histórias,
 Minha mãe, minha tia, meu avô,
 Cada gesto, cada som, ecoando no silêncio,
 Transformando dor em narrativa.

⁶² Larrosa (2017, p. 59) explica que a experiência implica atenção, escuta, abertura, sensibilidade e exposição. Enquanto a linguagem da crítica enfoca a reflexão do sujeito sobre si mesmo a partir da ação, a linguagem da experiência concentra-se na reflexão individual sobre si mesmo a partir da paixão. Ele ressalta a necessidade de uma linguagem que possibilite a elaboração do sentido ou da falta de sentido das experiências vividas e das respostas que essas experiências exigem.

⁶³ Aprendi com Conceição Evaristo que a literatura não se limita a ser um texto histórico, religioso, sociológico ou pedagógico, mas possui a capacidade de transitar por diversas áreas do conhecimento e dialogar com elas. Ela destaca que a literatura convoca e sensibiliza pessoas de diferentes origens e características, como homens, mulheres, pretos, brancos, velhos, jovens, brasileiros e estrangeiros, todos que se sentirem convocados... porque toca. É importante destacar que esta nota não referencia uma obra específica da autora, mas sim, seu conjunto de obras, em outras palavras, seu arsenal poético e narrativo abordados ao longo da dissertação.

⁶⁴ Para Foucault (1979), a noção de "liberdade de ser" está intrinsecamente ligada à sua análise das relações de poder e da subjetividade. Ele argumenta que a liberdade não é uma condição estática ou uma essência que os indivíduos possuem, mas sim algo que é constantemente negociado e reconfigurado dentro das estruturas de poder e das práticas sociais. Entendo com ele que os indivíduos são moldados por práticas discursivas e processos de normalização que operam em diferentes níveis da sociedade. Em algumas discussões no grupo de pesquisa (CENA), percebi que esses processos disciplinam e regulam os comportamentos, atitudes e modos de pensar, criando sujeitos que se conformam às normas sociais estabelecidas, instituindo assim, os “corpos dóceis”. No entanto, dentro dessas mesmas estruturas de poder, existem possibilidades de resistência e subversão. Assim, a liberdade é exercida precisamente nesses momentos de resistência, onde os indivíduos podem questionar, desafiar e transformar as normas que os constituem. A "liberdade de ser" implica a capacidade de refletir criticamente sobre as próprias condições de existência e de atuar de maneira a transformá-las. Foucault enfatiza a importância da "escrita de si" como uma prática de liberdade, onde podemos nos engajar em um processo de autorreflexão e autotransformação. As consequências desse processo permitem aos sujeitos se distanciarem das imposições externas e criarem novos modos de ser e de viver. A resistência e reinvenção durante a pandemia ocorreram dentro dessas relações de poder e possibilitaram a criação de novas subjetividades e formas de existência.

Educação se reinventa, a distância desafia,
Palavras escritas traem o corpo, o toque.
Performance da voz, o olhar, o gesto,
Não traduzido na frieza do texto.
Procuramos desesperadamente
Traduzir, vivificar a linguagem do dia a dia.

Lembro da poética do corpo,
A voz suspensa no ar, um simples "hum!"
Contextos que nos fazem entender
A dúvida, a afirmação, a negação,
Performances que o escrito não alcança,
Vivências que marcam a alma.

A escolha das palavras, não eruditas,
Mas vivas, pulsantes como a oralidade,
Termos do cotidiano que trazem vida,
Rejeitando a frieza do formal,
Optando pelo calor do comum,
Que abraça e acolhe nas horas difíceis.

Assim, na quarentena, tecemos histórias,
Entre luto e esperança, dor e aprendizado.
Memórias do passado, vivências do presente,
Cada palavra, cada gesto,
Construindo um novo amanhã,
Onde a escrita e a oralidade se encontram.

Durante o meu mestrado, em uma das aulas da disciplina *Redes Educativas e Culturais, Cotidianos e Currículos*, a professora Conceição Soares apresentou uma ideia de Ferry (2007) que ressignificou a minha percepção filosófico-literária durante este período pandêmico e, sobretudo, no Ensino Remoto. Ela salientou que filosofamos e literaturizamos não apenas para compreender o mundo em que vivemos, mas também para estabelecer uma ética de convivência com os outros habitantes deste mundo, “para salvar a própria pele” (Soares, 2010, p.58). Assim, essa reflexão se dá pelo desejo de constituir sabedoria para viver melhor no presente, sem nostalgia do passado ou projeções para o futuro, como alertava Nietzsche (1991). Para o

filósofo, a cultura judaico-cristã legou à sociedade a ideia de culpa e esperança, que podem se tornar inimigas da felicidade e da realização pessoal, criando uma espécie de auto-tortura chamada de má consciência, “uma espécie de vontade de torturar a si próprio, edificando um ideal negativo, à medida que nega o instinto de liberdade” (Soares, 2010, p.58). Esse “espírito de salvação” sobre a busca humana, por enfrentar os medos relacionados à morte, como o medo do esquecimento, da passagem do tempo, da violência, do preconceito, do abandono e da marginalização, envolve a criação de significados para viver com os outros sem se preocupar com o fim, ao mesmo tempo em que se reconhece a finitude da existência e se preserva a singularidade, que está sempre ameaçada pela possibilidade de extinção ou de exclusão. Essa angústia existencial, presente desde muito tempo, tem desenvolvido pensamentos, conhecimentos, práticas e valores que refletem a busca humana pela continuidade, apesar de nossa natureza descontínua.

As narrativas do cotidiano que nos propomos a produzir desejam ser paradoxais, dialógicas, tradutoras e polifônicas. Dessa forma, buscamos constituir, com todos os sujeitos envolvidos no processo, uma sabedoria que, como deseja Ferry, opere como outro tipo de salvação, aquele que advém da atribuição de sentidos que nos orientem para um pensamento alargado e uma vida ativa. O que as narrativas do vivido têm nos mostrado são as sabedorias do cotidiano, nos levando, com isso, a assumir que só o que é tecido junto pode salvar nossa própria pele.(Soares, 2010, p. 70)

Ou seja, em nossa rotina diária, criamos práticas, teorias, valores e significados que geram sabedoria para preservar nossa própria existência, ampliando nossas experiências e estabelecendo, por meio de nossas ações e pensamentos, possibilidades criativas para nossa vida (Soares, 2010).



Sigamos nos reinventando, multiplicando saberesfazeres, docências e humanidades, pelo eterno embate de alcançar uma educação desprovida de interesses econômicos e pautadas na liberdade de ser tudo o que pode.

4.8. NOTA 8 (27/11/22)

EU QUIS SUMIR DA SALA DE AULA, da realidade exaustiva no ensino remoto, repleta de mensagens de interações... Mas eu não podia parar. As salas de aula remotas, silenciosas e angustiantes, me aguardavam. Secava a lágrima, engolia o choro e dava o meu “Bom dia, gente do bem!”, mesmo que sem respostas (às vezes, algumas tímidas no chat).

 *É extremamente desgastante essa vida conectada. Sinto falta da conexão real, do olho no olho, do toque, das pessoas poderem se abraçar, das aulas presenciais, das aulas em campo... é nítido como os alunos e os professores estão extremamente cansados com esse momento que vivemos. Tantas vidas perdidas, tantas notícias ruins, que de fato uma hora todo mundo fica exausto (o que é bastante compreensível).*

Figura 26 - Os encontros síncronos



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Assim como com a minha tia, no dia que minha amiga faleceu, eu não consegui dar aula. Fui liberada porque não tinha condições emocionais e nem físicas. Definitivamente, “nenhuma educação mediada por tecnologias digitais pode partir de outro ponto que não seja o corpo” (Nolasco-Silva, Maddalena, 2022, p.4), e naquele momento, eu não o sentia, eu não sentia nada. Depois da notícia, fui ao primeiro enterro da minha vida, senti que era o mínimo que eu poderia fazer depois da sensação de nunca mais poder aproveitar momentos ao seu lado. De uma maneira fúnebre e sem vê-la, foi o nosso último momento. Foi tudo tão rápido, por conta dos protocolos da Covid-19, que sequer consigo descrever como ocorreu. Na verdade, tudo parecia uma mentira. Estávamos nos falando havia tão pouco tempo... planejando o futuro, assistindo à peças teatrais, combinando a próxima festa junina, organizando como seria montar uma peça na reunião dos professores, discutindo sobre a Educação... e depois do aparecimento de um vírus, tudo virou pó e lembranças.

Uma coisa dessas, temida durante tanto tempo, finalmente chega, e na avalanche de emoções vem também um alívio amargo e insuportável. Esse alívio se torna uma forma de agressão e traz consigo pensamentos estranhamente insistentes. Inimigos, atenção: o pior aconteceu. (...) Minha loucura agora vai se revelar. (Adichie, 2021, p. 24)

Pergunto-me, todos os dias, ao acordar no silêncio da quarentena, se devo continuar ou se conseguirei exercer o magistério nessas condições. “O luto expõe novas camadas em mim raspando escamas de meus olhos” (Adichie, 2021, p.19) e o ensino remoto⁶⁵ também.

⁶⁵ “Notemos alguns dos principais aspectos relativos a essa escola que não percebíamos tão claramente e que esse tempo de pandemia nos tem mostrado com chamativa nitidez (a relação não é exaustiva): a diferença radical entre as escolas públicas e particulares e, de um modo mais geral, entre a educação pública e a educação privada; o tanto de coisas que se fazem em uma escola, que não dizem respeito a apenas ao ensinar e ao aprender, mas à dimensão social da escola em um país como o Brasil, onde, para muitos setores da população, a escola é o local onde se faz a principal (ou única) refeição do dia e que não há como fazer quando ela fecha as suas portas; a insubstituível presença de professoras e de professoras que não podem ser substituídos(as) por quem não está preparado para isso e menos ainda por sistemas tecnológicos auto programáveis e executáveis; a inescusável necessidade de formar os e as docentes atuantes nas escolas para que possam ser os e as docentes que desejam ser; as gritantes desigualdades da sociedade brasileira com uma altíssima parte da população sem as mínimas condições de conectividade e aparelhagem como para atender a uma educação remota ou a distância; a impossibilidade de se fazer escola sem corpos presentes, corpos que se tocam, se abraçam, se cheiram e até se empurram e se atropelam; a tensão entre a casa e a escola ou, em outras palavras, a importância de a escola ter um espaço próprio, separado, apartado das outras instituições sociais; ainda, em outras palavras, a impossibilidade de ser mãe e docente, pai e docente ou filha/filho e aluno ao mesmo tempo. Como podemos perceber, não são poucas coisas as que o vírus tem permitido apreciar. E, mais uma vez, a lista está longe de ser exaustiva. Em outras palavras, uma visão atenta aos efeitos da pandemia mostram, ao contrário do que as vozes que advogam pelo fim da escola querem concluir, o valor extraordinário e insubstituível da escola, como instituição histórica e social e, também, como forma de suspensão e de profanação (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014), que permite aos que a povoam colocar o mundo sobre a mesa para colocá-lo em questão, entendê-lo, problematizá-lo e, quem sabe, imaginar e viver outros mundos.” (Kohan, 2020, p.5)

Na tentativa de seguir por novos caminhos e buscar uma experiência diferente da que estava ocorrendo comigo no magistério, comprei um curso online chamado “Como montar seu curso”. Sim, é redundante mesmo e eu desisti desse “curso”, quando na primeira aula, a mentora disse que o primeiro passo era “rasgar o diploma” que fazia parte de nossa vida pretérita. Embora eu tenha criado um curso digital, desisti de levar para frente e não dei prosseguimento com divulgações e afins. As perdas familiares que tive levaram minhas forças e as aulas remotas acabaram se tornando uma espécie de resistência. Foi impressionante o “boom” na área digital durante a pandemia, o aumento no número de lives. Eu ouvia diariamente alguns colegas dizendo que precisaríamos nos reinventar, porque a educação presencial voltaria sem força. Fora isso, era revoltante a redução salarial de muitos colegas e a alta carga horária na frente de um computador sem nenhum tipo de formação prévia para tal.



Logo depois de dois meses trabalhando, fui mandada embora, lembro de ficar arrasada, pois eu me dedicava muito ao meu trabalho. Como professora, meu progresso não foi tão bom, eu literalmente surtei e voltei para o presencial satisfeita, porque aparecer na tela todo dia estava me causando muito mal. Experiência esta que me leva à necessidade de abrir o leque das ciberdocências, afinal, à parte a minha objeção a aparecer em vídeos, acho que o fato de me cobrar um trabalho idêntico ao que fazia presencialmente foi o que me pôs em xeque. Deveria eu ter aberto mais a mente à nova realidade que se apresentava? Buscado me adaptar, procurando fazer um trabalho que ressignificasse toda a minha experiência e desenvolvesse um novo fazer, abrindo portas para novos pensares e saberes? Provavelmente.

Muitos incômodos, medos, angústias e poucas fronteiras para nos sulear. O que ficou, o que realmente importa e busco é a reflexão sobre as experiências que escapam, rebeldiam-se e que estão em constante processo de invenção nas margens do cotidiano. Para ‘ouvirsentirler’ diferentes métodos e ‘teoriaspráticas’ de ressignificação precisei criar a mim mesma, num processo que envolve produção de subjetividade e cuidado de si (Foucault, 1985).

Muitas vezes há também a ânsia de sair correndo, a ânsia de se esconder. Mas nem sempre posso correr, e todas as vezes em que sou forçada a encarar de frente a minha dor sinto um formigamento de pânico. (Adichie, 2021, p.20)

4.9. NOTA 9 (28/11/22)



Sou do tempo da fita cassete, do disco de vinil, do aparelho de som denominado comercialmente de “3 em 1” (Toca disco, fita cassete e rádio), do vídeo-cassete e dos alugueis de filmes nas locadoras. Usei fichas telefônicas nos chamados “orelhões”. Telefone fixo valia ouro nos anos de 1980. Lembro de vizinhos negociando linha telefônica por troca de veículos. Tenho recordações que, para se conectar necessitava de um discador e fazia um barulho horrível, a conexão caía muito.

Figura 27 - A tecnologia das fitas e CD's



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

VENHO DE UMA ERA DE MÍDIAS TANGÍVEIS, onde a música girava sob uma agulha, os filmes eram tesouros que você poderia ter nas mãos. Lembro-me de quando ia na locadora com a minha tia e ela sempre fazia questão de dizer que rebobinava cada uma das fitas. Os clientes tinham a triste mania de esquecer, dando um pouco mais de trabalho para os funcionários. A locadora de vídeo era a base do entretenimento do fim de semana. Depois disso, as fitas foram substituídas pelos DVDs. É claro que minha tia comprou um aparelho que convertia os filmes

das fitas para DVDs “virgens”. Ela fazia isso durante a semana inteira e depois presenteava meus primos e eu. Fiz parte da geração que ouviu o tilintar de fichas telefônicas em cabines públicas e presenciou filas de pessoas impacientes esperando sua vez de fazer uma ligação. As conversas, muitas vezes, eram pontuadas pela urgência: “Vou fazer isso rápido, só passando uma mensagem urgente e a ligação pode cair a qualquer minuto!”. O telefone celular foi uma verdadeira revolução. Mais uma vez, lembro-me da minha tia bem contente com seu celular de antenas, “tijolo” – como era chamado –, última geração e ápice da tecnologia na época. Inclusive, ganhei de presente dela o meu primeiro celular e amava o famoso jogo da cobrinha, chamado “Snake”.

Figura 28 - A tecnologia das locadoras, das vitrolas, telefone fixo, pager, rádio



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.



Os primeiros celulares eram grandes e pesados, para acessar o sinal ficávamos na janela com os braços estendidos para tentar captar alguns míseros pontinhos na tela para enfim, ter a ligação e ter o sentimento que estávamos nos modernizando junto às novas transformações. Antes disso, ainda tivemos o Pager, um dispositivo eletrônico usado para trocar mensagens utilizando transmissão de rádio. Meu marido chegou a usar através de uma empresa na qual trabalhava.

As tecnologias, é sempre bom sublinhar, não são apenas aparelhos e equipamentos; são artefatos culturais (CERTEAU, 2014) que carregam implicações éticas, políticas, econômicas, estéticas, educacionais etc. É por meio de muitas delas que nos comunicamos, falamos, escrevemos e, cotidianamente, contamos histórias. As tecnologias só existem na relação com os usuários. São procedimentos, frequentações, expressividades negociadas entre determinações e golpes do fraco (CERTEAU, 2014). Na cibercultura, com as facilidades técnicas de imersão e simulação do real, fica cada vez mais difícil dissociar o humano do maquínico – isto é, das próteses que aplicamos aos corpos para expandir nossa memória, nossa percepção, nossos modos de orientar os deslocamentos pelo mundo, nossas formas de associação com o outro, de experimentação dos prazeres e dos afetos etc. E, com isso, podemos dizer que narrar a vida humana nos dias de hoje passa por performar uma estética de existência ancorada na produção em massa de ciber-subjetividades e de ciber-assujeitamentos. Ou seja, o que vemos e damos ver, no ciberespaço e no que dele transborda, são histórias tecnologicamente mediadas que nos inserem em um mundo que é, ao mesmo tempo, palpável e virtual, vivido e imaginado, conhecido e fabulado. Tais marcas, obviamente, terão grande impacto em nossos processos de formação e atuação docentes. (Madallena; Nolasco-Silva, 2022, p.3)

Na era da cibercultura, as tecnologias digitais permitem criar simulações e experiências imersivas, onde a linha que separa o humano do tecnológico torna-se cada vez mais difusa. Nossos modos de existir estão cada vez mais entrelaçados com essas tecnologias, que expandem nossas capacidades e alteram nossa percepção do mundo. Essa interconexão entre o humano e o tecnológico significa que as narrativas que criamos hoje são tecnologicamente mediadas – elas existem tanto no mundo físico quanto no virtual, e são ao mesmo tempo reais e fabuladas. A internet era um conceito tão estranho para mim que só passou a fazer sentido quando meu tio decidiu financiar um computador e me chamava para jogar o *CD-Room* do Franklin⁶⁶ e da Xuxa⁶⁷ com a minha prima na casa deles. Digamos que esse foi o meu primeiro contato com o computador. Minha tia e sua casa sempre foram sinônimos de tecnologia para a família, justamente por seus implicamentos éticos, políticos, estéticos e educacionais. Lembro-me vividamente da sinfonia estridente do dial-up enquanto tentava se conectar à web, uma conexão tão frágil que o menor empurrão poderia cortá-la. Observava meu tio mexer nessa engenhoca

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8RfkGs-vAOo> Acesso em: 23/04/24.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cTy7CgsAMFk> Acesso em: 23/04/24.

moderna com mais fascínio do que compreensão, e meu interesse pela novidade era, na melhor das hipóteses, curioso, pois não conhecia e nem dominava muito aquela máquina.

Agora,

sentada no silêncio da minha casa, onde o zumbido de um disco de vinil foi substituído pelo brilho silencioso de uma tela de computador, encontro-me no epicentro de uma revolução educacional⁶⁸. A sala de aula de pó de giz se transformou em pixels e telas compartilhadas. Troquei as fitas cassete e VHS por arquivos digitais. O ruído da Internet tornou-se uma vaga lembrança para as minhas conexões diárias com estudantes no cenário digital.



A internet banda larga está na palma de minha mão agora. O que fazer? Muitas informações, muitos canais, múltiplas funções, estou cercada por aparatos tecnológicos digitais. Como dar conta? Sem contar que as novas tecnologias demandam não só saberes técnicos, mas recursos financeiros.

As paredes da minha sala de aula já não possuem os limites de um espaço físico. Em um dos encontros do mestrado, na disciplina *Currículos Online*, discutimos a partir de Marco Silva (2003), como muitos educadores contemporâneos frequentemente negligenciam ou resistem ao uso das novas mídias digitais, como já resistimos à TV, ao cinema, e ao rádio, tecnologias que Anísio Teixeira⁶⁹ uma vez vislumbrou como possuidoras de um grande potencial pedagógico. Silva observa que, enquanto a mídia clássica tende a perpetuar uma pedagogia da transmissão, as tecnologias digitais, por sua virtualidade interativa e dinâmica, oferecem oportunidades significativas para a participação ativa e a co-criação de conhecimento. Ele destaca que o digital permite a montagem, a mixagem e o reordenamento dos signos de maneira incessante e aberta, proporcionando uma plataforma para a criação e modificação de mensagens em um nível granular, algo que as mídias tradicionais não conseguem fazer. A crítica de Silva é que, embora a tecnologia digital tenha um imenso potencial pedagógico, a

⁶⁸ “Se pudéssemos viajar no tempo, poderíamos apreciar como cada nova tecnologia foi surgindo na história: o livro impresso, o rádio, o cinema, a televisão, o computador etc. Cada uma dessas invenções foi ampliando as nossas capacidades de criar, de comunicar, de expressar e de produzir sentidos a tudo que nos toca, ao que nos afeta. Talvez, isso nos fizesse entender melhor que somos, enquanto seres humanos, agentes da invenção. Mas, como a máquina de viajar no tempo ainda não existe, o que temos para acessar o passado são essas criações e alguns relatos, histórias contadas por outros, que nos ajudam a situar o presente e projetar o futuro. Entender nossa capacidade de invenção é o passo inicial para compreender a cultura contemporânea e seu universo narrativo, produtor de presenças.” (Nolasco-Silva, Maddalena, 2022, p.7)

⁶⁹ Um dos criadores da escola pública no Brasil que esteve à frente do Inep por 12 anos. Defendia a democratização do ensino e a transformação social por meio da educação. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira> Acesso em: 4/06/24.

formação dos professores ainda não está à altura dessa complexidade e que pouco tem sido feito para qualificar os educadores para esse novo cenário.



No começo, tentei aprender por conta própria. Assisti a vídeos, li tutoriais, mas tudo parecia tão complicado. As reuniões pedagógicas, que poderiam ter me ajudado, eram mais sobre resolver questões técnicas que eu mal conseguia acompanhar. Me sentia sozinha, impotente, como se tivesse sido jogada em um mar revolto sem saber nadar. Cada dia era uma batalha para entender as plataformas, adaptar o conteúdo e, acima de tudo, alcançar meus alunos, que pareciam cada vez mais distantes. O que me machucou é que, por mais que me esforçasse, a sensação de fracasso era constante. Faltou apoio, faltou formação, e eu, sinceramente, me perguntei várias vezes se ainda estava fazendo diferença.

Refletindo sobre a minha própria trajetória, nunca imaginei que a criança que descobriu a internet jogando o CD-Room do Franklin, ouvia música na vitrola e alugava fitas VHS, chegaria a iniciar um mestrado durante a pandemia, realizando todas as disciplinas de forma remota, exceto o grupo de pesquisa. Além disso, imaginei menos ainda que a sala de aula presencial, mesmo que emergencialmente, seria vivida online e ministrada sem um preparo prévio. Essa experiência evidencia a transição que Silva descreve, onde o digital, que para mim no passado foi uma curiosidade e passatempo infantil – depois de vinte e cinco anos – se transformaria em uma sala de aula remota do mestrado em Educação. É claro que a pandemia acelerou e ressignificou ainda mais as experiências na cibercultura, tendo em vista diversos agravantes sociais, culturais, políticos e econômicos. A necessidade de adaptar-se ao ensino remoto evidenciou as lacunas na formação docente e a urgência em preparar os professores para utilizar as mídias digitais ⁷⁰ de forma eficaz.



As aulas não eram mais as mesmas. Eu falava para uma tela com câmeras desligadas, e os poucos que apareciam pareciam dispersos. Por mais que eu me

⁷⁰ "As tecnologias digitais e as relações que elas estabelecem com o processo de digitalização, convergência das mídias e tudo mais que deriva da intensificação da vida na/com a internet, não podem ser reduzidas, pois, aos seus aspectos meramente ferramentais. Pensá-las de forma tecnicista/ utilitária é retirar delas a sua maior potência: a de criar linguagem. Afinal, é com as tecnologias digitais que conseguimos mediar processos complexos de invenção e de educação na cibercultura. Elas permitem a conexão e o diálogo de diversas mídias que antigamente só existiam separadas, em suportes analógicos. Permitem, também, a troca, a interatividade e o compartilhamento entre pessoas fisicamente distantes, oportunizando a emergência de um universo narrativo muito potente, capaz de impulsionar práticas formativas. É, então, nesse universo narrativo da hipermídia que situamos os nossos ofícios de professores e pesquisadores da educação. Assumir as docências e as pesquisas como 'espaçotempos' de contação de histórias é deixar o corpo que (se) narra e (se) escreve ser atravessado pelas intensidades dos encontros; é permitir que ele se abra para outras possibilidades de existência. É se comprometer com um mergulho ético, estético, político e poético, inventando – no fluxo das águas – um povo que mora no devir. O devir não denuncia a incompletude do agora – fala da potência para produzir outra coisa. Porque fabular é criar linhas de fuga, é remar contra a corrente, em embates com as ondas." (Nolasco-silva; Maddalena, 2022, p.3).

esforçasse, a sensação era de que estava sempre um passo atrás. Muitos alunos sequer tinham uma boa conexão com a internet, e eu me sentia de mãos atadas. Conversar com colegas me ajudava a ver que eu não era o único nessa situação, mas a verdade é que me sentia sozinho. Sem suporte da escola, eu me sentia mais um técnico tentando resolver problemas de TI do que um professor de história. Foi um período exaustivo e, muitas vezes, pensei em desistir.

4.10. NOTA 10 (29/11/22)

“O formato da família mudou para sempre, e nada torna isso mais tocante do que deslizar a tela do celular e não ver o quadradinho com a palavra “pai”. (Adichie, 2021, p. 55, grifo nosso)

QUERIDO DIÁRIO,⁷¹

enquanto professora da educação básica, especificamente de alunos do ensino médio, enfrento um turbilhão de transformações com a chegada da pandemia. Tenho um corpo⁷² cansado, fatigado entre as quatro paredes dos pequenos cômodos da minha casa. Já não sei mais quem sou eu online e na presencialidade... São tantos corpos... online, presencial, na família, na vida pessoal, no trabalho... Um momento que exige reinvenção rápida nos modos de fazer (Certeau, 1994). Cada clique, cada vídeo assistido ou ministrado nessas telas⁷³ e cada discussão em fórum online ajustam ou desajustam esse corpo, como peças de um mosaico, “um corpo que habita telas, que se produz nas telas, que cria vínculos com quem está do outro lado da tela, que experimenta, de tela em tela, processos de subjetivação” (Nolasco-Silva, Maddalena, 2022, p.5). Ando descobrindo alguns caminhos na adaptação para o ensino remoto. Um desses caminhos foi a imersão em plataformas online que não apenas modificam as minhas aulas de Literatura, mas também trazem uma flexibilidade antes inimaginável: dou aulas, às vezes, dentro do banheiro porque é o único local silencioso da casa.

⁷¹ De acordo com Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 277), “na mesma medida, precisamos reconhecer que esses textos assumem nas vidas de quem escreve e de quem os lê muito mais do que uma simples relação entre linguagem e ação. São objeto de amor e ódio, a depender do momento de construção da pesquisa. São objeto de curiosidade por aqueles que alimentam o desejo de acessá-lo. Teme-se perdê-los, como a um amigo. Enfim, eles se constituem em ações que, portanto, produzem efeitos, mobilizam afetos, são atuantes em jogo.”

⁷² No contexto das aulas remotas, o corpo dos participantes assume uma duplicidade, existindo tanto em um território físico quanto em diversas territorialidades virtuais. Esse corpo se manifesta no ciberespaço por meio de elementos como logins, senhas, avatares e outras marcas de ciberpresencialidade, permitindo a presença simultânea em múltiplos espaços. Essa presença é caracterizada pela ubiquidade, interação com cenários imersivos e uma estética de navegação rápida, além de ser influenciada por desejos moldados por algoritmos (Nolasco-Silva; Madallena, 2022, p.2)

⁷³ O corpo que habita e se produz nas telas, criando vínculos e experimentando processos de subjetivação, é descrito como um "cibercorpo", moldado por uma interface digital que nos permite refletir, performar e acessar o outro. Essa tela atua como um espelho das nossas enunciações e escolhas de navegação, além de ser influenciada por estímulos publicitários derivados da datificação das nossas existências online. A tela representa a imersão em uma realidade que desafia nossos hábitos, crenças e modos de vida, moldando uma nova linguagem das hipermídias e um corpo ciborgue. Isso levanta questões significativas para a educação escolar, universitária e para as práticas educativas mediadas digitalmente, especialmente na Educação a Distância (NOLASCO-SILVA; MADALLENA, 2022, p. 5).

Figura 29 - As aulas ministradas dentro do banheiro



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

O dia que bate a ansiedade, vou para a varanda respirar um ar mais fresco, mas sou atrapalhada pelo carro do ovo.

Figura 30 - O momento de melhor conexão



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.



Acredito que um grande desafio para muitos alunos e alguns professores nessa vivência, seja a falta de aparatos tecnológicos, internet de qualidade ou até mesmo as condições adversas de sua realidade como brigas

familiares, tiroteios próximos a sua casa, carros do ovo, vizinhos com música alta, entre outros. Acredito que essa realidade ou possível realidade venha a ser cada vez mais incorporada nas nossas vidas, juntando nossa vida pessoal com a vida profissional. Entretanto, seria bem proveitoso se todos começassem a perceber quais são os pontos dessa vida que não são favoráveis e saudáveis para cada um. Se não for feito nada sobre isso, teremos um futuro um pouco caótico com diversos profissionais ou pessoas frustradas por não darem conta de uma participação nessa nova vida.

Inicialmente, o que mais me chamou a atenção foi a mudança na dinâmica das aulas: os estudantes, antes ativos e expressivos, converteram-se em ícones silenciosos na tela, muitas vezes reduzidos a meras "bolinhas" em uma plataforma digital. Essa mudança representou um desafio, tanto para mim quanto para eles, marcando uma nova experiência em nossa relação. A comunicação assume um novo formato. A interação face a face foi substituída por mensagens de texto, e-mails e comentários em fóruns virtuais. Essa mudança abrupta afetou significativamente a participação das turmas. Muitos se tornaram passivos e participaram das aulas apenas como observadores silenciosos, uma realidade distante do falatório das salas de aula presenciais.



Foi impossível não lembrar dos emails que escrevia pedindo extensão de prazo, quantas vezes escutei e li companheiros de sala falando sobre a instabilidade de internet ou o conflito do horário da aula com o trabalho.

Foi um momento de introspecção e reinvenção pedagógica. Vi nesse desafio e período de “luto” pessoal e educacional, uma oportunidade para repensar e ajustar minhas táticas⁷⁴ de ensino. Busquei formas de tornar as aulas mais inventivas (Kastrup, 2005), mesmo no ambiente digital. Implementei atividades que incentivavam a participação ativa, como debates online, trabalhos em grupo e projetos colaborativos no *Padlet*⁷⁵.

⁷⁴ Cerneau destaca que “[...] a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (CERTEAU, 2012, p. 95). A tática é uma arte do fraco, ou seja, é exercida por aqueles que estão situados no polo menos privilegiado de determinada relação de poder, mas que, mesmo assim, conseguem utilizar suas habilidades e criam alternativas frente às opressões. Além disso, a tática se manifesta de maneira a explorar todas as oportunidades disponíveis: “Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 2012, p. 94- 95).

⁷⁵ Disponível em: <https://padlet.com/mcresendenerly/condor-jo6nl7mdsiwhxc1j> Acesso em: 20/04/24.

Figura 31 - O padlet – Painel colaborativo online



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

📞 *O conteúdo bonitinho feito em casa foi graças a uma luz, a uma câmera, a uma ferramenta de edição, um recurso tecnológico (celular, tablet, computador ou notebook) que demanda mais tempo do que um planejamento de aula comum. Nesse período a demanda de serviço dos professores aumentou, pois não há mais a delimitação entre estar em casa e no trabalho, já que todos ficaram por um longo período trabalhando em home office, ou seja, o ofício invadiu nossa residência e sem prazo para o término, principalmente os professores universitários.*

Embalada na escrita do meu diário⁷⁶, sugeri para os meus alunos do ensino médio um trabalho colaborativo no padlet, em que *desabafassem sobre o que estavam vivendo*. Tentava buscar formas de 'ensinaraprender' que aliviassem um pouco o peso dos dias, para eles e para mim. Era uma forma de nos sentirmos conectados e de alguma maneira 'ouvirsentirler' o outro. Seleccionei, carinhosamente, algumas produções autorais que também falam por mim, não somente hoje, mas falaram durante todo o período pandêmico:

⁷⁶ De acordo com Medrado, Spink e Mélo (2014, p.278), os cadernos de anotações, como os diários de campo, devem ser considerados não apenas como instrumentos de coleta de dados, mas como participantes ativos da pesquisa, semelhantes aos pesquisadores e entrevistados. Esses diários, considerados "atuantes" ou "actantes" conforme o conceito de Latour (2001), dialogam com o pesquisador, contribuindo para a fluidez e a construção da pesquisa. Essa relação rompe com o tradicional binarismo entre sujeito e objeto, criando agenciamentos coletivos que impulsionam a ação de pesquisar, onde os diários não apenas registram dados, mas também produzem novas possibilidades e composições ao longo do trabalho de campo.

Diário de um confinado – 23/09/22

*Ultimamente tenho me sentindo meio deprimente
Os livros, as matérias da escola consumindo minha mente
A Pandemia me destruiu intelectualmente.*

*As pessoas a minha volta andam com um olhar triste
Parecendo que a vida não existe
Parece que só estão vivendo
Enquanto lá fora tudo anda acontecendo.*

*Durante a pandemia as pessoas relaxaram com suas coisas
E agora parece que esqueceram como fazê-las
Parece que esqueceram como se estuda, como se escreve*

*Por dois anos as pessoas estudaram virtualmente
Isso acabou destruindo suas mentes
Facilitando fazer provas e trabalhos
Muitos passaram de ano sem saber das matérias escolares
Isso acabou atrapalhando a volta repentina das aulas presenciais
Por isso as notas irritam os pais*

*A escola consome nosso intelecto
Com o medo diário de nada dar certo
Os professores são até legais
Mas as matérias são complicadas demais
As salas são bem cheias
Pra quem tem dificuldade em se concentrar
Isso vem a atrapalhar
As provas andam me destruindo
A vontade de continuar está sumindo*

23.09.22

*Foi fácil passar de ano, mas difícil de passar os dias.
Foi difícil estudar e ainda mais de entender.
Foi fácil chorar e ainda mais de se desesperar.
Foi, tornou-se e será: complicado se adaptar.
Era estar sozinho, é estar cercado.
Era escuro e silencioso, é cheio e tumultuado.
Era cansaço mental, é corpo cansado.
Era e se tornou complicado.
Havia solidão, havia saudades.
Há compreensão, há novas amizades.
Havia procrastinação, havia ansiedade.
Há preocupação, há felicidade.
Havia o que não há, mas há aquilo que não havia.
O período passou, mas deixou traços de sua estadia*

Poema de pandemia – 23.09.22

*Tudo tão calmo estava...
 A brisa soprava sem pressa de ir embora.
 Mas o mundo lá fora sequer entendia
 A importância que uma simples brisa fazia
 Num piscar de olhos essa calmaria sumiu
 Deu lugar a uma tristeza que jamais se viu.*

*Fez o mundo inteiro perceber
 O quão valiosa a vida pode ser.
 Os sorrisos se esconderam atrás de portas fechadas
 A saudade se escondeu atrás de uma tela.
 A liberdade fez sentido de uma forma que ninguém imaginava.
 A melodia dos pássaros se tornou mais bela.*

*Me sinto mais introvertida
 Bem mais tímida.
 O que será que aconteceu?
 A antiga falante não é tão mais eu.
 Um frio na barriga, medo, desespero...
 Chega de vídeo chamada e computador o dia inteiro.*

*Com a tela desligada, a calmaria volta.
 Cada alma resgatada segue a sua rota.
 Por mais longa que seja a noite.
 O Sol sempre volta a brilhar.
 Agora ele voltou a nascer pra todos
 E a vida podemos celebrar.*

*Nos resta apenas aprender
 Com essa lição que nos foi dada.
 Que a vida é uma surpresa
 E dela não se leva nada.*

4.11. NOTA 11 (30/11/22)



Não apenas o professor, mas o aluno tem o costume de olhar o outro como um ser sem complicações, com uma vida sólida. Achamos que só o nosso dia está ruim, que nada está dando certo apenas para nós, enquanto todo mundo tá nadando na merda - sem escolha.

PEDAGOGIA DA PACIÊNCIA. Na transição abrupta para o ensino remoto, eu, como educadora, encontrei-me diante de um novo paradigma: *a pedagogia da paciência*. Este conceito não estava em meus planos de aula, nem nos currículos⁷⁷, mas tornou-se uma habilidade fundamental no meu repertório docente.

Nos primeiros dias de ensino remoto, deparamo-nos com uma série de desafios técnicos e pedagógicos. Não apenas estava aprendendo a utilizar novas ferramentas e plataformas, mas também estava tentando me manter sã em um ambiente que era novo e estranho para todos nós, acostumados com o cotidiano escolar⁷⁸ presencial. Ao vivo e a cores. Mesclando sons, cheiros, toques, afetos e algumas brigas também.

Isso porque as narrativas, os relatos, as conversas, as fofocas e os writings se transformaram em ‘espaçotempo’ de formação, de compartilhar as “artes do fraco” (CERTEAU, 1994) [...] Astúcia e oportunidade de pensar currículo e formação. Também, o espaço da tática, do cotidiano fugaz e gazeteiro que não teme a incerteza, vai além das dicotomias hierarquizantes na vida e na escola e joga com a complexidade (SÜSSENKIND, 2014, p.110).

A pedagogia da paciência também significou que cada um estava enfrentando suas próprias batalhas. *“Estou esgotada de tanto chorar, e falar sobre o acontecido significaria chorar outra vez. (...) Será possível ser possessivo em relação à própria dor? Quero que a dor*

⁷⁷ Na disciplina de Redes educativas e culturais, cotidianos e currículos com a professora Conceição Soares, no curso do mestrado, uma frase dita por ela, em uma aula, marcou-me especialmente: “Currículo é tudo o que ocorre na escola”. Elaborar currículos durante a pandemia, utilizando as tecnologias de encontro, exige, portanto, um cuidado especial com os aspectos éticos, poéticos e estéticos da comunicação realizada na cibercultura. Em uma mesa redonda – *Cibercultura, esperança e boniteza em tempos de pandemia* – com a professora Edméa Santos, durante um congresso realizado na Uerj em 2022, ela teceu muitas conversas sobre “O currículo na cibercultura”. Destacou como elementos cruciais na formação: *a inclusão digital, a inclusão cibercultural, reformas curriculares e de pensamento, formação de professores, a educação como prática de liberdade, a educação autêntica e dialógica, a educação decolonial: anti-racista, anti-sexista, anti-capitalista*.

⁷⁸ “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível.” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, p. 31, 1996). Segundo Certeau (2012), embora o cotidiano seja um processo que se desenrola lentamente e, portanto, difícil de ser analisado, ele também é dinâmico e está em constante evolução, já que o homem comum o reinventa, recria e modifica por meio de suas práticas. Ele concentra sua investigação no “herói comum”, o homem comum, criticando a abordagem cada vez mais quantitativa e generalizada do estudo humano.

me conheça, quero conhecê-la também.” (Adichie, 2021, p.31) Em meio aos exercícios de agir como se estivesse tudo normal, as lembranças das perdas, o número de mortos aumentando a cada dia, o medo de perder meus familiares, tudo isso, esgotava-me ao ponto de ter crises de ansiedade, imaginando até uma possível demissão se não desse conta das minhas demandas profissionais. De alguma maneira, sinto-me confortável em desabafar em forma de poesia na máquina de escrever deixada pela minha tia. Fecho-me no meu claustro físico e mental e deixo a escrita nascer...

Figura 32- A máquina de escrever, os devaneios e o claustro da escritora



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.



Falando por experiência própria, perdi meu emprego no início da pandemia, e só consegui um outro agora, mas ainda preciso fazer bicos por fora para compor a renda, e com isso, muitas vezes saio de casa antes das 07h e chego depois das 21h, 22h. Um grande desafio nesse período é conciliar toda demanda de afazeres, sejam eles de trabalho ou de estudo com o adoecimento e a perda de entes queridos, pois é difícil manter a regularidade de certos prazos passando por esse turbilhão de emoções. É impossível não sentir a dor das diversas famílias que perderam os seus e de ficar soterrado nas notícias tristes diárias sobre a Covid-19.

Com o tempo, a paciência transformou-se em persistência. Aprendemos a valorizar as pequenas vitórias, como um estudante que finalmente se sente confortável para ligar a câmera, ou outro que participa ativamente no chat pela primeira vez. Trata-se de criar um espaço de 'aprenderensinar' onde a paciência é tão valorizada quanto a curiosidade e o entendimento. Minha mãe, também professora, dividia comigo suas experiências com as crianças durante as aulas que ministrava. Fazia-me questionar e, principalmente, refletir sobre o meu ofício. Será que estávamos no mesmo Ensino Remoto? Eu sempre me perguntava. Um dia, ela chegou contando que sua turma conheceu Kira, Janaína e Paulinho, os gatos da casa. Os estudantes passaram a pedir a presença ilustre dos gatos em todas as aulas e até os pais apareciam nas câmeras para dar tchau e agradecê-la pelas divertidas aulas, mesmo que remotas. Ouvir tudo isso trouxe uma esperança e um relato próximo que nem tudo estava tão caótico quanto a minha experiência no ensino médio. “*Sinto um breve cobertor de paz me envolver.*” (Adichie, 2021, p.31) Levo comigo a lição de que ser paciente é, muitas vezes, o primeiro passo.



É fundamental respeitar o espaço discente, pois não se tem conhecimento sobre a vivência em seu lar, e para além disso, alguns alunos estão assistindo às aulas na volta do trabalho para casa, no trabalho, fazendo afazeres domésticos, coisas que impossibilitam a abertura do áudio e da câmera, ou ficam tímidos em fazer isso também, como é o meu caso em diversos momentos. Tem dia que é bastante estressante toda essa situação, procuro nem ligar a câmera e o microfone para não ter problemas.

4.12. NOTA 12 (01/12/22)

ENTRE CLIQUES E TECLAS. As vozes e levantares de mãos, foram substituídos por ícones de reação. Como professora e mestranda em educação, tive uma imersão na cibercultura⁷⁹. O ambiente digital, marcado por cliques e teclas, apresentou-se como um novo domínio linguístico, onde a comunicação⁸⁰ assume formas diversas e inesperadas. Nessa transição, posso dizer que algumas habilidades foram postas à prova.

Figura 33- Entre cliques e teclas – A redes educativas que formamos e nos formam

Fonte:



Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

⁷⁹ Nos fenômenos da cibercultura – a globalização da informação, a interatividade, as redes sociais, os compartilhamentos, as comunidades virtuais, a gamificação, o ensino remoto –, com o término da pandemia, precisamos valorizar as memórias e os aprendizados acumulados durante esse período, reconhecendo que o que pode parecer inútil, na verdade, são histórias que formamos e nos formam. Ao refletir sobre o ensino remoto e considerando as pesquisas com os cotidianos, é fundamental revisitar as narrativas que emergiram durante a pandemia. Elas destacam a interconexão entre humanos e tecnologias, mostrando como as nossas práticas educativas e as nossas vidas cotidianas foram transformadas.

⁸⁰ Nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, destacamos a utilização de diferentes linguagens e comunicação na ampliação da circulação dos 'conhecimentossignificações' produzidos, incluindo a atualização do movimento proposto por Alves (2015): *narrar a da vida, autoficcionalizar e a hipermedializar a ciência*. A pesquisa se torna uma extensão da vida, ultrapassando as fronteiras do tema investigado. Em um contexto de comunicação expandida, é natural que as pesquisas transcendam o formato tradicional de texto escrito, buscando outros modos de difusão que atinjam um público mais amplo e ressoem entre eles, visando a fruição. Nesse sentido, a hipermedialização da ciência propõe explorar diferentes formas de expressão comunicativa, para além da escrita. (Nolasco-Silva, 2024)



As tecnologias vêm sendo bastante frequentes na minha rotina, ainda mais agora com essa pandemia. Acho que ela fez parte do cotidiano da maioria das pessoas. Hoje em dia quando acordo a primeira coisa que eu faço é olhar o meu Twitter e verificar se tem notícias importantes ou fingir que me surpreendo com qualquer bobagem que o Bolsonaro fez ou faz.

Nossos hábitos mudaram. Para mim, como para muitos, a música tornou-se uma companhia, um meio de processar a enxurrada de emoções que veio com o isolamento e as incertezas. Assim que eu acordava, já colocava para tocar o álbum "Canções de Exílio"⁸¹ de Jay Vaquer. Suas músicas falavam comigo e ao mesmo tempo tiravam-me da inércia e do sofá que virou meu melhor amigo. Eu refletia, cantava, chorava, escrevia e anotava os devaneios que vinham...

Percebi que a comunicação digital é mais do que produzir conteúdos. Os cliques que abrem discussões e as teclas que respondem dúvidas tornaram-se os novos gestos. Tive que aprender a interpretar o silêncio e a ausência tanto quanto valorizo a participação e o diálogo. Aprender a 'ler' a sala de aula digital tornou-se um requisito — captar sinais de dúvida ou entendimento em um mar de ícones mutados. Eu senti o peso do mundo caindo sobre mim, mas precisava continuar com as aulas. A depressão, que se aproximou silenciosamente, acabou me encontrando, e com ela veio a dolorosa realidade de me sentir sozinha por mais que tivesse um companheiro ao lado. E assim, uma grande amiga chegou, sem avisos, como de costume...

Despas de Deux⁸²

Ela tem o costume de dizer que não vai se acostumar
 Não que ela cogite desistir de encontrar respostas
 Se por um milagre esperar que milagres aconteçam
 E só por um segundo acreditar que tudo vai ficar bem

Guarda histórias que ninguém jamais desconfiaria
 Do tipo de segredo proibido que ameaçamos nem imaginar
 Já dinamitou o Vaticano e a Disneylândia

⁸¹ Jay Vaquer, com seu talento em captar as experiências humanas em suas letras, criou em "Canções de Exílio" um diário sonoro que reflete as complexidades do ser e estar distante. Suas músicas, que misturam poesia e melodias envolventes, serviram como um espelho das minhas próprias vivências durante a pandemia, permitindo uma catarse e uma reflexão profunda sobre o momento atual. A importância da música em tempos de crise não pode ser subestimada. Ela transcende o entretenimento e se torna um meio de expressão e conexão. Para mim, enquanto as notas de Jay Vaquer preenchiam o silêncio do confinamento, pude sentir uma solidariedade com aqueles que, embora distantes, compartilhavam da mesma experiência coletiva. "Canções de Exílio" tornou-se, assim, mais do que um álbum. A música, nesse período de isolamento, provou ser uma ferramenta poderosa para manter a sanidade, inspirar esperança. Percebi como as melodias e letras podem ser uma forma de abraçar à distância e como a arte é um diálogo contínuo, capaz de unir as pessoas mesmo no "exílio".

⁸² Música "Despas de Deux" do compositor e cantor Jay Vaquer. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=2zpGbgNJ0Q> Acesso em: 23/04/24.

Desconsiderando o que os devotos e as crianças sentem

*Olha quem chegou sem nos avisar
Nossa grande amiga, a solidão
Chama pra dançar, num Despas de Deux
Pra se acostumar com a violência de ter que viver sorrindo*

Ela reconhece que nem sabe mais o que esperar
Tem muita vontade de mandar tudo à merda
Mas percebe que se ela mandar, tudo estará onde ela já está
Vai num tudo ou nada onde tudo quase sempre é nunca

Guarda a esperança de um dia viajar no tempo
Pra poder dizer o que queria quando havia tempo
E as pedras no caminho também servem pra fortalecer
A vontade de apedrejar imbecilidades

Com a ansiedade batendo forte e o sono fugindo de mim, recorri a medicamentos, buscando algum equilíbrio, algum refúgio no meio do caos. E a pandemia só intensificou tudo. Cada notícia sobre a recusa das vacinas pelo governo batia como um soco, alimentando uma sensação de abandono e desesperança. O medo de contrair o vírus se tornou mais um peso, uma corrente que me impedia de buscar ar fresco. E enquanto tentava, cada dia parecia uma batalha para encontrar alguma paz, algum sinal de que haveria uma manhã mais tranquila depois da longa noite.



Dada a solidão, as redes sociais ocuparam uma boa parte de tempo na minha vida, os vídeos, filmes, documentários e a tristeza também... consegui colocar em dia todas as minhas séries, comecei a seguir blogueiras no Instagram e saber mais da vida delas, posso dizer que concluí um curso: “A Arte De Ser Fofoqueira”, e quem não? As redes deram uma amenizada na distância, e posso dizer que aprendi muita coisa nova. Uma relação de amor e ódio com as tecnologias e afins!

Como mestranda, também enfrentei o lado discente dessa comunicação. Estar na posição de estudante em uma plataforma digital reforçou minha compreensão sobre os desafios enfrentados. Participar de fóruns de discussão e webinars, além de consumir conteúdo de forma autônoma. Isso exigiu de mim uma adaptação à ausência da linguagem corporal e das sutilezas das interações presenciais. Cada vez que um estudante perde uma aula ou não consegue fazer uma pesquisa por falta de recursos, sinto que falhamos com ele de alguma forma. E não é só uma questão de conforto — é sobre ter as mesmas chances. Enquanto isso, o conflito martela na minha cabeça, especialmente agora, com o ensino remoto sendo tão crucial. Neste diálogo

bidirecional, a comunicação no ambiente digital revelou-se multifacetada. Ela demanda clareza, concisão e uma nova linguagem emocional.

Há uma sensação assustadora de afastamento, (...) mas eu tenho o suficiente, se não para a memória, pelo menos para o mito. (Adichie, 2021, p. 66)

4.13. NOTA 13 (02/12/22)

Figura 34 - Os fantasmas agonizantes da quarentena



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

 Vocês conhecem o filme *Divertidamente*? Então, os meus bonecos entram em loucura quando escutam a palavra **aula online**. Não é fácil ser aluna e nem professora nesse tempo em que não fomos preparados para lidar. Eu me sinto uma prisioneira olhando pelo buraco da fechadura. Esse método que hoje em dia usamos para estudar me deixa assim presa, (não) focada em uma tela de computador. Um dia você está debatendo cara a cara em sala de aula e no seguinte com medo do microfone estar ligado, a câmera pegando algo que não deveria.

O DEBATE SOBRE ABRIR OU NÃO A CÂMERA durante as aulas online tornou-se uma questão pedagógica e ética complexa. Como professora, vivencio constantemente o dilema que essa escolha implica. Por um lado, a câmera aberta pode ser uma ferramenta poderosa para

fomentar a conexão. Quando compartilhamos expressões, ofereço uma parte de mim que ultrapassa o conteúdo acadêmico, criando um ambiente mais pessoal.

No entanto, a obrigatoriedade da câmera ligada pode impor diversos desafios. Nem todos os professores e estudantes se sentem confortáveis expondo seu espaço pessoal, que muitas vezes revela detalhes íntimos sobre suas vidas privadas. Além disso, nem todos dispõem de uma conexão de internet estável que suporte vídeo, o que pode gerar frustração e desigualdade. Assim, a exigência de câmeras ligadas pode, paradoxalmente, criar barreiras para o aprendizado e a inclusão.



Quem divide a casa com muitos familiares não terá a mesma forma de prestar atenção na aula do que os outros, pois, podem não ter tanta privacidade nos cômodos, ter muito falatório, dividir a internet, entre outros, e todo universo por trás das câmeras. Eu moro em um a comunidade em que tudo acontece 24 horas por dia, festas, falatório, carro de som passando, coronavírus praticamente não existiu, minha internet não é das melhores, aliás, aqui nem internet de fora entra, somente a local. Tem hora que estou na aula e nos chats e simplesmente saio, pois a internet caiu, tendo que recorrer rapidamente ao meu pacote de dados do celular para não perder nada da aula. Tem dia que é bastante estressante toda essa situação, procuro nem ligar a câmera e microfone para não ter problemas.

Além disso, a vigilância constante que a câmera aberta pode sugerir, gera debates sobre privacidade e consentimento. Qual é o impacto psicológico sobre os alunos ao se sentirem observados durante todo o tempo de aula? E para os professores, como lidar com a sensação de estar performando para um público muitas vezes invisível, quando os alunos optam por desligar suas câmeras?



São tempos difíceis, o psicológico da maioria das pessoas está bastante abalado com tudo que estamos vivendo, estamos todos exaustos, ao mesmo tempo que para o professor é desgastante todo o processo de reinvenção da didática de ensino, de seus aparatos tecnológicos, de reavaliar sua forma de ensinar e como o conteúdo será criado e passado, para nós alunos também é, o desânimo toma conta muitas vezes, o fato de não termos o contato, toda questão presencial, termos que tirar dúvidas por chat, email e outros meios, tudo isso parece uma bola de neve da educação online.

Em minha prática, procuro equilibrar a abertura e a disponibilidade visual com o respeito pela privacidade, nunca impondo a interação face a face virtual.



Tudo tem sido questão de tempo e prática, nunca tinha feito nem ao menos curso online, somente presencial, eu era totalmente avessa ao assunto, gosto de dialogar presencialmente e ter contato com as pessoas, no começo relutei muito, tive dificuldades em todas as plataformas, mas fui me adaptando, é aquela frase "é o que tem para hoje", e realmente é, todos estamos nos redescobrimos.

Houve uma ocasião em que um colega professor decidiu abrir a câmera durante uma aula de História da arte. Ele era muito envergonhado e isso nunca havia ocorrido. Mas nesse dia específico, ele queria compartilhar os seus sentidos ao discutir as obras de arte que levou para a aula. Essa humanização encorajou alguns estudantes a também ligarem suas câmeras, criando um ambiente onde cada expressão foi capaz de emocionar meu colega. No entanto, ele também foi sensível aos que optaram por manter suas câmeras desligadas, reconhecendo que cada aluno tinha seu contexto e conforto com a exposição.

Figura 35 - A casa que virou sala de aula



Fonte: Imagem criada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Em contrapartida, em uma de minhas aulas de mestrado em educação, um professor pediu que todos ligassem as câmeras para uma discussão em grupo. Uma aluna, claramente desconfortável, explicou que compartilhava o quarto com os irmãos e não queria expor sua família. O professor, compreendendo a situação, adaptou a atividade para que ela pudesse participar sem se sentir invadida.

Por tudo isso, é inconcebível reduzir a presença do estudante, na EAD ou no Ensino Remoto, ao que ele dá a ver ou a ouvir, através das câmeras e dos microfones – ou ao que ele oculta mantendo ambos des-ligados. A produção de presença no digital em rede é marcada pelos rastros de autoria que espalhamos de muitos modos, com múltiplas linguagens, nem todas dependentes da escrita, da imagem ou da voz. Ciberpresencialidades são narrativas hipermediáticas e polifônicas, tecidas nas contingências de relações fluidas, a partir de corpos que habitam telas e de telas que se tornam próteses, continuidades de mãos e de olhos, amplificadoras de memórias, ‘espaçotempos’ de sociabilidades e de subjetivações. Educar por meio delas – das telas – é também se deixar ser educado por elas e por quem as habita e as transforma e as significa e as educa e... (Nolasco-Silva; Maddalena, 2022, p. 9)

Lembro-me também de uma aula sobre Paulo Freire no meu mestrado, onde a câmera aberta tornou-se uma janela para a vulnerabilidade. Ao compartilhar minha trajetória de pesquisa, percebi olhares atentos e rostos reflexivos do outro lado da tela. A história de Freire, que enfatiza a educação como prática da liberdade, ressoou em um novo contexto, onde nossas liberdades pareciam limitadas pelos contornos de nossas telas. As cabeças acenavam, e os comentários digitados traziam palavras de incentivo e identificação. Foi uma experiência bem diferente compartilhada em meio à distância. Em outra ocasião, durante uma aula de Tecnologias e Educação, o professor nos desafiou a apresentar nossa visão de uma escola futurista onde tudo seria online e professores e alunos, meros avatares. O exercício, embora fictício, despertou em nós uma reflexão profunda sobre o presente. Ao ligarmos as câmeras para a apresentação, não estávamos apenas expondo nossos rostos, mas também nossas inquietações e esperanças. O debate que se seguiu foi um dos mais intensos que já vivenciei. Discutimos não só o papel das tecnologias, mas também sobre os desafios de como manter a conexão que nos permite acessar ‘*conhecimentossignificações*’ produzidos pelos nossos interlocutores em suas ações cotidianas.

Carecemos de respostas definitivas e concretas para os desafios que vimos enfrentando, o que implica, mais do que nunca, nós nos mobilizarmos para colocar em prática o planejamento e a implementação de novas educações em tempos de pandemia. (Maddalena; Couto Junior ;Teixeira, 2020, p. 1521)

De acordo com Maddalena, Couto Junior e Teixeira (2020, p. 1521), como participantes das dinâmicas da cibercultura, é essencial reconhecer as potencialidades das redes digitais para promover formas de *'ensinaraprender'* mais colaborativas, permitindo que, coletivamente, possamos construir novos entendimentos sobre nossos contextos socioculturais. Assim, torna-se urgente fortalecer nossas ações e utilizar o digital em rede como um aliado para planejar intervenções que possam mitigar os problemas sociais desencadeados pela crise sanitária. Nesse contexto, há uma necessidade crescente de novas estratégias educacionais que incluam sujeitos geograficamente dispersos, exigindo uma reflexão sobre os caminhos da educação frente às transformações sociais provocadas pela pandemia.

Essa conscientização reforça a ideia de que o uso da câmera em aulas online deve ser uma escolha consciente, equilibrando o desejo de conexão visual com a empatia pela privacidade e as circunstâncias individuais dos estudantes. Afinal, o verdadeiro *'saberfazer'* ocorre num ambiente onde o respeito mútuo é a base da interação pedagógica.

4.14. NOTA 14 (03/12/22)

EU VIVO, RESPIRO, OBSERVO, SINTO o cheiro, os sons, o sinal, as vozes da escola. Na pandemia, o silêncio. O silêncio de um tempo que volta a falar comigo todas as vezes que experiencio dores, vazios, e os mistérios da sala de aula. A dor e a delícia de ser professora. As dificuldades de ser ouvida na escola ou na Academia⁸³, mas ao mesmo tempo ter a liberdade de poder gritar e alegrar-me ao produzir diferença⁸⁴, narrando uma existência coletiva em constante fluxo e transformação. A narrativa reflete o corpo que é negligenciado nas pesquisas com os cotidianos, e aqui, instaura uma ficção e não uma descrição da realidade. No caso do corpo que escreve essa dissertação, há luto, cansaço, esperança e resistência, mas há ainda,

os corpos que foram, no fim das contas, os receptores do vírus, do adoecimento, dos protocolos de segurança, da morte, do luto, das dores, da vacina, da máscara, do álcool gel, ao mesmo tempo que foram/são os disparadores da cura, da força, do recomeço, dos novos modos de comunicar, de produzir presença, de criar vínculos, de reconfigurar a relação entre a sociedade e a natureza etc. Os corpos – que gradativamente foram reencontrando o mundo, em movimentos de saída do domiciliar para o público – serão fundamentais (com suas próteses, suas sensações de ubiquidade, suas existências em metaversos e nas periferias ou centros das grandes cidades etc.) – para pensarmos o tipo de sociedade que desejamos reconstruir e os modos como praticaremos as formações escolares e acadêmicas, as pesquisas, os movimentos sociais, as relações de trabalho, os momentos de lazer, as artes, a comunicação, enfim, no tempo presente, em suas porções de atual e de virtual. (Nolasco-silva, 2024, p. 13)

Tornar-me autora da presente fabulação em forma de dissertação é um modo de subjetivação com possibilidades de pensar a pesquisa em seu potencial ético, estético, político, poético e epistemológico. O cotidiano e, sobretudo, a pesquisa com os cotidianos trazem um novo rumo no questionamento do real, é quase uma dança em que às vezes você é o corpo, a própria dança ou quem sabe o movimento (Alves, 2019a). As nossas redes cotidianistas não se

⁸³ Problematizo na presente dissertação, em uma conversa com Larrosa (2017) a utilização de uma escrita ensaística como um meio para questionar a escrita acadêmica, destacando como as políticas da verdade e as concepções predominantes de pensamento e conhecimento no meio acadêmico promovem certos estilos de escrita em detrimento de outros. “Nosso trabalho na academia tem a ver com o saber, é basicamente um trabalho com palavras. O que fazemos a cada dia é escrever e ler, falar e escutar. A partir disso, poderíamos dizer que o conformismo linguístico está na base de todo conformismo, e que falar como Deus manda, escrever como Deus manda e ler como Deus manda, ao mesmo tempo, é pensar como Deus manda. Também poderíamos dizer que não há revolta intelectual que não seja também, de alguma forma, uma revolta linguística, uma revolta no modo de nos relacionarmos-com-a-linguagem e com o que ela nomeia. Ou seja, que não há modo de "pensar de outro modo" que não seja, também, "ler de outro modo" e "escrever de outro modo' ”(Larrosa, 2017, p.17)

⁸⁴ A produção de diferença, conforme preconiza Foucault, implica um constante questionamento das normas e dos discursos dominantes, abrindo espaço para novas formas de pensar, de agir e de ser. É uma abordagem que nos desafia a reimaginar e a reconstruir as relações sociais, políticas e culturais em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva.

dão somente pela e na sala de aula, mas pelas nossas redes de 'saberesfazeres'. A pesquisa cria um mundo e eu crio o mundo me autorizando. Lembro com Ferraço (2021, p.112) da importância de trabalhar com narrativas como uma forma de valorizar a autoria, a beleza e pluralidade de estéticas nos discursos dos sujeitos.

Figura 36 – A professora artífice



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

 *Ao ingressar na escola, espaço esse de desenvolvimento, descobrimento e pertencimento, sofremos o reflexo da sociedade que se expande aos muros da instituição. Eu, enquanto professora, sinto-me como uma equilibrista circense. Não aquela que recebe aplausos e faz um monte de*

manobras. Mas aquela que se sente-se insegura na corda bamba e que jamais sabe como será o fim da aula, ou do show, como preferir.

Escrevo esse “fragmento-texto” ou “texto-fragmento” no momento em que aplico prova para uma de minhas turmas em setembro de 2023. Complexo o quanto a pesquisa fala, ecoa em minha mente até mesmo diante deste silêncio sepulcral. Escuto o som do ar-condicionado, algumas folhas sendo viradas, borrachas atritando no papel, suspiros carregados de dúvidas e a caneta tilintando sobre a mesa na suspensão das dúvidas. Lá de fora, também chegam alguns gritos de turmas que provavelmente estão no intervalo.

(Pausa na escrita com um pedido de banheiro)

Incrível como o cosmo escolar reflete um cotidiano vivo. Tão vivo que em alguns dias não sei se suporto tanta carga de vidas, histórias, escritos, afetos. A professora é também uma estudante que escreve juntamente com seus alunos. Estaria eu, também fazendo uma prova? Acredito que sim, de certa forma. Uma prova-dissertação/dissertação-prova? Sem essa maldita eles não se formam e eu também não. Em uma de minhas leituras com Larrosa (2017), ele problematiza a palavra “trabalho”⁸⁵ referenciando nossos escritos. Por que “trabalho”? Por que “prova”? O quê precisamos provar? Para quem precisamos provar? Juntamente com Nietzsche traz a reflexão de que o especialista é semelhante ao trabalhador da fábrica. O prazer esvai-se atrelado às obrigações, pressões, prazos e afins. E no contexto das aulas remotas, as provas continuaram, os prazos também, em uma realidade pautada em doenças, mortes, luto e muito medo. O sistema não nos permitiu parar.



Em tempos de pandemia, eu penso que a educação, historicamente terceirizada, ora, porque não é prioridade, ora, porque é lançada à disposição de quem deseja pensá-la de forma exclusiva, por vezes, privada, está neste momento, em praça pública, despida e olhando pelo retrovisor o que fizeram com ela ao longo de toda a sua trajetória. Nesse sentido, os

⁸⁵ “O ensaísta é um transeunte, um passeador, um divagador, um "extravagante", mas o mundo acadêmico está ligado, como diz Adorno, à moral do trabalho. Já pensaram alguma vez nas consequências de chamarmos de "trabalho" os nossos escritos e também os "trabalhos" de nossos alunos? Creio que merece uma reflexão o fato de que chamemos de "trabalhos" os exercícios de pensamento, de criação, de produção intelectual, tudo o que fazemos e o que pedimos que se faça. A pergunta é: o que ocorre quando a academia se organiza sob o modelo do trabalho?” (Larrosa, 2017, p. 24)

professores e alunos não estão enfrentando somente os efeitos revelados pela pandemia, que tornam o Ensino Remoto Emergencial um modelo necessário, mas os danos profundamente abertos em nossa desigual sociedade brasileira. Que caminha a passos largos na construção de arranjos, quebra-galhos, "gatos" e gambiarras para a continuidade de um projeto político em decadência para a maior parte da população, o chamado povo, que sobrevive à margem das garantias mais básicas, e que a educação se coloca, a cada dia em um horizonte mais distante, como possibilidade de existir e ou de alcançar futuro— quando o presente cumpre apenas o papel da desesperança. E quantas são as barreiras enfrentadas para a permanência em um caminho prometido, mas absolutamente imprevisível para quem nada possui? E se estamos tratando de Ensino, na modalidade Remota, de forma Emergencial, em meio à pandemia, onde está o básico sustentando a resposta? Internet? Computador? Tablet? Celular? Comida? Moradia? Vacina? Na disciplina de Tecnologias e Educação, eu me senti bastante confortável para cumprir o meu papel como estudante. Certo de que os desafios da minha vida pessoal nesse tempo sombrio atrapalharam de forma considerável. Mas certo também de que houve verdadeiro esforço para que ferramentas fossem mais acessíveis. O mesmo não ocorreu em outras disciplinas, onde não existiram, por exemplo, novas formas de avaliação, prazos mais longos, espaço para diálogo, o que considero fundamental. Seja em sala de aula presencialmente ou virtualmente, é preciso que o docente compreenda ao menos o mínimo a respeito do seu aluno. No ambiente virtual, tão frio quanto muitas salas de aula, engessadas e cinzas, se faz necessário que o diálogo, a busca sobre o outro, a compreensão da sua realidade, sejam exercícios permanentes.

Ou nos tornamos matrículas sem nomes e história.

Apenas números amontados de inscrição.

Que não revelam a vida, que não revelam o sonho, que não revelam a identidade, que não revelam as dores, que não revelam as grandes razões que fizeram com que cada aluno ocupasse esse espaço tão desejado pela grande maioria das pessoas quando descobrem que podem.

Por isso, nessa prova final, eu me permito a refletir de outro modo as questões levantadas: Compartilhando o que leio da história até aqui e como esse projeto, que anteriormente chamei de "decadente", atravessa a minha vida.

No cadastro, eu sou João. Mas o meu nome social é Jon. No cadastro, eu não tenho história. Mas eu sou educador popular há 12 anos. No cadastro, eu sou

um ser "sem luz". Mas eu coordeno um projeto de pré-vestibular com 120 professores e 88 alunos de favelas do RIO no ensino remoto emergencial. No cadastro, eu não tenho as melhores notas. Mas dediquei a minha vida a pensar, estudar e praticar educação. No cadastro, eu estou desesperado pelo tempo que voa para o envio de um trabalho que o assunto eu domino. Mas eu moro na Cidade de Deus, uma favela em que há poucos dias o Estado decidiu assassinar mais dois trabalhadores de moto. No cadastro, eu não tenho condições de compartilhar a minha trajetória, a minha experiência, o meu conhecimento. Mas certo de que morrerei nada sabendo, eu queria deixar o registro dos acúmulos que tenho e daqueles que herdei à margem de todos os direitos básicos.

Ao professor, na prova final, deixo o meu agradecimento pelas risadas em tempos tão difíceis para o nosso povo, dentro e fora da sala de aula. Na direção de uma educação que não pode mais ser resistência, mas prática em plenitude, pelo direito à vida, para todas as pessoas, em todos os ambientes possíveis, que serão, assim continuarei acreditando, à disposição do nosso povo.

4.15. NOTA 15 (04/12/22)

Um dos muitos componentes notáveis do luto é a criação da dúvida. Não, eu não estou imaginando coisas. (Adichie, 2021, p.70)

ESTOU ESCREVENDO sobre a minha tia e minha amiga, na minha dissertação em uma história no passado, e não consigo acreditar que estou escrevendo sobre elas no passado.

O tempo que a pandemia mais afeta a primeira vista é a experiência de *khrónos*. É claro que a pandemia não afeta *khrónos* enquanto tal, pois os relógios continuam passando ao mesmo ritmo, com ou sem pandemia. Contudo, nossa experiência cronológica, nossa relação com o tempo do relógio (ou do celular) tem sido profundamente alterada. Para alguns, submetidos a uma exigência ainda maior que antes da pandemia, ele se tornou mais voraz e frenético. Para outros, ele desacelerou. A maior ou menor medida na passagem de *khrónos* traz como consequência possibilidades ou impossibilidades de experimentar as outras formas da temporalidade. Quanto mais estressados e atormentados pelas demandas em *khrónos*, menos tempo para pensar, assistir um filme ou brincar com qualquer coisa. Não me refiro apenas a menos tempo cronológico, mas também a menos condições de experimentar um tempo de oportunidade e intensidade. Nesse sentido, talvez seja tempo de voltar à infância, não a nossa infância cronológica, mas, sim, ao nosso tempo de infância, aquele que vivemos quando crianças cronológicas e que como educadores temos sido capazes de manter vivo, cultivar e cuidar, como fazia um tal Paulo Freire, que recebeu entre tantos outros prêmios e reconhecimentos, o de “bambino permanente” (menino permanente) quando tinha 69 anos de idade. Quem sabe a inspiração venha de uma criança, de uma infante cronológica que vive um outro tempo de educação. (Kohan, 2020, p. 7)

Finalmente entendo por que as pessoas fazem tatuagens daqueles que perderam.
A necessidade de expor não só a perda, mas o amor, a continuidade. (Adichie, 2021, p.70)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um ato de resistência e uma recusa: é a dor lhe dizendo que acabou, e o seu coração dizendo que não; a dor tentando encolher seu amor para deixá-lo no passado, e o seu coração dizendo que o amor é no presente. Pouco importa se eu quero ser mudada, porque estou mudada. Uma voz nova faz força para vir à luz na minha escrita, cheia da proximidade que sinto em relação à morte, da consciência da minha própria mortalidade, uma trama muito delicada, muito claramente presente. Uma urgência nova. Uma impermanência no ar. Preciso escrever tudo agora, pois quem pode saber quanto tempo eu tenho? (Adichie, 2021, p.70)

DESAFIAR O TEMPO E O PENSAMENTO com as proposições de Deleuze é uma perturbação em um contexto educacional regido pela matriz platônica. Suas ideias rompem limites já estabelecidos e consagrados, retirando a segurança dos processos e não deixando nada intocado. Invocar o modo de pensamento de Deleuze e trazê-lo como companhia de pesquisa na impermanência da educação, normalmente iluminada pelo prisma da reconhecimento, é como “soltar um comprimido efervescente em um copo d’água” (Silva, 2020). Isso gera movimento, afetação, ruído, entusiasmo e transformação. O crítico literário Antônio Candido, ao ser convidado pelo Movimento Sem Terra (MST) para a inauguração de uma biblioteca em São Paulo, enunciou um discurso que contribui com as ideias defendidas por aqui:

Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, “tempo é dinheiro”. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo com o universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: “eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize”. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada (CANDIDO, 2006).

“*Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos*”...⁸⁶ o tempo⁸⁷ deve ser visto como um direito fundamental, valorizado como o tecido da vida, fundamental para os afetos e o

⁸⁶ Trecho da música “Oração ao tempo” do compositor Caetano Veloso.

⁸⁷ Concordo com Kohan (2020, p.6) que “um dos efeitos principais provocados pela pandemia naqueles envolvidos em processos educacionais recai sobre nossa experiência do tempo. Certamente, ela nos afeta diferentemente e não pretendo simplificar algo tão complexo. Partirei de uma distinção primária entre os que atuamos na educação pública e os que atuam na educação privada. Naqueles submetidos às exigências de empresas dedicadas ao negócio educativo, a pandemia pode estar provocando uma sensação de vertigem ainda maior em função da necessidade de se adequar veloz e violentamente a uma situação em que “a empresa educativa” não pode parar. As cobranças continuam as mesmas, só que com efeito multiplicado pela dificuldade de um contexto para o qual ninguém estava preparado. Ao contrário, em aqueles que trabalhamos na educação pública, e mais especificamente nas universidades que suspenderam suas atividades de ensino, a pandemia provoca uma desaceleração e até uma

desenvolvimento humano. A ideia de que "tempo é dinheiro" é uma perspectiva reducionista que trata o tempo como um recurso econômico, desconsiderando suas dimensões humanas, sociais e culturais. “*Por seres tão inventivo, e pareceres contínuo*”⁸⁸ durante a pandemia, essa visão se mostrou particularmente inadequada e até prejudicial. Primeiramente, a pandemia forçou uma reconfiguração do cotidiano e das prioridades. O isolamento físico e o trabalho remoto trouxeram à tona a necessidade de um equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, enfatizando que o tempo não pode ser apenas contabilizado em termos monetários. A saúde mental e o bem-estar das pessoas tornaram-se aspectos críticos, e a ideia "tempo é dinheiro" falhou em capturar essa complexidade. Nos cotidianos escolares, a transição abrupta para o Ensino Remoto destacou ainda mais as limitações dessa perspectiva. Essa ideia não considera a importância do tempo dedicado a interações significativas, à criatividade e ao desenvolvimento pessoal. A educação não pode ser tratada como uma mera transação econômica. O valor do tempo gasto na educação deve ser medido pela qualidade do aprendizado, o desenvolvimento emocional e social dos estudantes, e a capacidade de adaptação a novas tecnologias e metodologias de *'ensinaraprender'*. Além disso, a pandemia mostrou que o tempo é um recurso finito e precioso, que deve ser valorizado não só pelo seu potencial de gerar lucro, mas pelo seu papel na construção de relações, no cuidado com a saúde e no desenvolvimento intelectual. O tempo dedicado à família, aos amigos e a si mesmo é fundamental para uma vida equilibrada e saudável. Portanto, a pandemia nos ensinou que "tempo é vida" e que “*és um dos deuses mais lindos*”⁸⁹. Reduzir o tempo a uma simples equação econômica ignora a riqueza das experiências humanas e a importância de usá-lo para o crescimento pessoal, para a aprendizagem e a conexão com o outro, por isso,

*Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo*

suspensão da experiência do tempo educativo pela possibilidade de repensar os sentidos e as condições do que se faz.”

⁸⁸ Trecho da música “Oração ao tempo” do compositor Caetano Veloso.

⁸⁹ Trecho da música “Oração ao tempo” do compositor Caetano Veloso.

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo
O que usaremos pra isso
Fique guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e migo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Portanto, peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo⁹⁰*

⁹⁰ Música “Oração ao tempo” do compositor Caetano Veloso sem a primeira estrofe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2iglhxA> Acesso em: 20/05/24.

Figura 37 - O Deus Tempo



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Por meio desse diário de autoficção, fortemente inspirado em eventos reais, em histórias de pessoas comuns que foram cartografadas, mixadas e sampleadas, num processo de bricolagem tecnológica, durante a pandemia de COVID-19, busquei refletir acerca da importância das expressões individuais, na formação de novas formas de vida e na documentação de narrativas *'doscentesdiscentes'* durante o Ensino Remoto Emergencial. Essas narrativas, produzidas/fabuladas no bojo da Cibercultura, constituem a matéria-prima da presente pesquisa, e operam em equilíbrio de importância com aquilo que foi produzido pelos teóricos academicamente legitimados.

Como pesquisadora, reconheço que as experiências coletivas e pessoais influenciaram diretamente o processo de investigação, não apenas como uma simples descrição da realidade, mas como uma criação de novas realidades. Adotei uma abordagem desvencilhada do texto acadêmico tradicional, explorando também as linguagens da hipermídia para ampliar o alcance e a circulação das ideias. A personagem Maria, uma professora de Literatura e estudante de Pós-graduação, serviu como uma narradora. Através dela, examinei como o ERE impactou as práticas acadêmicas, misturando memórias pessoais com elementos ficcionais.

O conceito de "Hiperescritas de si" (Maddalena, 2018), central para entender as narrativas do 'eu' na hipermídia, reafirmou um coletivo de vozes construídas através de textos, imagens,

vídeos, e outros elementos digitais. Além disso, a cartografia online foi fundamental para mapear como estudantes e professores mantiveram suas práticas educacionais durante a pandemia, por meio das tecnologias digitais e práticas da cibercultura para criar novas formas de *'ensinaraprender'*. Assim, o presente diário reflete uma escrita que combina ficção, memória e experiências pessoais (Maddalena, 2018). Inspirada por figuras como Frida Kahlo e Chimamanda Adichie, a narrativa mistura elementos lúdicos e dramáticos, criando uma pesquisa que é tanto um processo de autoexploração quanto uma contribuição crítica para a academia.

Figura 38 - A arte de fazer que pressupõe uma arte de pensar



Fonte: Imagem cocriada por mim em parceria com a inteligência artificial ChatGPT desenvolvida pela OpenAI.

Diário. Autoficção. Academia. Pandemia. Notas. Ensino remoto emergencial. Compreendi que o ensino remoto foi mediado por corpos de professores e estudantes inseridos no *'espaçotempo'* da cibercultura. É crucial preparar os professores para integrar currículos

cibersituados, mesmo no ensino presencial, ampliando a concepção de tecnologias e reconhecendo o corpo do professor como a primeira tecnologia a partir da qual todas as outras operam (Nolasco-Silva, 2024). Nesse sentido, a pandemia destacou a importância de repensar a educação, levando em conta a experiência do ensino remoto e a necessidade de reinvenção das escolas e da academia. Por aqui, há garantias de que a autoficção é uma ferramenta poderosa nesse contexto, permitindo o compartilhar de experiências, notas e reflexões diárias, até mesmo em um processo doloroso como o luto, enriquecendo o processo de *'ensinaraprender'* na vida e nas práticas cotidianas. Aprendi que este período não foi apenas uma adaptação forçada a um novo modelo pedagógico, mas um profundo mergulho nas incertezas e angústias de um mundo em transformação. A pandemia, com sua brutalidade silenciosa, fragmentou nossa realidade, deixando-nos a tarefa árdua de reconstruí-la com as ferramentas que tínhamos à disposição: telas, teclas e, sobretudo, resiliência.

As notas que compõem este diário são, em muitos aspectos, como *"cacos-fragmentos"* de um tempo em que o medo da morte e a perda de entes queridos estavam sempre presentes, assombrando cada passo dado na corda bamba da existência. No entanto, assim como o conceito de Gabriel dos Santos, esses pedaços de vivências e memórias foram lentamente reorganizados, compondo uma narrativa que, embora dolorosa, é também uma celebração da capacidade humana de *"bricolar"*.

Durante o ERE, a *"pedagogia da paciência"* emergiu como uma possível resposta às dificuldades impostas pela súbita transição para o ensino online. Este "conceito", que não constava em nenhum plano de aula, passou a desenhar o cotidiano escolar do ensino remoto. Aprender a lidar com a ausência física, interpretar silêncios digitais e valorizar pequenas manifestações de presença online tornou-se uma habilidade. A música, transformou-se em uma companheira, ajudando-me a processar a enxurrada de emoções que o isolamento e as incertezas trouxeram.

As *"bricolagens"* e soluções improvisadas que muitos outros educadores e eu desenvolvemos, demonstram que a vida não se restringe ao que é imposto; ela é constantemente recriada por meio de pequenas ações que desafiam as limitações sistêmicas e culturais. Este período de "luto" educacional não só expôs as fragilidades das *políticas públicas de conexão* e formação para a *cibercultura*, como também sublinhou a força e a *inventividade* que emergem em tempos de crise.

A *tela*, que se tornou a nova interface das nossas vidas, também se revelou como um espelho onde refletimos nossas escritas de enunciação, nossas performances e nossa maneira

de habitar o mundo. O *cibercorpo*, fragmentado e reconfigurado pelas tecnologias digitais, tornou-se o principal meio de presença e interação com o outro, desafiando nossas concepções tradicionais de *corporeidade e presença*. Essa realidade trouxe à tona novas formas de subjetivação, onde narrar a si mesmo através da hipermídia se tornou uma prática comum, reafirmando o eu em meio à complexa trama das *redes ciberculturais*.

Assim, a escrita deste diário não é apenas uma documentação de *experiências* durante o ERE; é também um exercício de *subjetivação*, um modo de dar sentido ao caos, de reorganizar os fragmentos da realidade e de encontrar novas formas de existir como educadora e pesquisadora. Neste processo, o *cotidiano* se revelou um '*espaçotempo*' de resistência e criatividade, onde a dança entre as redes do real e do ficcional, do individual e do coletivo, abriram novas possibilidades para o pensar e o fazer pedagógico.

Concluo esta dissertação com a certeza de que este período deixou marcas permanentes, não somente em minha prática docente, mas em minha própria vida. A *pandemia* nos forçou a confrontar nossas vulnerabilidades, a questionar nossas certezas e a buscar, nas interações mediadas pelas tecnologias digitais, novas formas de ensinar, aprender e viver. Como educadores, fomos desafiados a repensar nossas práticas, a nos reinventar diante do inesperado, e a construir, em meio ao caos, novas possibilidades de existência e ensino. A jornada foi difícil, mas também profundamente transformadora, revelando o imenso potencial da educação para *criar, resistir* e, acima de tudo, *humanizar*.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda N. *O perigo de uma única história*, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: 8 fev. 2024.

_____. *Notas sobre o luto*. Editora Companhia das Letras, 2021.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

_____. *Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. Formar docentes: Processos e redes educativas de formação, com a experimentação possível. ALVES, Nilda. *Formação em Movimento* v.5, especial, n.10, p. 37-47, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/formov/article/view/740/672> Acesso em: 27 fev. 2024.

_____. "*Formação Docente e Redes Educacionais*", 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2023.v5e.n10.37-47>.

_____. *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos/ organização e introdução* Alexandra Garcia, Inês Barbosa de Oliveira; textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. O conceito de espaço-tempo nas práticas pedagógicas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, n. 143, p. 788-805, set./dez. 2011.

_____. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, p. 115-33, 2019b.

_____; FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Marco Antonio Oliva. *OS COTIDIANOS – espaçostempos de resistência e criação*. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 3, p. 1026-1038, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v19.n3.13>. Acesso em: 12 fev. 2024.

_____, ANDRADE, L. A. de & CALDAS, R. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019a. p. 19-45

_____, ANDRADE, L. A. de & CALDAS, R. *Pesquisas nos/dos/com os cotidianos no Brasil: trinta anos de história*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 100(25), 456-472, 2019.

ARANTES, Guilherme. *Meu mundo e nada mais*. Faixa no álbum Guilherme Arantes. São Paulo: Sony Music, 1976.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Brasil a Educação a Distância. Lei nº 9.057, de 25 de maio de 2017, 2017. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CARVALHO, Felipe; POCAHY, Fernando. Cibercartografia: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na cibercultura. In: OSWALD, Maria Luiza; FERNANDES, Adriana Hoffmann; SILVA, Dagmar Mello; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino (Orgs.). *Metodologias de pesquisa online: investigando em/na rede com o outro*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 175-203.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*:1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos. *Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação*. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 91-108, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2weX6Bj> Acesso em: 5 fev. 2024.

DELEUZE, Gilles. *Entrevista concedida por Deleuze à Claire Parnet, em 1986*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-C2BIFUu9M&t=1s>. Acesso em 13 fev. 2024.

_____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.

_____. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Série de entrevistas concedidas à jornalista Claire Parnet em 1991 e veiculadas na TV Escola em 2002.

_____; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FERRAÇO, C. E. *Cotidianos, conhecimentos e currículo: por uma pedagogia da pesquisa-ação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Nova Vega, 2009.

_____. “À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours” (entrevista com H. Dreyfus e P. Rabinow, segunda versão) In: *Dits et écrits (1980-1988)*, IV, Paris: Gallimard, 1994, 609-631.

_____. *Tecnologias de si*, 1982. Verve, 6: 321-360, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HENRIQUE, T. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPTG5>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

HESS, Remi. *O momento do diário de pesquisa na educação*. AMBIENTE & EDUCAÇÃO. v. 14, 2009. p. 61-87. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1137/447>. Acesso em: 29/08/2024.

KAHLO, Frida. *O Diário de Frida Kahlo: Um Autorretrato Íntimo*. São Paulo: José Olympio, 1996.

KASTRUP, Virgínia. *Aprendizagem, arte e invenção*. Psicologia em Estudo, v.6, n.1, jan./jun., p.17-27, 2005.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Praxis Educativa*, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 3 set. 2024.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. *Experiência e Alteridade em Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LEMOS, André. *Cultura da mobilidade*. Revista Famecos, Porto Alegre: v. 1, n. 40, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. *O Olhar Distante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MADDALENA, T. L.; NOLASCO-SILVA, L. PANDEMIA ILUSTRADA: criações curriculares a partir da contação de histórias digitais. Revista Espaço do Currículo, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.64553>

_____, Tania Lucía. *Storytelling na pandemia: experiências, memórias e ficções*. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1165>>. Acesso em: 29.08.24

_____, T. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; TEIXEIRA, M. M. *O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 5, n. 16, p. 1518–1534, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525-

426X.2020.v5.n16.p1518-1534. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9184>. Acesso em: 3 set. 2024.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane Paris; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Spink, Mary Jane Paris.; Brigagão, Jacqueline Isaac Machado; Nascimento Vanda Lúcia Vitoriano do; Cordeiro, Mariana Prioli (Orgs.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. *Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos*. Salvador: Devires, 2019.

_____, Leonardo; BIANCO, Vittorio Lo; DELGADO, Matheus. A pedagogia do vírus: Cotidianos e educações não presenciais. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 6 - N. Especial II – p. 348-365, jun - out 2020: “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/riae.2020.52263>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

_____, Leonardo; FARIA, Lia; BIANCO, Vittorio Lo. Educação a Distância, cultura da convergência e audiovisualidades: apontamentos para a formação de professores. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-21, jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/355KLFg> Acesso em: 5 fev. 2024.

_____, Leonardo; MADDALENA, Tania Lucía. O corpo, a tela e a produção de presença na EaD. *Revista Científica em Educação a Distância*. 2021. NOLASCO-SILVA, Leonardo. A professora artífice ou: Sobre Dramaturgias ‘docentesdiscentes’. *Revista Arcos Design*, v. 15, p. 70-86, 2022.

_____, Leonardo; MADDALENA, Tania Lucía. Hiperescritas de si, currículos insurgentes e educação online: modos de fabular as docências na pandemia (e além dela). *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45542>. Acesso em: 29 fev. 2024.

_____, Leonardo; MADDALENA, Tania Lucía. “Os olhos tristes da fita rodando no gravador”: as tecnologias educacionais como artesanias docentesdiscentes, 2018. 207 p. Tese de Doutorado: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10486>. Acesso em: 25 jan. 2024.

_____, Leonardo. As redes educativas de ‘prácticasteorias’ cibercorporais. *EaD em Foco*, v. 14, n. 2, e2266, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i2.2266>.

_____, Leonardo. *Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos*. Salvador: Editora Devires, 2019.

_____, Leonardo; LO BIANCO, Vittorio. Os isolados e os aglomerados da cibercultura: ensino remoto emergencial, educação a distância e educação online. 1. ed. – Salvador, BA: Devires, 2022a.

_____, Leonardo. *A professora artífice ou Sobre Dramaturgias ‘docentesdiscentes’*. *Arcos Design*, v. 15, n. 1, p. 70-86, 2022b. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/65411/41587>. Acesso em: 15 fev. 2024.

POCAHY, Fernando Altair; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. 2020. A CARTOGRAFIA COMO PESQUISA-IN(TE)R)VENÇÃO DO/NO PRESENTE: modos de/para pensar-fazer a formação docente. *Revista Ciências Humanas*. Taubaté/SP - Brasil, v. 13, n 1, edição 26, p.10. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/622>. Acesso em: 25 fev. 2024.

_____, F. M.; FELIPE, J. M. *Cartografias do cotidiano: estratégias metodológicas em pesquisa com adolescentes*. Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 24, n. 2, p. 108-124, jul./dez. 2017.

RIBETTO, A. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

REIS, Graça Regina Franco da Silva; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patricia. *Dicionário de Pesquisa Narrativa* Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

SANTOS, Beatriz Oliveira; LIMA, Carlos Eduardo Ferreira. *Transformações digitais: Do impresso ao digital na era da informação*. São Paulo: Editora Alcance, 2017.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-Formação na Cibercultura*. Teresina: ED: EDUFPI, 2019.

_____, Edméa; RIBEIRO, Mayra; FERNANDES, Terezinha. Ciberformação docente em contexto de pandemia: multiletramentos críticos em potência. In: KERSCH, Dorotea Frank... [et al.] (Orgs). *Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021.

_____, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, Sessão Notícias, s/p, junho 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2ZYm2tk> . Acesso em: 15 dez. 2023.

SILVA, Ana Lúcia Pereira. *Saúde mental e ensino remoto: desafios e perspectivas durante a pandemia de COVID-19*. Revista Brasileira de Educação e Saúde, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 1-10, 2020.

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, Marco. (org.) *Educação Online*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SOARES, Maria da Conceição Silva; FERRACO, C. E.; ALVES, Nilda. Michel de Certeau y las investigaciones en/de/con los cotidianos en educación en *Brasil*. *PEDAGOGIA Y SABERES*, p. 7-17, 2017. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/5224>. Acesso em: 28 fev. 2024.

_____, Maria da Conceição Silva. Sabedoria e ética para "salvar a própria pele". *Educação e Sociedade*. [online]. 2010, vol.31, n.110, p. 57-71. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000100004>. Acesso em: 28 fev. 2024.

_____, Maria da Conceição Silva; NOLASCO-SILVA, L. Diferença, identidade e ficção: tecer currículos em redes, narrar os cotidianos e inventar o presente. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15 n.3, p. 588-598, 2015. Disponível em: <https://produzindoaudiovisualidades.files.wordpress.com/2016/04/diferenc3a7a-identidade-e-ficc3a7c3a3o-tecer-currc3adculos-em-redes-narrar-os-cotidianos-e-inventar-o-presente-leonardo-nolasco-conceic3a7c3a3o-soares-currc3adculo-sem-fronteiras.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____, Maria da Conceição; PAIVA, V. M. B. Alegria de viver, a força maior para agir pensar e criar currículos nos/com os cotidianos dentro e fora das escolas. *Cadernos de Pesquisa em Educação* PPG.E.UFES, v. 45, p. 63-81, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/19020/12922>. Acesso: 28 fev. 2024.

_____, Maria da Conceição Silva. Pesquisas com os Cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência. *Educação e Realidade*. [online]. 2013, vol. 38 n.03, p. 731-745. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/22829>. Acesso em: 28 fev. 2024.

_____, Maria da Conceição Silva. Não existe um currículo no Brasil. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 18, n. 107, p. 5-13, set./out. 2012.

VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araújo; BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. A cultura da liberdade de criação e o cerceamento tecnológico e normativo: Potencialidades para a autoria na educação. In: *Educação Temática Digital*. Campinas, SP v.18 n.1 p. 43-59 jan./abr. 2016.